

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/LINGÜÍSTICA**

MARGARETE VON MÜHLEN POLL

**BASTARDO OU FILHO LEGÍTIMO: A TEORIA TRADUTOLÓGICA
DUALISTA DE FRIEDRICH SCHLEIERMACHER**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras-Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. Werner Heidermann

FLORIANÓPOLIS, FEVEREIRO DE 2001.

BASTARDO OU FILHO LEGÍTIMO: A TEORIA TRADUTOLÓGICA DUALISTA DE FRIEDRICH SCHLEIERMACHER

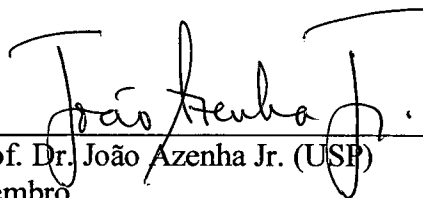
MARGARETE VON MÜHLEN POLL

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do grau de Mestre em Letras/Linguística pela
Universidade Federal de Santa Catarina.

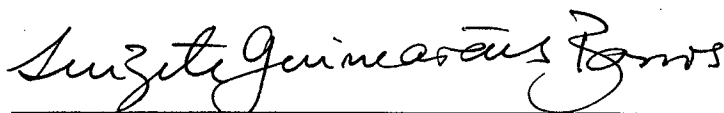
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Werner Heidermann (UFSC)
Orientador

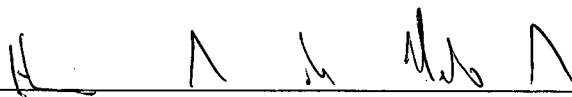


Prof. Dr. João Azenha Jr. (USF)
Membro

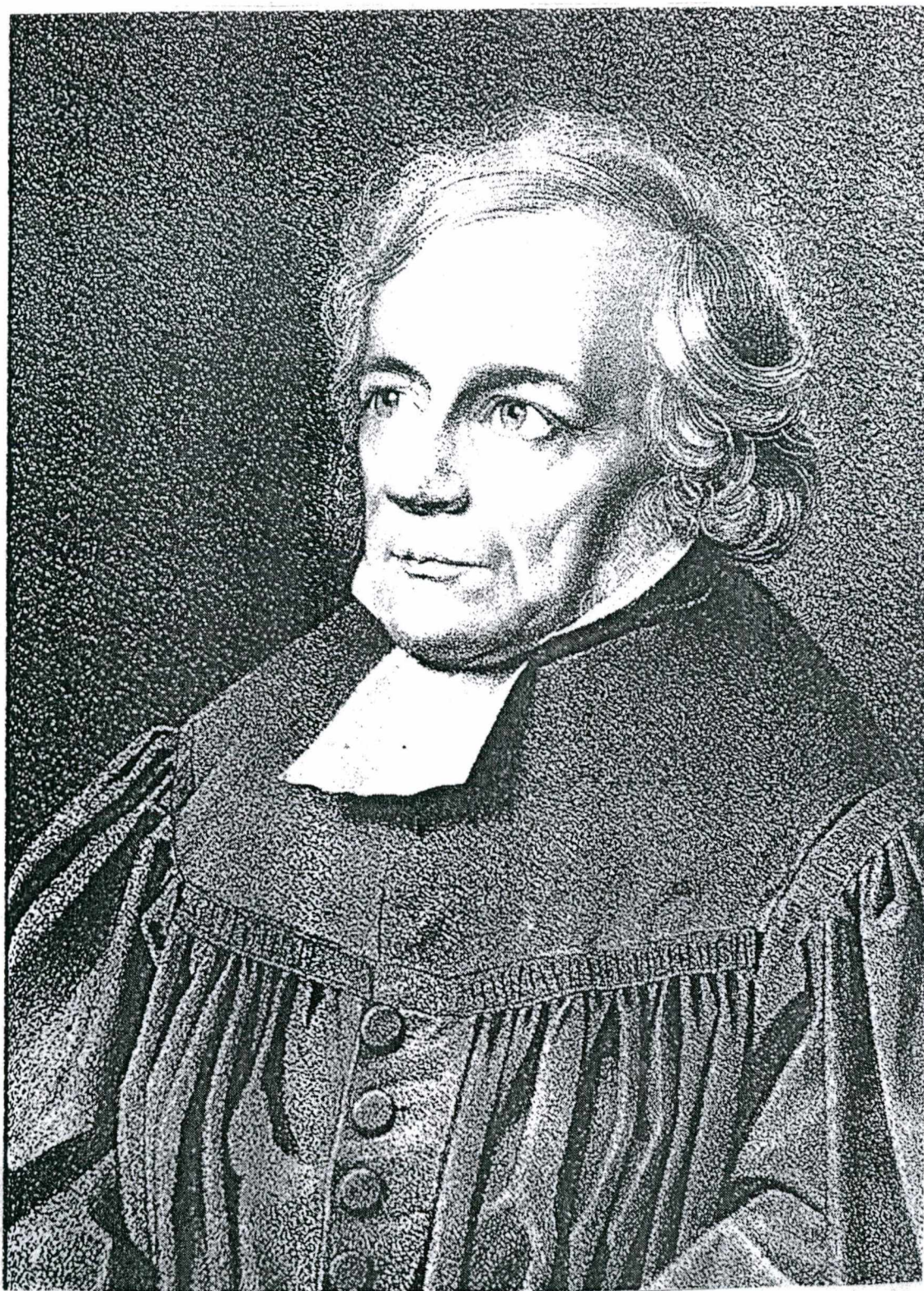


Prof.ª Dr.ª Luizete Guimarães Barros (UFSC)
Membro

Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Vasconcellos (UFSC)
Suplente



Prof. Dr. Heronides M. de Melo Moura (UFSC)
Coordenador do Curso



Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher

(in: KANTZENBACH, Friedrich, W. *Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher*.

Hamburg: 7. Aufl. Rowohlt, 1995, p. 109.)

Ao professor Werner Heidermann, por ter me aceitado e ter sido meu “Wegweiser” neste trabalho.

À Capes, órgão financiador da pesquisa.

À professora Rosane Umbach, por ter feito considerações tão valiosas à tradução.

À Mônica, por ter lido a versão e o trabalho com cuidado e carinho.

A todos que me incentivaram e apoiaram nesta jornada.

SUMÁRIO

RESUMO	VI
ABSTRACT	VII
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – FRIEDRICH SCHLEIERMACHER E SUA ÉPOCA.....	5
1.1 - FRIEDRICH SCHLEIERMACHER.....	5
1.2 - O ROMANTISMO ALEMÃO COMO CONTEXTO DA OBRA DE SCHLEIERMACHER	8
CAPÍTULO II - A OBRA E SEU IMPACTO NA TEORIA TRADUTOLÓGICA	16
2.1 - TRADUÇÃO X INTERPRETAÇÃO	20
2.2 - MÉTODO ESTRANGEIRIZADOR <i>VERSUS</i> MÉTODO EMANCIPADOR.....	24
CAPÍTULO III - REFLEXÕES SOBRE A TRADUÇÃO	35
3.1 - REFLEXÕES SOBRE O CAMPO LEXICAL.....	36
3.1.1 - <i>Conotação e denotação versus designação e sentido</i>	39
3.1.2 - <i>Os níveis lexicais</i>	43
3.1.3 - <i>Flexibilidade lexical</i>	44
3.1.4 - <i>Análise lexical de termos e expressões da tradução</i>	47
3.2 - QUESTÕES GRAMATICAIS.....	59
CAPÍTULO IV - A PRÁTICA TRADUTOLÓGICA COM OS MÉTODOS ESTRANGEIRIZADOR E EMANCIPADOR	69
CONCLUSÃO.....	82
BIBLIOGRAFIA.....	85
ANEXO A - TEXTO ORIGINAL: <i>UEBER DIE VERSCHIEDENEN METHODEN DES UEBERSEZENS</i>	89
ANEXO B - TRADUÇÃO: <i>SOBRE OS DIFERENTES MÉTODOS DE TRADUÇÃO</i>	105

RESUMO

Um dos objetivos deste trabalho é traduzir a obra *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens*, de Friedrich Schleiermacher, mantendo a versão próxima ao método estrangeirizador. A discussão sobre as máximas tradutológicas apresentadas pelo autor, a partir da concepção e da receptividade das mesmas por outros autores, aplicada a nossa tradução da obra, é outro dos nossos propósitos, bem como a abordagem de alguns pontos importantes nela tratados, como a diferenciação entre interpretação e tradução e a “irracionalidade” das línguas. O principal *corpus* que utilizamos neste trabalho é a própria obra de Schleiermacher e sua versão. Inicialmente, apresentamos uma curta biografia do autor e alguns pontos sobre o Romantismo Alemão, seguindo com a recepção e a discussão de suas idéias. Após, abordamos alguns problemas encontrados na tradução do texto e, no último capítulo, comparamos trechos de versões da obra realizados conforme ambos os métodos e seus respectivos problemas. A conclusão e a referência bibliográfica pesquisada fecham este trabalho. Anexa à dissertação está a obra de Schleiermacher que serviu de base para esta dissertação, tanto no original quanto a tradução da mesma por mim realizada para a nossa língua.

ABSTRACT

One of the purposes of this research is to translate the work “Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens”, by Friedrich Schleiermacher, keeping the version close to the foreign-turning method. The discussion on the translation maxims presented by the author, from their conception and receptiveness by other authors, applied to our translation of the work is another of our purposes, as well as the approach of some important points treated in it, like the differentiation between interpretation and translation and the “irrationality” of languages. The main *corpus* that we use in this work is the very work of Schleiermacher and its version. At first, we present a short biography of the author and a few points about German Romanticism, following with the reception and discussion of his ideas. After that, we approach a few problems found in the translation of the text, and, in the last chapter, we compare passages of versions of the work made according to both of the methods and their corresponding problems. The conclusion and bibliographic references researched finish this work. Attached to the dissertation is Schleiermacher’s work which served as the ground for this dissertation, in the original work as well as in my translation of it for our language.

INTRODUÇÃO

Ao nos depararmos com algum texto na área de Teoria da Tradução, não conseguimos nos ater somente à teoria ali apresentada, tentamos logo aplicar as idéias nele abordadas. E foi exatamente o que aconteceu quando entrei em contato com a obra *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens*¹ (Sobre os diferentes métodos de tradução)², de Friedrich Schleiermacher. Porém, após uma primeira leitura, confesso, não consegui abstrair muito bem as idéias nela abordadas, além de ter achado a leitura um tanto complexa. Foi somente após lê-la várias vezes que percebi o que ela representa para a Teoria da Tradução e para a lingüística aplicada como tal.

O texto impressionou-me não somente pelo seu conteúdo, mas também pela própria forma de escrever do autor. Soube, então, que ainda não havia uma tradução da obra para a nossa língua. Foi assim que surgiu a idéia de traduzi-la e, quem sabe, aplicar e verificar a validade das idéias nela apresentadas à tradução do próprio texto? Pensei, inicialmente, que não conseguiria realizar este trabalho, mas se não tentasse, como sabê-lo? Então, resolvi deixar as dúvidas de lado e me pus a trabalhar, com a consciência de que se o conseguisse realizar, seria uma grande contribuição para muitos teóricos de tradução e tradutores que não dominam a língua alemã e gostariam de ter acesso à obra.

➡ Sabemos que há muitos textos importantes na área da tradutologia que ainda precisam ➡ ser vertidos para a nossa língua, pois, infelizmente, essa área ainda não goza do merecido

¹ Na transcrição de trechos da obra de Schleiermacher, manteremos a ortografia original. Por isso escrevemos o termo *Uebersetzens* sem a consoante *t*, que a ortografia alemã atual exige.

² SCHLEIERMACHER, Friedrich D.E. *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens*. In: *Friedrich Schleiermacher's sämtliche Werke*. Dritte Abtheilung: Zur Philosophie, Zweiter Band, Berlin (Reimer), 1838, S. 207-245.

prestígio. A falta de versão de obras importantes pertinentes ao assunto, incluindo-se aqui a obra de Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher, também é um indício da desatenção para com essa ciência.

Com o estudo a que aqui me proponho, penso poder contribuir um pouco para a mudança desse quadro. O trabalho parte da própria experiência de tradução da obra *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens* e de outras versões realizadas anteriormente. É também uma tentativa de trabalhar algumas questões polêmicas na área da tradutologia apresentadas pelo autor, já há dois séculos, e nunca trabalhadas especificamente sob a perspectiva schleiermacheriana.

O objetivo desta dissertação é realizar a tradução da obra acima mencionada e, a partir das questões nela discutidas pelo autor e da minha prática tradutológica da mesma, comentar alguns pontos defendidos na obra e defrontá-los com as idéias de outros autores da área, em uma primeira instância. Além disso, pretendo discutir certos problemas encontrados na versão do texto e confrontar, na prática, os dois métodos apresentados pelo autor.

Para que possamos entender melhor a época, ou seja, o contexto histórico e cultural, e a motivação por que Friedrich Schleiermacher discute as duas máximas - estrangeirizar ou emancipar o texto da tradução -, é importante situá-lo historicamente em seu período de atuação e a sua relação para com as preocupações de então. Assim, no primeiro capítulo, apresentarei uma curta biografia do autor, traçando os momentos mais importantes de sua vida acadêmica e profissional. Pelo fato de ele, em momento algum, ter se dissociado das questões políticas e por ter sido defensor de um Estado Nacional alemão, fato também bastante visível na obra, tecerei alguns pontos sobre o Romantismo Alemão e sobre o movimento de nacionalização que inspirou grande parte das obras desse período.

No início do capítulo II, faço uma abordagem sobre a recepção da obra de Schleiermacher no Brasil e no exterior. É sabido que as idéias nela apresentadas transparecem de uma ou de outra forma em grande parte da literatura pertinente à tradutologia, seja no que diz respeito à relatividade lingüística, também abordada na obra, quanto à dualidade interpretação *versus* tradução ou mesmo em relação às duas máximas tradutológicas.

Na primeira subdivisão desse capítulo, trato em especial da dicotomia tradução *versus* interpretação apresentada pelo autor e cujo conceito, segundo ele, é palco de muita confusão na área tradutológica. Na última parte desse capítulo, escrevo sobre a segunda dicotomia por ele apresentada e que representa a questão central da obra: método estrangeirizador *versus* método emancipador. A teoria schleiermacheriana representa um contraponto a *Belles Infidèles*, escola tradutologica até então bastante prestigiada.

A tradução que realizo da obra de Schleiermacher, e que está anexa a esta dissertação, tenta aproximar-se tanto quanto possível do método estrangeirizador por ser a forma defendida pelo autor. Com isso, objetivo testar a validade e/ou a aplicabilidade do mesmo.

Não basta ao tradutor apenas optar por um ou outro método para realizar o seu trabalho, pois ele não lhe diz como esta ou aquela palavra, expressão, conceito deve ser traduzido de uma língua para outra; ele pode, sim, orientá-lo quanto ao caminho a tomar. Schleiermacher nos indica dois, que, contudo, não livram o tradutor de problemas lexicais, gramaticais que envolvem ambos os códigos lingüísticos em jogo bem como a diferença cultural entre ambas as comunidades envolvidas. É sobre estas questões aplicadas a minha tradução da obra que tratarei no capítulo III.

No quarto e último capítulo, contraponho, na prática, ambos os métodos discutidos por Schleiermacher através de dois trechos curtos do texto. Por meio de esta amostra, penso que o leitor conseguirá ter um panorama do que significa estrangeirizar ou emancipar um texto.

Suponho que a tradução estrangeirizadora possa, de certa forma, receber muitas críticas de um leitor que não conhece o idioma alemão pelo fato de ela ser redigida em um português estranho para esse tipo de receptor. Assim ele estranhará a leitura da mesma e, talvez, a classificará como uma tradução não muito boa, pois o português desse texto lhe será estranho. Por outro lado, penso que os leitores que dominam o idioma de partida conseguem lê-la sem problemas, pois transferem a estrutura gramatical e a forma de pensar para este, lendo, no entanto, no código da nossa língua.

Após deparar-se com ambas as práticas tradutológicas, cabe ao leitor julgar qual dos “filhos” da tradução ele prefere, o *bastardo* ou o *legítimo*, analogia utilizada pelo autor para

designar o método estrangeirizador e o emancipador, respectivamente. É sabido que as diferenças (tanto lingüísticas quanto culturais) de um idioma para o outro não podem ser totalmente removidas do texto de partida para o de chegada, mas a tradução tem a função de reduzi-las tanto quanto possível, desde que isso não implique uma perda de conteúdo ou da própria identidade da obra.

Nas considerações finais, retomo os principais pontos abordados, tecendo algumas possíveis conclusões, pois o assunto é amplo e dá margem a muitos trabalhos específicos sobre cada uma das questões abordadas. A tradução da obra que serviu como principal *corpus* para esta dissertação bem como o seu original estarão anexos a este trabalho.

Por fim, gostaria de esclarecer que todas as traduções das obras citadas na bibliografia nas línguas alemã, inglesa e espanhola, foram realizadas por mim. Por questão de fluidez na leitura do texto e para evitar uma repetição aos leitores que dominam ambos os idiomas, optei por não incluir as citações em suas línguas de origem, exceto quando necessário para análise, como ocorre com a obra de Friedrich Schleiermacher.

CAPÍTULO I – FRIEDRICH SCHLEIERMACHER E SUA ÉPOCA

1.1 - Friedrich Schleiermacher

Friedrich Schleiermacher, filho de pastor militar e neto de também pastor, nasceu em Breslau, Alemanha, em 21 de novembro de 1768 e faleceu de infecção pulmonar, em Berlim, em 12 de fevereiro de 1834. Casou-se e teve quatro filhos.¹

Cedo, seus pais decidiram confiar a educação dos filhos a escolas da Brüdergemeine (comunidade de irmãos morávios). Os alunos de tais instituições, em geral, seguiriam para seminários e tornar-se-iam professores ou pastores.

Já em 1783, ele entrou no Pedagogium em Niesky, de onde os alunos eram encaminhados ao estudo de Teologia. Schleiermacher seguiu esse caminho, embora nunca tivesse deixado de lado seu interesse e sua paixão por outros assuntos, como pedagogia, filologia, hermenêutica e, também, tradução, como comprovam suas obras nessas áreas². Além disso, o teólogo compôs algumas poesias, um romance ficou no projeto e fez interpretações artísticas. Ainda criança, interessou-se pelo estudo de línguas, vindo, mais tarde, a publicar textos filológicos que muito contribuíram para o renascimento dos estudos sobre Platão³.

¹ Para a redação da biografia do autor, baseei-me principalmente nos textos “*Hermenêutica – Arte e técnica da interpretação*”, de Friedrich Schleiermacher, e “*Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher*”, de Friedrich Wilhelm Kantzenbach, que constam da bibliografia.

² SCHLEIERMACHER, Friedrich D.E. *Hermenêutica – Arte e técnica da interpretação*. Tradução e apresentação de Celso Reni Brida. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 10.

³ Ibidem, p. 10.

Em 1785, Schleiermacher ingressou no seminário de Barby/Elbe. Ali entrou em conflito com sua religiosidade, pois não concordava com alguns pontos essenciais da crença cristã (por exemplo, com o entendimento de que a morte de Jesus fosse um gesto de reconciliação e com a idéia da punição dos que não Lhe (a Deus) são perfeitos, pois compreende que Deus aspira ao homem perfeito, mas Ele reconhece que este homem não existe).⁴

O futuro pastor transferiu-se para Halle, em 1787, para lá continuar seus estudos. Após profundas leituras de escritos apologéticos, superou seu ceticismo teológico. E, em 1794, ordenou-se. De 1796 a 1802, foi pastor em Berlim. Em 1804, foi convocado para ser professor de Teologia e pastor da Universidade de Halle, Alemanha. No ano de 1807, com o fechamento da Universidade de Halle em razão da tomada da cidade pelas tropas napoleônicas em 1806, voltou a Berlim, convidado por Wilhelm von Humboldt (1767-1835), contribuindo na fundação da Universidade de Berlim em 1809, na qual ingressou como professor de Teologia um ano após sua constituição. Lá lecionou durante vinte e quatro anos.

Para o teólogo, “religião não é moral ou ensinamento, mas contemplação e sentimento” e ela não deve ser confundida com moral e metafísica, essas “são somente subdivisões subordinadas à religião”⁵. Schleiermacher foi visto como o fundador da *Gefühlsreligion* (religião de sentimento), que reconduz à independência do sentimento religioso⁶.

Na Revolução Francesa, 1789, ele condenava o despotismo e a união entre Igreja e Estado. Na sua concepção, o Estado não deveria mais se preocupar com a religião dos súditos.⁷

Friedrich Schleiermacher, cujo primeiro nome foi escolhido pelos pais em homenagem ao rei da Prússia, por serem patriotas prussianos⁸, também lutava pelo *Patriotenpartei* (Partido dos Patriotas) em Berlim e, quando convidado a ser colaborador da *Neuorganisation des preußischen Bildungswesens* (Reorganização do sistema educacional da

⁴ KANTZENBACH, Friedrich Wilhelm. *Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher*. Hamburg: 7. Aufl. Rowohlt, 1995, p. 23.

⁵ Ibidem. pp. 50 e 56 respectivamente.

⁶ CORETH, Emrich; EHLEN, Peter; SCHMIDT, Josef. *Philosophie des 19. Jahrhunderts*. Stuttgart: Verlag W. Kolhammer, 1984, p. 121.

⁷ KANTZENBACH, Friedrich Wilhelm. *Op cit.* pp. 33 e 34.

⁸ Ibidem. p. 10.

Prússia), colocou suas prédicas totalmente a favor do sentimento patriótico prussiano e escrevia para o jornal *Preußischer Correspondent*⁹. Nos anos de 1815 e 1816, Schleiermacher foi reitor da Universidade de Teologia da Prússia.

Durante o período em que viveu em Berlim, o teólogo publicou vários discursos e monólogos nas áreas já citadas. Um desses é sobre a Hermenêutica que, segundo ele, é um “ensino do entendimento e a explicação de textos histórico-literários”¹⁰. A primeira publicação de Schleiermacher foram traduções de prédicas, em 1801, realizadas em parceria com seu amigo e também pastor Sack. Em língua portuguesa, foi editada no ano de 1999 a obra intitulada *Hermenêutica - Arte e técnica da interpretação*¹¹.

É, porém, no campo da tradução que Schleiermacher se consagrou com a versão da obra de Platão, cuja maior parte foi realizada entre os anos de 1808 e 1828. Outras versões do texto já surgiram após a sua, no entanto, somente a do teólogo ainda hoje é atual e lida na Alemanha, o que pode ser uma prova do valor não só teórico de seu método, mas também prático. A idéia de verter Platão partiu de Friedrich Schlegel (1772-1829)¹², e surgiu devido ao grande aumento de interesse por esse tipo de obras na época (na seção seguinte, veremos o porquê desse interesse). Schlegel sugeriu que realizassem o empreendimento em conjunto; posteriormente, porém, acharam que a versão deveria ser um arranjo e cronológica, chegando ao consenso de que Schleiermacher deveria realizá-la, pois poderia fazê-la melhor e mais rapidamente¹³.

Friedrich Schleiermacher foi, enfim, um sábio em diversas áreas, não se prendendo somente à Teologia, campo que escolheu como profissão e no qual atuou mais especificamente. Temos nele um estudioso que marcou história também na tradutologia. O teólogo, tradutor, hermenêutico, filólogo e educador foi filho e seguidor do Romantismo Alemão. Na seção

⁹ Ibidem. p. 98.

¹⁰ CORETH, Emrich; EHLEN, Peter; SCHMIDT, Josef. *Op. cit.* p. 121.

¹¹ SCHLEIERMACHER, Friedrich D.E. *Op. Cit.* 1999.

¹² Schleiermacher e Schlegel moraram na mesma casa em 1786/87, quando estudantes. Mais tarde, ambos lecionaram na Universidade de Berlim, lá foram colegas de Fichte e Hegel.

¹³ Ainda que KANTZENBACH (p. 45) afirme que Schleiermacher pudesse ter feito a tradução melhor e mais rapidamente, fica-nos, porém, a questão sobre o que ele teria entendido por uma tradução melhor.

seguinte, apresentaremos alguns pontos dessa corrente, que auxiliam na compreensão da magnitude de sua obra.

1.2 - O Romantismo Alemão como contexto da obra de Schleiermacher

Pretendo aqui contextualizar historicamente o período que compreende o Romantismo Alemão, meados do século XVIII até meados do século XIX, e fazer uma abordagem do momento lingüístico e tradutológico alemão dessa época, na qual Schleiermacher se insere. Ele foi um forte representante dessa corrente, guiado pelas idéias nacionalistas: “o grande movimento poético daquela época influenciou Schleiermacher antes de tudo; suas primeiras obras só nos são compreensíveis na moldura do Romantismo”.¹⁴

A Alemanha, na época, não existia enquanto nação. O território de falantes de alemão que mais tarde viria a ser a Alemanha se constituía de pequenos Principados e da Prússia e estava dominada pelas tropas Napoleônicas, motivo pelo qual Schleiermacher se mudou para Berlim. Assim, a obra, além de apresentar os dois métodos, tem um caráter nacionalista.

Antes de começarmos a nos ater aos movimentos lingüísticos da língua alemã em si, é preciso lembrar que, no território alemão, até “o século XVIII (...) existiam três formas na língua escrita: a centro-alemã (protestante), a sul-alemã (católica) e a suíça (reformada)”¹⁵. Somente um século depois de Schleiermacher vão, ser determinadas as primeiras regras ortográficas do alemão. Já no século XVI se reivindicava uma unidade ortográfica alemã, mas até 1800 as variações continuavam grandes. Segundo Erwin Theodor Rosenthal, em 1879, as principais regras ortográficas foram promulgadas na Baviera; nos outros estados alemães isso só ocorreu dois anos mais tarde. Finalmente, em uma conferência realizada em Berlim em 1901, estabeleceu-se uma ortografia válida para todos os países desse idioma.

¹⁴ MANN, Gustav. *Das Verhältnis der Schleiermacher'schen Dialektik zur Schelling'schen Philosophie*. Stuttgart: Druck der Stuttgarter Vereins-Buchdruckerei, 1914, p. 11.

¹⁵ ROSENTHAL, Erwin Theodor. *A Língua Alemã. Desenvolvimento histórico e situação atual*. São Paulo: Editora Herder, 1963, p. 261.

É pertinente lembrarmos que desde o século XIV, gramáticos, professores e editores já se esforçavam por uma unificação da língua alemã. E, no século XVIII, esse interesse foi impulsionado tanto por Johann Christoph Gottsched (1700-1766), que procurou “elevar a língua escrita sobre a oral e realizar uma língua totalmente livre da oral, na verdade uma língua artificial”¹⁶, como por toda a preocupação que se tinha na época em relação a uma gramática única.

Consoante Rosenthal (p. 268), o interesse pela língua é uma das necessidades da época. O dialeto, que é visto como uma deturpação do idioma, própria das camadas mais baixas, é uma das questões atacadas pelo *espírito da época*. O autor afirma que Gottsched declara sentir-se impelido pela pureza lingüística, defendendo o alto-alemão como seu ideal.

Em 1800, a língua alemã tinha apenas uma relativa uniformidade escrita. Ela ainda estava muito distante de uma norma unificada na pronúncia, pois o desmembramento político dos Estados alemães dificultava uma hegemonia da língua falada.

Em meio ao contexto da Revolução Francesa (1789), às ruínas do Velho Reino, os desenvolvimentos político-culturais foram subordinados a uma politização. E a Alemanha inclinava-se para uma união política interna, para a qual a literatura e a língua sempre eram vistas como o *espelho da nação*.

No período romântico alemão, a língua alemã foi influenciada pelo pensamento acerca da trilogia francesa “liberdade, fraternidade e igualdade” e pela ânsia de uma independência, que cresceu com as invasões napoleônicas. Em consequência disso, percebe-se uma emancipação histórica depois de 1750. Segundo Jost Hermand, devem-se ler os documentos daquela época com dupla ótica: com um olhar sobre os esforços nacional-democratas e outro para o seu chauvinismo, pois, com o ódio a Napoleão e à invasão francesa, tendia-se para a república e desenvolveu-se um desejo de liberdade.

Conforme Philipp Buchmann (p. 2):

¹⁶ HENZEN; 1954, p. 123: apud: SCHMIDT, Wilhelm. *Geschichte der deutschen Sprache*. 7. verbesserte Auflage; Stuttgart/Leipzig: Wissenschaftliche Verlagsgesellschaft, 1996, p. 118.

O Romantismo surgiu por assim dizer como um contramovimento ao Classicismo (= consciência de volta às formas gregas e romanas), que influenciou o fim do século 18 com seus pensamentos e idéias e que se transformou no assim chamado "imperialismo" por volta de 1800.

Em meio a esse movimento emancipatório e nacionalista, que procura mostrar as características e particularidades da nação, a literatura não pode mais ser analisada sob o aspecto da imitação de obras poéticas, isto é, sob a perspectiva da arte de fazer. Ela deve, sim, mostrar sua ascendência histórica e os eventuais motivos para as mudanças percebidas com ela.¹⁷ Na Alemanha, começou-se, dessa forma, a dar mais valor à cultura alemã em relação à do resto da Europa.

A interpretação histórico-nacional fez efeito na *Germanistik* (Germanística) em desenvolvimento na época. Houve preocupação por pesquisas em documentos alemães do passado, não só no que tange à língua, mas também no campo da literatura, que não deu mais preferência ao sentido universal cristão ou iluminista, mas aos assuntos especificamente nacionais. Assim também, depois de 1800, começou a surgir nas universidades alemãs um interesse jamais tido pelos nórdicos, pelas tradições lingüísticas populares da Idade Média, expressas no antigo alemão protestante, que resistiu, apesar de todas as interferências.¹⁸

Segundo Schmidt (pp.135ss.), em meados do século XVIII, havia um grande interesse por pesquisas da língua alemã, sobre seus dialetos e sobre textos literários alemães. Em 1819, surgiu o primeiro dos quatro volumes da *Deutsche Grammatik* (Gramática Alemã), que teve enorme influência no desenvolvimento da teoria e prática lingüísticas, e Jakob Grimm escreveu a *Geschichte der deutschen Sprache* (História da língua alemã), e juntamente com seu irmão, Jakob, escreveram o *Deutsches Wörterbuch* (Dicionário Alemão).

Ainda conforme o autor acima citado, havia, na época, outra linha lingüística, que se preocupava com questões filosóficas do desenvolvimento da língua e sua relação com o pensamento. Os principais pesquisadores dessa área são Wilhelm von Humboldt (1767-1835),

¹⁷ HERMAND, Jost. *Geschichte der Germanistik*. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt Verlag, 1994, p. 24.

¹⁸ Ibidem. p. 28.

August Schleicher (1821-1868), Wilhelm Wundt (1832-1920), August Wilhelm Schlegel (1767-1845).¹⁹

Percebemos também que essa época é marcada por uma ascensão do número de estudiosos da língua alemã: Johann Gottfried Herder (1744-1803), Johann Georg Hamann (1730-1788), os irmãos Friedrich (1772-1829) e August Schlegel (1767-1845), os irmãos Wilhelm (1786-1859) e Jakob Grimm (1785-1763), W. v. Humboldt, Johann Heinrich Voß (1751-1826), Christoph Martin Wieland (1733-1813). No período do Romantismo Alemão, as línguas são vistas como um espelho do *espírito popular*, pois expressam a mentalidade de um povo.

Na época da publicação do texto estudado nesta dissertação, havia grande empenho no sentido de valorizar a língua alemã e despertar o sentimento por ela, também manifesto no discurso de Schleiermacher. Embora a língua oficial tivesse sido outra (francesa), era a alemã que fazia parte da cultura alemã, que estava enraizada em seu povo.

Quem escreve uma tal língua [francesa, M.v.M.P.] por obrigação ou por ser a oficial, certamente estará consciente de que seus pensamentos são alemães em primeira instância e que ele começa a traduzi-la já bem cedo, enquanto o embrião ainda se forma (...) (SCHLEIERMACHER, 1838, p. 236)

Ainda que neste estudo me restrinja à época em que Schleiermacher viveu, quero mencionar que em meados do século XIX aparecem os *Junggrammatiker* (Neogramáticos), que impulsionam os estudos lingüísticos com novas propostas. Seu objetivo principal é superar a carência de análises lingüísticas comparativas e colocar tarefas aos lingüistas para o aprimoramento da metodologia em análise lingüística.

A teoria lingüística desenvolvida no período de Friedrich Schleiermacher tinha como base a idéia de que os acontecimentos marcantes imprimem seu caráter na língua e na literatura de um povo. As preocupações e avanços econômicos, culturais, tecnológicos, científicos deixam marcas não só no vocabulário, mas também na forma de expressar desse povo, e que a unificação lingüística se mostra como um dos principais elementos para a unificação política e integração nacional.

¹⁹ SCHMIDT, Wilhelm. *Op. cit.* pp. 135ss.

Por essa razão, a unificação da língua alemã foi impulsionada pelas consequências da Revolução Industrial (1830). Com ela surgiu uma consciência de união de classes entre o proletariado para lutar por seus objetivos políticos e sociais. Em meio a isso, a burguesia garantiu seu poder através da criação de um Estado Nacional, o Reino Alemão, em 1871, o que representou um passo importante para o desenvolvimento econômico, nacional e lingüístico na Alemanha. Havia, assim, na época, uma tendência pelo purismo desse idioma. Dessa forma, fundou-se, em 1885, o *Allgemeiner Deutscher Sprachverein* (Sociedade Lingüística Geral da Alemanha), que se dedicava à pureza da língua e à preservação da língua materna.²⁰

É durante o Romantismo Alemão que as universidades instituíram a Germanística e a disciplina de Literatura Alemã. Os editores mais patrióticos editavam livros traduzidos para o *Neuhochdeutsch* (novo alto-alemão).

Depois de 1800, Jacob e Wilhelm Grimm, Clemens Brentano (1778-1842), Achim von Arnim (1781-1831), Ludwig Tieck (1773-1853) e Johannes Joseph von Görres (1776-1848) buscavam em bibliotecas e arquivos documentos da Idade Média que trouxessem elementos constitutivos do que eles julgavam fazer parte da literatura especificamente nacional.²¹ De muita importância para aquela época – e ainda hoje – é a edição de Wilhelm e Jacob Grimm, principalmente dos *Contos* (1812-1816) e dos *Ditados Alemães* (1816-1818).²² Com a edição de textos e coletâneas de contos, lendas, livros populares e canções, tais editores queriam contribuir para a tomada de consciência nacional, o que resguardaria o povo da influência francesa.

É nesse contexto de tomada de consciência da cultura do povo alemão que Friedrich Schleiermacher, em 1813, na Academia Real de Ciência de Berlim, faz o seu discurso *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens* (Sobre os diferentes métodos de tradução), que vem a ser publicado em 1838.

A prática de discursar era bastante comum na época com os *Reden an die deutsche Nation* (Discursos à Nação Alemã). A obra de Schleiermacher, além de seus méritos em relação à

²⁰ SCHMIDT, Wilhelm. *Op. cit.* pp. 134s.

²¹ HERMAND, Jost. *Op. cit.* p. 29.

²² Ibidem. p. 32.

tradutologia, é também uma contribuição explícita ao sentimento nacionalista alemão e anti-francês do autor. Referindo-se ao rei Friedrich der II, escreve:

Mas podemos crer que, se ele tivesse gozado de uma educação severamente erudita, ele teria preferido filosofar e compor em latim a em francês. (1838, p. 234)

Percebemos, aqui, certo desprezo pela língua francesa em relação à latina no que tange à educação, pois, para os adeptos desta opinião, a educação erudita, ou a *verdadeira educação*, não deveria ser dada em francês, mas em latim. O fato de uma pastor – pessoa de grande prestígio social devido à autoridade religiosa que representa – expressar publicamente sua aversão ao francês se mostra como um elemento de reforço ao sentimento patriótico insurgente. Adiante o autor diz:

(...) se contra a natureza e os costumes alguém se tornou um desertor formal da língua materna [alemã, M.v.M.P.] e se rendeu a uma outra, então não é ironia mais honrada e mais celebrada quando ele assegura que nem consegue mais se movimentar naquela, mas isso é somente uma justificativa que ele deve a si mesmo, que sua natureza realmente é um milagre natural contra toda ordem e regra (...) (1838, p. 237)

Assim, se alguém aprendeu a língua francesa ou deixou-se render a ela, precisa justificar-se a si mesmo que talvez ele não seja um ser comum, pois as pessoas conscientes não se rendem a outro idioma em detrimento do seu.

Além das pesquisas acerca da língua e da história alemãs e dos discursos nacionalistas, a prática de traduzir também era uma forma de despertar a consciência nacional nos leitores através da apresentação do estranho, do que não é natural, normal na cultura da língua de chegada, no caso a alemã. É nesse período que grandes obras filosóficas foram traduzidas, um exemplo é a versão de Platão realizada por Schleiermacher. Segundo John Milton (p. 49), a prática da tradução nos séculos XVIII e XIX foi de grande importância para o processo da unificação alemã.

Conforme Jörn Albrecht (pp.182ss.), em meados do século XIX, a tradução era realizada para entretenimento dos leitores e cada vez menos eram os tradutores mesmos que decidiam o que traduziriam, uma vez que havia muita demanda de obras traduzidas e estas deviam ir ao encontro das preferências literárias dos leitores. Surgem, assim, as chamadas

fábricas de tradução alemãs, que ganham vigor no século XIX. Ainda que suas traduções recebessem críticas, percebeu-se que havia mercado para obras traduzidas. Isso impulsionou o campo da tradução, fazendo que o tradutor zelasse pela qualidade de sua obra.

A tradução de livros de quase todas as línguas para o alemão, como era o objetivo dos nacionalistas alemães da época, traria uma grande vantagem à Alemanha. Ela passaria a ser o centro cultural da Europa, pois as obras importantes de todas as línguas poderiam ser lidas na língua do povo dessa nação – assim pensavam os nacionalistas românticos do século XIX.

E com isso parece coincidir que, por causa de seu respeito ao estranho e de sua natureza mediadora, o nosso povo seria determinado a unir todos os tesouros da ciência e da arte estrangeiras com e ao mesmo tempo em sua língua como que em um grande todo histórico, que seria guardado no centro e no coração da Europa (...) (SCHLEIERMACHER, 1838, p. 243)

Havia, na época, uma tendência oposta à das *Belles Infidèles*, concepção tradutológica francesa, segundo a qual o texto deveria ser vertido de forma que ficasse belo, o que seria atingido mediante a clareza, o parecer-se natural à língua de chegada. Para os tradutores franceses, a tradução deveria dar a mesma impressão que a do texto original, e a pior maneira de fazê-lo seria através da tradução literal. Para conseguir essa clareza, seriam necessárias mudanças em relação ao texto de saída. As *Belles Infidèles*, ao contrário da concepção schleiermacheriana de tradução, queriam que tudo soasse francês. Os adeptos a essa tendência tradutológica afirmavam que as versões literais eram trabalho de serviços.

Na Alemanha, por outro lado, os esclarecidos foram os primeiros a se oporem à tradução emancipatória. Para o Romantismo Alemão, tudo deve soar conforme a língua de origem da obra. É a partir da diferença em relação a outra língua que se diferencia o que é genuinamente alemão do que não o é. Conforme John Milton, é com a diversidade de obras traduzidas que a língua alemã e a Alemanha vão marcar presença e tornar-se importantes, em um período de dominação francesa.

Segundo Kantzenbach, Schleiermacher, apesar de usar a forma de complementação estética formada pelo Romantismo e preparada por Winckelmann e Herder, não se esquivava das questões do original e da cronologia do diálogo de Platão. Mesmo que ele tenha modificado ou passado por cima de alguns pontos em razão de suas pesquisas posteriores, os princípios

composicionais de Platão estão presentes na sua tradução, que possibilita leitura e compreensão profunda da filosofia de platão.²³

O verdadeiro movimento contra a tradução naturalizada partiu da Alemanha. Um dos representantes mais radicais dessa nova direção foi o próprio Schleiermacher²⁴. Conforme Mann (p. 10), os românticos eram muito extravagantes. Talvez se possa dizer que Friedrich Schleiermacher tenha essa característica, pois afirmar que um texto deve soar estranho (falarei sobre esse ponto na seção seguinte) é um tanto de coragem e de ousadia, uma vez que a tradução tem o intuito de justamente fazer o leitor, que desconhece a língua de saída do texto, entrar em contato com o que nela foi produzido. Analisarei a teoria tradutológica de Friedrich Schleiermacher e as resistências a esse método no próximo capítulo deste trabalho.

²³ KANTZENBACH, Friedrich Wilhelm. *Op cit.* pp. 97s.

²⁴ ALBRECHT, Jörn: *Literarische Übersetzung: Geschichte, Theorie, kulturelle Wirkung*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1998, p. 85.

CAPÍTULO II - A OBRA E SEU IMPACTO NA TEORIA TRADUTOLÓGICA

Na primeira parte deste trabalho, falei de forma geral sobre a vida de Friedrich Schleiermacher e o contextualizei em sua época, o Romantismo Alemão. Penso ser pertinente agora apresentar a obra *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens*, antes de falar sobre a aceitação dos métodos postulados por Schleiermacher e de comentar os pontos pertinentes à tradutologia por ele abordados no texto.

Na segunda e terceira páginas de sua obra, o autor diz que o campo da tradução é muito amplo e não é seu objetivo entrar na tradução intralingual, restringindo-se à versão de uma outra língua para a sua. Aqui também ater-me-ei somente à tradução interlingual. Este trabalho não tem o propósito de analisar a repercussão histórica e cultural dos métodos postulados pelo autor, restringir-se-á à aplicabilidade e à validade das duas maneiras de traduzir enquanto possibilidades tradutológicas.

O texto *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens* possui uma versão para a língua espanhola¹. Para a língua portuguesa, a primeira tradução da obra publicada (pelo que me consta) será a que acompanha este trabalho e na qual esta dissertação se fundamenta. E, é importante ressaltar que a obra foi interpretada erroneamente, por teóricos versados no assunto da tradutologia – o autor dessa interpretação falaciosa afirma que Schleiermacher prefere o primeiro método, o que confere; coloca este, porém, como sendo a *Dolmetschung* (interpretação)

¹ LAFARGA, Fransisco (Ed.) *El discurso sobre la traducción en la historia*. Antología bilingüe. Barcelona: EHB, 1996, p. 300-352.

e a segunda maneira como a verdadeira tradução, uma vez que a primeira forma apresentada é a que o autor chama de *a verdadeira tradução* e a segunda, de *interpretação*².

Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens é um texto de trinta e oito (38) páginas no original, escrito em 1813 e publicado em 1838, quatro anos após a morte do autor. Como já comentado no capítulo anterior, a obra surge em meio a um “movimento” de conscientização da nacionalidade alemã, fruto de uma carência de identidade nacional e oriundo das fragmentações geográficas e políticas que marcaram a história da Alemanha até o século XIX.

Dois séculos mais tarde, Lawrence Venuti afirma que o método estrangeirizador no inglês pode ser uma resistência etnocêntrica e racista, cultural, nazista e imperialista, e no interesse das relações de democracia geopolítica vai contra a hegemonia da nação inglesa. Essa forma de traduzir, porém, foi específica para os países da Europa em um momento histórico particular.³ Através do método estrangeirizador é possível fortalecer um sentimento de identidade cultural que faça com que a Alemanha venha a se tornar um país.

Não é propósito deste trabalho tratar da história da tradução, revendo a contribuição significativa de Cícero e Lutero. No entanto, destaco, como Jörn Albrecht (p. 80), que há duas tendências tradutológicas nos séculos XVII e XVIII: a corrente primordialmente francesa das *Belles Infidèles*, ainda que tivesse seguidores em outros países, ou seja, a da tradução emancipada⁴; e a que postula o tornar estranho, que surgiu no Romantismo Alemão com o discurso que é tema desta dissertação.

As traduções conforme o primeiro método de Schleiermacher não encontraram força nem aceitação suficientes para serem reconhecidas antes de este ser apresentado publicamente

² HEIDERMAN, Werner. O primeiro ou o segundo? A respeito da exposição de John Milton sobre a teoria de tradução de Friedrich Schleiermacher. In: *Cadernos de Tradução*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Núcleo de Tradução. – nº 4 (1999), p. 99-110.

³ VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility. A history of translation*. London e New York: Routledge, 1995, p. 20.

⁴ No decorrer desta dissertação, ao me referir ao primeiro método postulado por Schleiermacher, usarei o termo *emancipador (a)*.

por este autor. Isso ocorria, em parte, por essa forma de traduzir não ter sido declarada como uma maneira válida de traduzir.

Friedrich Schleiermacher legitima o método do estrangeirizar, que é o contraponto às *bellès infidèles*. Em *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens* o autor apresenta ambos os métodos (o estrangeirizador e o emancipador), defendendo, no entanto, apenas o primeiro; o último, segundo ele, é interpretação e trabalho de “serviçais”.

Já no primeiro parágrafo do texto o teólogo ressalta a importância da tradução. É ela que intermedia a comunicação entre pessoas que a princípio não conseguiriam entrar em contato. Ele afirma que muitas vezes a tradução intralingual é necessária, quando, por exemplo, depois de algum tempo já não entendemos mais o que pessoas de nossa língua escreveram:

Mas, não é que freqüentemente precisamos traduzir o discurso de um outro que é igual a nós, porém de personalidade e mentalidade diferentes, quando sentimos que as mesmas palavras teriam um sentido bem diferente na nossa boca ou ao menos aqui um valor mais forte e lá um mais fraco que na dele e que, se quiséssemos expressar da nossa forma o mesmo que ele expressou, utilizaríamos palavras e locuções totalmente diferentes? Assim, definindo mais de perto esse sentimento e ele se transformando em pensamento para nós, parece que traduzimos. (SCHLEIERMACHER, 1838, p. 208)

Ambas, a tradução inter- e a intralingual, advêm da necessidade de entender o que foi escrito na mesma ou em outra língua. Com os métodos de Schleiermacher para a tradução interlingual, temos duas formas de fazer com que o texto de saída seja compreensível aos leitores de outro idioma.

Conforme Albrecht (p. 74), Michael Schneider (1985) supõe que Schleiermacher deixa transparecer a influência de Goethe (não na questão, mas na formulação), quando responde à questão sobre quantos métodos de tradução são possíveis, afirmando “Meines Erachtens gibt es deren [der Wege, M.v.M.P.] nur zwei” (p. 218) (A meu ver, só existem dois deles [dos caminhos, M.v.M.P.]). São eles: “Ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele; ou ele deixa o leitor em paz e leva o autor até ele.” (SCHLEIERMACHER, 1838, p. 218)

John Milton (p. 56), por outro lado, afirma que Goethe se inspirou em Schleiermacher, apresentando um método intermediário ao do teólogo. O fato é que Goethe não

poderia ter sido influenciado pelas idéias de Schleiermacher, pois este leu o seu texto três meses após (junho) a edição do texto de Goethe no jornal *Athenaeum*, de August Schlegel⁵ (março). A dicotomia schleiermacheriana, no entanto, ainda hoje é reverenciada e é a que ficou na história. “Schleiermacher **defronta**⁶ com exclusividade até então não existente os métodos de tornar estrangeiro e de tornar alemão.”⁷

O ponto central da obra de Schleiermacher são os dois métodos aos quais nos referimos acima e a que vamos retornar na seção seguinte. Ele aborda também outras questões relativas à tradutologia. Em praticamente um terço da obra (doze páginas – da p. 207 à p. 218), o autor faz uma introdução, tratando de questões pertinentes que, ao final de seu trabalho, culminam no que ele denomina ou de tradução propriamente dita ou de interpretação.

Primeiramente, Schleiermacher esclarece a diferença entre o interpretar e o traduzir, desfazendo o mito de que a interpretação é a tradução feita oralmente e de que tudo o que é vertido por escrito pode ser denominado de tradução. O teórico afirma que essa concepção se dá por uma “comodidade”⁸.

Nesta, por assim dizer, “demarcação” do limite entre tradução e interpretação, o autor entra na questão das holófrases e das diferenças de significado de termos de uma língua para a outra, abordando a dificuldade de se expressar o mesmo na língua de chegada. O tradutor, afirma, para solucionar a falta de equivalentes, entraria ou na imitação ou na paráfrase, a fim de conseguir representar o mesmo significado dos termos e das expressões do original.

Schleiermacher deixa claro, porém, que a tradução não é simplesmente uma troca de termos de uma língua para outra, pois a língua não é meramente mecânica, mas é, inclusive, “espírito” (Schleiermacher não esclarece o que ele entende por *espírito da língua*, embora nos dê

⁵ VENUTI, Lawrence. *Op. cit.* p. 104.

⁶ O grifo é meu, pois Cícero já havia se referido a ambos os métodos, e Goethe já havia apresentado ambos, mas não os defrontado, como Schleiermacher o faz.

⁷ KOLLER, Werner. *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*. 4. Aufl. Heidelberg; Wiesbaden: Quelle und Meyer, 1992, p. 68.

⁸ Explicarei mais tarde por que ele diz que essa demarcação se dá por uma comodidade.

uma idéia do que vem a sê-lo.). E é esse *espírito da língua* de saída que deve também ser transplantado em outro solo, o que só seria possível através do método estrangeirizador.

Para que o leitor consiga abstrair o *espírito da língua* e adquira um conhecimento completo do estranho, Schleiermacher coloca uma condição (pp. 229s.): é necessário que se traduzam literaturas inteiras de uma língua para a outra, pois trabalhos esporádicos dessa natureza não teriam valor, pois faltaria a visão do todo ao receptor. Ele não teria uma apreciação da maneira em que eram expressos os pensamentos no período literário que compreende a época da obra traduzida. Assim, o “tradutor está empenhado em substituir, através de seu trabalho, a compreensão da língua de origem, que falta ao leitor” (p. 218).

Como percebemos, Schleiermacher não se atém a questões diretamente ligadas às línguas em particular. Ele aborda questões ligadas a traduções em todas as línguas de forma geral (ele exemplifica com o grego, latim, alemão), no entanto, podem levar uma versão ao verdadeiro caos, se o tradutor não estiver atento a elas. Para que entendamos melhor as idéias sobre tradução de Friedrich Schleiermacher, trataremos dessas questões em separado. Primeiramente ater-me-ei a ambas as dicotomias schleiermacherianas: tradução *versus* interpretação e método estrangeirizador *versus* método emancipador, para que, em um momento seguinte, possa discutir outros pontos relativos à tradução levantadas pelo autor.

2.1 - Tradução x interpretação

O conceito dos termos “tradução” e “interpretação” continuamente são tomados como sinônimos ou, então, por tradução também se entende a versão escrita e por interpretação, a oral. O fato é que ambas, tradução e versão, realmente diferem bastante, não pela forma em que são realizadas, se oral ou escrita, mas no seu resultado. Schleiermacher esclarece o porquê da concepção acima apresentada em relação aos dois termos, definindo-os e delimitando o campo de abrangência e de ação de ambos os tipos de versão.

Conforme Diller e Kornelius (pp. 111s.), a diferenciação entre tradução e interpretação feita por Schleiermacher tem efeito ainda hoje, e as observações que este faz em relação à língua do comércio ainda hoje são válidas.

Para Schleiermacher, o fato de o termo *intérprete* ser empregado para denominar a pessoa que faz versões oralmente, e o de *tradutor* para a que as realiza por escrito ocorre porque geralmente a escrita está ligada à ciência e à arte, e a oralidade é comum ao campo dos negócios. O autor afirma que a escrita seria uma forma mecânica para os negócios, ali realizada somente como apontamentos, e a oralidade a mais conveniente; ao passo que as ciências e as artes só são possíveis através da escrita, a oralidade aqui seria desnecessária e, podemos dizer também, a ciência transmitida de boca a boca não seria confiável, pois os fatos facilmente seriam distorcidos.

O intérprete exerce sua profissão no campo dos negócios; o verdadeiro tradutor, primordialmente [o grifo é meu, M.v.M.P.] no campo da ciência e da arte. Se se achar essa definição arbitrária, pois normalmente se entende a parte oral por interpretação e a parte escrita por tradução, tanto mais perdoe-se sua comodidade pelas exigências do momento, pois ambas as definições não são muito distantes. Ao ramo da arte e da ciência pertence a escrita; somente através dela as suas obras se realizam. (SCHLEIERMACHER, 1838, p. 209)

A diferenciação que comumente é feita entre interpretação e tradução, assim, é muito cômoda, é generalizadora, pois, *na maioria das vezes*, o resultado das versões – o que pode ser denominado de interpretação ou de tradução – culmina nestas formas. Schleiermacher afirma, porém, que muitos textos narrativos e relatos podem ter muito de interpretação, mesmo que sejam feitos por escrito.

A transposição [interpretação, M.v.M.P.] ocorre somente para os participantes aos quais as circunstâncias são suficientemente conhecidas, e as expressões das mesmas forem determinadas legalmente ou pelo uso e explicações mútuas em ambas as línguas. É diferente, porém, nas negociações através das quais novas relações jurídicas são determinadas, mesmo que muitas vezes a forma seja parecida à daquelas. (SCHLEIERMACHER, 1838, p. 210)

Nos negócios, conforme Schleiermacher, o agente da versão geralmente trabalha com objetos e termos cujos conceitos são bem determinados em ambas as línguas. Raramente há dúvida sobre que termos correspondem a outros na língua de chegada, e, caso nesta eles ainda não existam, por atraso tecnológico ou questão cultural ou ética, “logo prevalece um uso fixo de

cada palavra por regra ou costume” (1838, p. 211). É importante ressaltar que o autor, ao escrever o texto, tinha um objetivo nacionalista com o mesmo, dessa forma ele menospreza o trabalho do intérprete, pois com uma interpretação o objetivo de Schleiermacher (criar uma consciência nacional) dificilmente seria atingido.

O tradutor, conforme Schleiermacher, lida com termos cuja significação e interpretação variam de língua para língua, e aqui o tradutor deve transplantar em outra língua a subjetividade não só do idioma de saída, mas também a do autor, que transparece em obras artísticas, ao contrário de *escritos puramente narrativos e descritivos*:

Em contrapartida, quanto mais a maneira própria do autor de ver e de relacionar for dominante na apresentação, quanto mais ele tiver seguido alguma ordem escolhida livremente ou por determinadas impressões, tanto mais seu trabalho entra no âmbito mais elevado da arte, e então o tradutor também precisa trazer outras forças e habilidades ao seu trabalho e ter conhecimento do seu autor e de sua língua de modo diferente que o intérprete.
(SCHLEIERMACHER, 1838, p. 210)

Assim, para que ocorra uma *verdadeira tradução*, o autor deve ter traduzido a si próprio para a obra, ou seja, ele é o tradutor em primeira mão, pois ele primeiramente se traduz para o papel (VENUTI (1995) aborda essa questão). A obra artística (literária) traz a subjetividade do autor e da língua que o tradutor deve também traduzir, não se trata de uma transposição pura e simplesmente do sentido, mas inclusive do conteúdo posto e da designação semântica, o que diferencia a tradução da interpretação. Conteúdo aqui também é visto como a forma (rima, métrica) e expressão artística.

Segundo Schleiermacher (1838, pp. 212s.), o campo que pertence à arte e à ciência é dominado pelo pensamento do autor e é este pensamento que dá a unidade ao discurso e que é representado com seu signo, não com o objeto diretamente, como ocorre nos negócios. Neste campo, o empreendedor da versão não precisa transpor as formas de pensar do autor e as particularidades da língua de chegada, pois elas ou não são perceptíveis, ou o leitor de tais textos não se interessa por elas (não se trata de uma versão dirigida ao interesse do leitor).

Consoante o autor, a versão no campo da ciência e da arte seria tão mecânica quanto à dos negócios se, primeiro, as expressões fossem determinadas e as línguas diferissem apenas para o ouvido e só o conteúdo precisasse ser comunicado; segundo, a simples interpretação é diferente

da tradução porque nos textos em que ela ocorre o autor pensa e escreve livremente, sem se preocupar com o espírito da língua de partida.

O teólogo afirma ainda (1838, p. 113) que “cada pessoa é dominada pela língua que fala, ela e todo seu pensamento são um produto dela”. A subjetividade do autor é um produto do idioma no qual foi educado e ao qual pertence. O tradutor deve traduzir essa subjetividade para a outra língua, cujos leitores não têm as mesmas impressões que os daquela comunidade lingüística.

Conforme Schleiermacher (1838, p. 222), a tradução deve ser dirigida àqueles bem formados que, para apreender o todo, não precisam voltar às particularidades, como os escolares o fazem. Talvez a tradução simples, interpretação (imitação e paráfrase) seja vista como um trabalho de serviçais pelo autor, pelo fato de que na cultura romana, os reis se deixavam acompanhar por escravos (na maioria das vezes eram escravos alforriados) em suas viagens para serem seus intérpretes. Ou, porque julga a inferior à do tradutor, que é realizada por mestres e para mestres e eruditos.

Tanto o tradutor quanto o intérprete devem estar cientes de que a língua não é somente um veículo para os conteúdos, ela em si mesma é conteúdo e determina esse conteúdo⁹. Assim fica claro que não é possível verter tudo o que uma língua expressa. Schleiermacher denomina esse conteúdo de espírito da língua - as características particulares de cada idioma e as maneiras de os seus falantes pensarem - que o tradutor também deve traduzir:

(...) o tradutor se sobrepõe cada vez mais ao intérprete até chegar ao seu ramo mais próprio, quer dizer, àquelas produções intelectuais da arte e da ciência em que a capacidade própria de livre combinação do tradutor, por um lado; e o espírito da língua e com ela a forma de ver o mundo e a matiz do estado da alma, por outro, são tudo. O objeto não domina mais de forma alguma, mas é dominado pelos pensamentos e pelo espírito, muitas vezes ele só surge através da enunciação e ao mesmo tempo só existe com ela (...). (SCHLEIERMACHER, 1838, pp. 210s.)

Dessa forma, é a combinação das palavras que forma os objetos, os sujeitos a serem traduzidos na arte e na ciência. Por um lado, o tradutor tem o poder de combinar as palavras em outro idioma; por outro, ele deve observar o espírito da língua, e aqui o objeto (o original) é

⁹ KOLLER, Werner. *Op.cit.* 1992, p. 43.

dominado pelo tradutor e vai ressurgir no texto traduzido, dominado pelo poder e o espírito da língua de chegada. E aqui o tradutor deve ser prudente para que o *espírito da língua* alvo e o modo de pensar desta não domine no produto e sim o do idioma de saída.

O tradutor tem de se preocupar com essa dominação do objeto pela língua e vice-versa, pois ele vai trabalhar com a arte e a ciência; já o intérprete lida com palavras mais facilmente definidas e técnicas, segundo Schleiermacher, que não envolvem o *espírito da língua*, o objeto aqui é mais delimitado, aritmético. Aqui talvez esteja o verdadeiro motivo porque Schleiermacher afirma que o tradutor está em um estágio mais elevado ao do intérprete.

Para o autor, como vimos, a interpretação (Dolmetschung) é uma versão simples, e a tradução (Uebersetzung) é uma transposição apurada, trabalho de mestres e dirigido a pessoas instruídas (Schleiermacher não definiu a sua concepção sobre pessoa instruída.). Esta culmina no primeiro método postulado pelo autor; aquela, no segundo. Na seção seguinte abordarei ambos os métodos.

2.2 - Método estrangeirizador versus método emancipador

Em *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens*, Friedrich Schleiermacher postula dois métodos de tradução: o *estrangeirizador*, segundo ele, a verdadeira tradução; e o *emancipador*, a tradução simples, de certa forma, versão de segunda categoria, na sua concepção. O autor restringiu as possibilidades de tradução nessas duas maneiras e afirma que não há uma terceira forma de proceder, como podemos ler nesta passagem (p. 219): “Na verdade, não são possíveis mais formas de proceder.”

Já mencionamos na primeira parte do segundo capítulo que Cícero já havia se referido aos dois métodos, dizendo que para a sua tradução de discursos preferiu o método emancipador, pois queria que os espectadores/leitores as entendessem e que não fosse necessário explicar o sentido deles. Por esse motivo, não traduziu a obra palavra por palavra, alusão à

primeira maneira de Schleiermacher¹⁰. Temos aqui uma referência indireta a ambas as formas, e também em Cícero, a versão emancipadora é dirigida às pessoas do povo, às pessoas simples, como em Schleiermacher.

Por um lado, o método estrangeirizador, postulado por Schleiermacher, representa um contraponto às traduções que se realizavam na época, auge das chamadas *Belles Infidèles*. Por outro, também vai contra a forma pela qual Martin Luther traduziu a Bíblia Sagrada. Neste caso, no entanto, Luther voltou a versão para o público receptor, ou seja, com o intuito de fazê-la compreensível aos leitores mais simples, que não conseguem lê-la no original, embora expresse sua preferência pelo primeiro método. As traduções em ambos os casos foram realizadas conforme o segundo método que Schleiermacher vai postular mais tarde.

Farei, agora, primeiramente, uma explanação das duas formas de traduzir apresentadas por Friedrich Schleiermacher. Em um segundo momento, apresentarei alguns prós e contras levantados por diversos autores, brasileiros e alemães, e pelo próprio autor do texto sobre ambos os métodos. A literatura brasileira ainda carece de obras sobre a teoria tradutológica do autor, penso que seja por não ter havido ainda uma tradução da mesma para o português, o que torna o acesso a ela bastante restrito.

Friedrich Schleiermacher (1838, p. 215) introduz sua discussão sobre ambas as maneiras de traduzir desafiando o leitor com as seguintes perguntas:

Deve ele [o tradutor, M.v.M.P.] propor-se a trazer duas pessoas tão separadas uma da outra quanto o compatriota que desconhece a língua do autor e o próprio autor para uma relação tão direta como a de um autor e seu leitor original? Ou mesmo quando ele quiser transmitir aos seus leitores somente a mesma compreensão e o mesmo prazer de que ele goza, como ele pode, em quem as marcas do empenho estão estampadas e em quem o sentimento do estranho continua latente, consegui-lo com seus meios, para já não falar do anterior [o mesmo prazer, M.v.M.P.]?

Na passagem acima, o autor apresenta de forma indireta as duas máximas tradutológicas. Na primeira questão, Schleiermacher se refere ao método emancipador; na segunda, ao estrangeirizador. De uma forma mais profunda, ele explana primeiramente esta e

¹⁰ Veremos mais tarde que o método estrangeirizador é diferente da tradução palavra por palavra, embora leve o leitor a pensar que é este método. Isto é, o leitor pensa que foi feita uma tradução literal.

após, aquela. Portanto, nesta dissertação, quando menciono o primeiro método, refiro-me ao estrangeirizador e quando citar o segundo, ao emancipador.

Friedrich Schleiermacher coloca as duas formas de traduzir de uma maneira bem direta e simples (1838, p. 218): “Ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele; ou ele deixa o leitor em paz e leva o autor até ele.” Em ambas as maneiras, a trajetória do autor e de seu leitor é inversa. Ou este é remetido à cultura, à língua e com isso às formas de pensar e de expressar-se e à época daquele; ou aquele ao meio, à cultura e à língua deste. A primeira máxima transporta o leitor ao autor, a segunda leva o autor ao leitor.

Segundo o autor, a verdadeira tradução deve deixar transparecer que se trata de uma obra estrangeira. Os textos devem ser traduzidos de forma que o *espírito da língua* do original também seja traduzido, pois é através dele que o leitor terá a mesma impressão que o leitor do original teve da obra.

Para entender o texto vertido, os leitores precisam captar o espírito da língua. É aí que muitos “tradutores”, no intuito de alcançar este objetivo, usam a paráfrase e a imitação, jogando fora conteúdos da obra ou criando-os onde eles não existem no original (1838, p. 216). O trabalho, então, entra no campo da interpretação, pois o espírito da obra e da língua do original não estão mais presentes.

A paráfrase, através de acréscimo e subtração mecânica de termos e expressões, pode dar o conteúdo, mas abdica da impressão, ponto importante na tradução. Conforme o autor, ela mata o discurso vivo da obra, e cada leitor sente que ela não poderia ter sido assim no original. A paráfrase, segundo o autor, tende a representar a posição de um comentário e não constitui uma tradução¹¹. Pergunto-me se a impressão também não é um tipo de conteúdo, ou se ela, ao menos em parte, não provém deste.

Conforme Vázquez-Ayora, a paráfrase não pode ser um método de tradução porque com ela o texto perde suas características. “O excesso de explicação destrói a concisão de uma

¹¹ SCHLEIERMACHER, Friedrich D.E. *Op. cit.* 1838, pp. 216ss.

obra e se prestam às mesmas distorções que seu antípoda, a tradução literal.”¹² (Mais adiante explicaremos o que se entende por *tradução literal*.)

A imitação, conforme Schleiermacher (1838, pp. 217s.), confessa que em uma outra língua não se poderia produzir uma obra de arte que correspondesse fielmente à do original. Ela forma um todo composto de elementos visivelmente diferentes daqueles do original e tenta parecer-se com este, tenta ser tão igual quanto possível, ter o mesmo efeito para seus leitores que teve para os receptores do original. Através da imitação, pode-se obter a mesma impressão, mas perde-se a identidade da obra, e a língua de chegada se apropria da obra como se fosse sua.

O método estrangeirizador, então, não admite nem a paráfrase, nem a imitação, porque tais formas de proceder abdicam das características peculiares da obra original e de sua língua.

Segundo Schleiermacher (1838, p. 219), ambos os métodos têm um estágio de perfeição. O primeiro, o estrangeirizador, será perfeito quando a tradução é como ela seria se o autor tivesse aprendido a língua de chegada como o tradutor aprendeu a de saída, e escrevesse o texto na língua de chegada, e ambos, a tradução e o original, não diferissem. O segundo método encontra a perfeição quando os leitores têm a compreensão de como a obra seria se o autor a tivesse *MB* composto na língua de chegada e ele mesmo sendo parte desta cultura e língua, isto é, como se a obra tivesse sido escrita por um autor da língua alvo e este representasse o mesmo para o seu povo e sua língua que o autor do original significou para os receptores deste.¹³

E é aqui, conforme o autor da obra em questão, que se percebe o quanto ambas as maneiras diferem, e seria muito complicado se o tradutor trocasse de método durante o trabalho. Em razão disso, segundo ele (1838, p. 219), “não poderia existir um terceiro método que tivesse um objetivo determinado”.

Enquanto a primeira forma tem um entendimento definido que ela deseja dar a seus leitores, a segunda tem de decidir que compreensão ela quer imitar. Consoante Schleiermacher, o tradutor *não deve* imitar uma compreensão não amadurecida, que não representa uma “visão clara

¹² VÁZSQUEZ-AYORA Gerardo. *Introducción a la Traductología*. Georgetown University, 1977, p. 266.

¹³ SCHLEIERMACHER, Friedrich D.E. *Op. cit.* 1838, p. 119.

do todo”. Há o entendimento que ninguém *consegue* imitar, segue o autor, a saber, o que está livre de qualquer influência de sua língua materna. Vale ressaltar que Herder, já afirmara que *ninguém pensa além da língua*, ou seja, o próprio pensamento é condicionado pelo idioma em que é concebido.

E aqui o tradutor esbarra nas limitações quanto à possibilidade de expressar o mesmo e da mesma maneira que o original em outra língua. Somado a isso, o tradutor, como um ente, a princípio capaz de pensar em ambos os idiomas, é influenciado por eles, há um, porém, que ele mais domina, e este vai transparecer em sua versão.

Bordenave afirma, conforme Arrojo:

Nossa tradução de qualquer texto será fiel não ao texto 'original', mas àquilo que consideramos ser o texto original, àquilo que consideramos constitui-lo, ou seja, à nossa interpretação do texto de partida que será sempre produto daquilo que somos, sentimos e pensamos(...) (ARROJO, 1986; apud: BORDENAVE, 1991, p. 50)

Aos empreendedores da utópica compreensão liberta de influências, conforme Schleiermacher (1838, p. 222), todas as línguas têm “*valor igual e as vestem como uma luva*”.

O verdadeiro tradutor tem o objetivo de:

(...) proporcionar ao seu leitor uma imagem e um prazer tais como a leitura da obra na língua original oferece ao homem formado de tal maneira que gostaríamos de chamá-lo, no melhor sentido da palavra, de admirador e conhecedor, que a língua estrangeira lhe é familiar, mas sempre continua estranha, aquele que antes de apreender o todo, não precisa voltar a pensar as peculiaridades na língua materna como os escolares o fazem, mas aquele que, também lá onde goza de forma mais tranqüila das belezas de uma obra, permanece consciente das diferenças entre língua e sua língua materna. (1838, p. 222)

Para o autor, o gosto pela leitura se dá como uma “corrente” e as traduções simples aguçam o gosto por ela até que o leitor chegue a um estágio mais avançado. E, assim também as exigências do trabalho aumentam quando:

(...) uma certa capacidade de transação com línguas estrangeiras estiver difundida entre a parte esclarecida do povo, assim também a arte só crescerá, e o objetivo será sempre mais elevado, quanto mais se difundem e se elevam a admiração e o conhecimento de obras de espírito estrangeiro entre aqueles no

povo que tiverem treinado e formado seu ouvido, sem fazer do conhecimento da língua o seu próprio negócio. Ao mesmo tempo, no entanto, não podemos ignorar que, quanto mais sensíveis forem os leitores para tais traduções, tanto mais elevadas também se apresentam as dificuldades da atividade, sobretudo quando se observam as produções mais próprias da arte e da ciência de um povo, que são os objetos mais importantes para o tradutor. (SCHLEIERMACHER, 1838, p. 223)

O excerto acima nos mostra que o método preferido por Schleiermacher, o estrangeirizador, é voltado para a “parte esclarecida” do povo. Preferindo esse método, o autor

(...) estava valorizando um discurso cultural da elite burguesa de refinamento literário contra uma cultura maior, mais heterogênea da classe média e trabalhadora. (VENUTI, p. 104)

A classe trabalhadora, segundo Venuti, queria obras literárias voltadas para seus interesses e que refletissem sua cultura. Os autores citados por Schleiermacher (Platão, Homero, Cícero) não tinham demanda na classe média. O teólogo pretende produzir, dessa forma, uma literatura elitizante e excludora, pois somente uma pequena parcela da população tinha conhecimento de línguas estrangeiras na época e, talvez possamos afirmar, uma compreensão de obras de arte e até gosto pela literatura clássica.

O segundo método apresentado por Schleiermacher (1838) é voltado para o povo simples, que ainda não tem conhecimento de obras clássicas, isto é, das obras dos autores citados por ele. Em sua única nota de rodapé de página, ele concorda com Goethe, “traduções prosaicas (...) seriam mais profícuas para a juventude, (...) pois em tal época, somente a descoberta da arte poética estrangeira pode fazer-se compreender”.

Em outro trecho do texto (1838, pp. 220s.), temos uma idéia bastante semelhante: enquanto a parte esclarecida de um povo não tiver a experiência de uma imersão profunda em línguas estrangeiras, imitações livres despertariam o gosto pelo estranho e a paráfrase prepararia uma compreensão, um entendimento geral, segundo o autor.

Para Lavrence Venuti (1995, p. 102), Schleiermacher estava ciente de que tais estratégias de tradução estão situadas em formações culturais específicas, nas quais os discursos são canonizados ou marginalizados, e a recepção ocorre em uma relação de dominação e exclusão.

A tradução realizada de acordo com o primeiro método é uma leitura elitizante não só porque mostra as particularidades da outra língua e com isso torna a leitura difícil porque a faz soar estranha e porque ela requer conhecimentos da cultura de chegada, o que não é privilégio de pessoas “não esclarecidas”, ou do povo.

E, segundo Schleiermacher (1838, p. 224):

É, pois, tarefa da tradução transplantar justamente isso [o estranho, combinações estranhas, M.v.M.P.] também em seu leitor; se não, muitas vezes, este perde uma parte muito significativa do que lhe foi atribuído.

Assim, conforme Pierre Daniel Huet (In: ALBRECHT, p. 69), “schön und gefällig schreiben ist nicht dasselbe wie genau übersetzen” (escrever bonito e agradável não é o mesmo que traduzir de forma exata). Nesta forma de proceder, o tradutor não deve temer o uso de estruturas e expressões estranhas à língua de chegada, antigas e em desuso, pois elas podem apresentar melhor o sentido do texto do original que uma palavra atual na língua de chegada. Conforme Venuti (p. 20), o método estrangeirizador, no esforço de fazer o de fora direito, precisa fazer errado em casa, desviando o texto traduzido das normas da língua nativa.

Consoante Schleiermacher, o tradutor tem de se rebaixar (*Erniedrigung* – rebaixamento) quando consegue escrever um texto melhor que o do original¹⁴. Dessa forma, ele não deve melhorar o texto, deve deixá-lo como o autor o escreveu no original, o que pode ser uma tarefa difícil para ele, pois terá de infringir as normas de sua língua e receber e responder pelas críticas recebidas por isto.

Podemos dizer que a língua de chegada, por um lado, sofre uma perda com a tradução realizada desta forma; por outro, ela pode também ser embelezada com as formas novas que lhe são acrescidas e, talvez, venham a fazer parte do léxico desta. Mas quantas vezes o tradutor não se depara com textos ininteligíveis mesmo no original? Tem ele o direito e o dever de torná-los claros? Conforme Rónai (1987, p. 135), é um erro pensar que se tem de entender um texto para traduzi-lo. E tornar inteligível um texto que no original está ininteligível constitui uma infidelidade.

¹⁴ SCHLEIERMACHER, Friedrich D.E. *Op. cit.* 1838, p. 227.

Traduzir fielmente, conforme Schleiermacher (1838, p. 224), é uma das dificuldades da tradução. E o tradutor “deve estar satisfeito em atingir em alguns casos o que não pode atingir no todo”, pois a gramática e fidelidade rítmica e melódica estão em briga constante. Se o tradutor for um admirador da métrica, certamente dará mais valor a esse aspecto, pecando em relação aos outros, com isso seu trabalho se distanciará cada vez mais da verdadeira tradução.

Segundo Koller (1992, p. 44), a fiel representação do original só é possível através do método estrangeirizador. Humboldt postula que traduzir tudo em um texto é uma tarefa impossível de ser realizada, pois ou o tradutor fracassa mantendo-se muito próximo do original, às custas da língua de chegada, ou se manterá muito próximo às peculiaridades do povo de chegada, às custas do original.¹⁵ Uma expressão popular alemã de tradutologia reza: “so treu wie möglich, so frei wie nötig” (tão fiel quanto possível, tão livre quanto necessário).¹⁶

De acordo com Rónai (1987, p. 23), “A arte do tradutor consiste justamente em saber quando pode verter e quando deve procurar equivalências.” A versão estrangeirizadora procura uma equivalência de designação semântica, o que pode ser conseguido, mas transparecerá o estranho na língua de chegada.

A verdadeira tradução é transparente, ela não esconde o original, não está à sombra dele, mas deixa a língua pura tanto mais completa sobre o original, como reforçada por seu próprio meio. (BENJAMIN, p. 166)

E isso exige antes de tudo liberdade na tradução da sintaxe. “Pois a frase é o muro diante da língua do original; literalidade, a arcada.”(BENJAMIN, p. 166)

Para Albrecht, versão emancipadora não é igual à tradução livre, nem tradução estrangeirizadora é o mesmo que tradução literal. Conforme este autor (p. 75), livre e literal se referem ao sistema interno da língua, restrito às questões frasais internas (microtexto); e a dicotomia emancipadora e estrangeirizadora se refere às questões do microtexto e também às questões do macrotexto (estilo, estrutura).

¹⁵ KOLLER, Werner. *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*. 4. Aufl. Heidelberg; Wiesbaden: Quelle und Meyer, 1983, p. 134.

¹⁶ ALBRECHT, Jörn. *Op. cit.* p. 62.

Em Schleiermacher, há uma união entre livre e emancipadora, pois a língua do texto original se desvincula totalmente de seu produto final, a tradução; o texto passa a ser de outro sistema lingüístico, adquirindo as características deste. A tradução estrangeirizadora e a literal também andam bastante juntas, pois o primeiro método de Schleiermacher defende uma versão presa ao original, que mostra as nuances da língua de saída e da cultura desta, embora observando o sentido e a designação das palavras. Tradução palavra por palavra (tradução literal), não significa seguir também a ordem das palavras conforme original, pois estar-se-ia “ignorando” as diferenças da estrutura sintática das línguas e o texto tornar-se-ia incompreensível, uma vez que nas línguas sem declinações os períodos são compreensíveis a partir de sua estrutura frasal e esta tem uma importância muito grande, o que pode não ocorrer na outra língua envolvida no processo.

Schleiermacher (1838, p. 228) também adverte que seu primeiro método:

(...) não pode prosperar igualmente bem em todas as línguas, mas somente naquelas que não estão tão presas em limites tão restritos de uma expressão clássica, fora da qual tudo é condenável.

Este tipo de tradução não só explora os limites da língua, mas também os extrapola, e a língua precisa ser versátil e estar aberta para acolher estruturas e formas estranhas a ela, porque é através da sensação do estranho que a tradução atinge o seu verdadeiro objetivo: “na língua materna dever-se-ia representar o **estranho**” [o grifo é meu]. (SCHLEIERMACHER, 1838, p. 228)

Humboldt (p. 172) também partilha da idéia de Schleiermacher, afirmando, “(...) ainda nos contentamos freqüentemente demais com comparações fragmentadas sobre costumes isolados e algumas dúzias, se com sorte, de palavras arrancadas de uma língua (...)”¹⁷

Em trecho anterior (na mesma página), este autor mostra claramente o objetivo das traduções e comparações em massa: criação de um sentimento nacionalista.

¹⁷ HUMBOLDT, Wilhelm von. II. Aufbau: Romantische Geisteswissenschaft. In: ARENS, Hans. *Sprachwissenschaft. Der Gang ihrer Entwicklung von der Antike bis zur Gegenwart*. Band 1. Fischer Athenäum Taschenbücher, Frankfurt am Main, 1969; 170-227.

Pelo fato de a diferença entre as nações se manifestar de forma mais definida e clara na língua, em uma tal descrição [raízes isoladas, M.v.M.P.] o estudo das línguas deve encontrar-se com o estudo dos costumes e da história (...)

É através da comparação em massa que o leitor poderia realmente ter essa sensação do **estranho** através da qual a tradução atingiria o objetivo nacionalista da época em que Schleiermacher leu o seu discurso, como já havíamos comentado no início deste capítulo:

E com isso [manter o estranho, M.v.M.P.] parece coincidir que, por causa de seu respeito ao estranho e de sua natureza mediadora, o nosso povo seria determinado a unir todos os tesouros da ciência e da arte estrangeiras com e ao mesmo tempo em sua língua como que em um grande todo histórico, que estaria guardado no centro e no coração da Europa, para que ora com o auxílio da nossa língua, cada um pudesse apreciar o que os mais diferentes períodos trouxeram de bonito tão pura e tão perfeitamente quanto possível ao estrangeiro. (SCHLEIERMACHER, 1838, p. 243)

Cabe lembrar que, segundo Venuti, Schleiermacher defende que a tradução deve deixar transparecer o estrangeiro na obra vertida. Penso que talvez essa interpretação tenha sido feita em consequência de um engano na tradução, pois Schleiermacher, em todo seu texto, defende claramente que na verdadeira tradução transparece o **estranho**.

O método emancipador, por outro lado, almeja um texto que não soe estranho na língua alvo e o leitor não deve perceber que se trata de uma obra estrangeira. Aqui o tradutor não encontrará muitas dificuldades em representar na língua de chegada, o que foi produzido no idioma de saída, pois ele pode fazer uso de paráfrases, fazer acréscimos ou exclusões na versão. O importante é que o texto tenha as características de uma obra daquela língua.

Faço minha a pergunta de Schleiermacher (1838, p. 227):

Quem não gostaria de deixar sua língua materna aparecer em todo lugar na beleza mais popular da qual somente cada classe seria capaz? Quem não preferiria gerar filhos que representem a raça paterna pura em vez de bastardos?

Afinal, deve o tradutor optar por levar o leitor ao autor, na analogia de Schleiermacher, como “filhos bastardos”? Ou deve aquele levar o autor ao leitor e verter o texto de maneira que este não soe estranho e que o leitor nem perceba tratar-se de uma obra estrangeira, na mesma analogia do autor, como “filhos legítimos”?

Seja qual for o método que o tradutor adotar para a sua versão, ele se deparará com inúmeros problemas ou por falta de termos adequados na língua de chegada, ou porque a estrutura frasal na língua alvo não expressa o mesmo que a de saída, ou mesmo por falta de ambos na língua alvo. Deparar-se-á também com problemas relacionados a divergências culturais entre as comunidades envolvidas no processo, e também no que diz respeito a conceitos diferentes e, às vezes, divergentes em ambas as culturas. E é sobre essas dificuldades e barreiras transponíveis, ora com mais penar, ora com menos, que vou tratar no capítulo seguinte.

CAPÍTULO III - REFLEXÕES SOBRE A TRADUÇÃO

Durante muito tempo, a concepção da *sprachliche Weltbild* humboldtiana, com o entendimento de que *a língua molda as idéias e a atividade mental dos indivíduos*, retomada por Sapir e Whorf, um século mais tarde, vigorou como a teoria válida para a tradução, por um lado. Por outro, a tese iluminista de absoluta possibilidade de tradução, ancorada em Descartes, Leibniz e Wolff e que repousa na lógica matemática, se reforça com os universais lingüísticos, postulados por Chomsky, ou seja, com a idéia de que a estrutura profunda de todas as línguas é universal por representar a base do pensamento¹.

Segundo Koller (1983, p. 150), é importante notar que a existência de universais formais não significa que haja uma correspondência exata entre as palavras como *um por um*, significa apenas que todas as línguas podem ser traduzidas umas para as outras. Schleiermacher afirma que no campo da ciência e da arte, onde ocorre a “verdadeira” tradução, as línguas não se correspondem matematicamente; já no campo dos negócios elas têm um caráter aritmético. É sobre essas incongruências das línguas, que podem ser tanto lexicais quanto sintáticas, que tratarei nas subdivisões a seguir.

¹ KOLLER, Werner. *Op. cit.* 1983, pp. 148s.

3.1 - Reflexões sobre o campo lexical

É sabido que as línguas não expressam os mesmos conceitos pelos mesmos signos de forma que se pudesse propor um paralelo de idioma para idioma. Os conceitos que os falantes de uma língua têm em relação ao referente de um determinado signo também não correspondem de uma língua para outra.

Friedrich Schleiermacher, em sua obra anexa, afirma que os indivíduos expressam um determinado fato de diferentes maneiras, ainda que pertençam ao mesmo grupo lingüístico, *porém de mentalidade e personalidades diferentes*. Essa diferença é ainda maior quando em relação a duas línguas distintas, onde, além de eles terem personalidade e mentalidades diferentes, ocorre também a irracionalidade das línguas, em que reside o verdadeiro sentido da tradução, pois:

Se entre duas línguas cada palavra de uma correspondesse exatamente a uma palavra na outra, expressando o mesmo conceito na mesma abrangência, se suas flexões apresentassem as mesmas relações e suas combinações se diluíssem umas nas outras de forma que as línguas diferissem somente para o ouvido, então toda tradução no campo da arte e da ciência, contanto que só o conteúdo de um discurso ou de um texto precisasse ser comunicado, seria tão mecânica quanto a dos negócios. (SCHLEIERMACHER, 1838, p. 212)

Conforme Saussure, a língua não constitui uma nomenclatura, as palavras não dão conceitos dados de antemão, se assim fosse, haveria uma correspondência de sentidos exatos de uma língua para outra². Schleiermacher (1838, p. 212) também reporta a esse fato afirmando que é no campo da ciência e da arte, onde

(...) domina mais o pensamento, que forma uma unidade com o discurso e não com o objeto, cuja palavra está ali somente como seu signo arbitrário, talvez, porém fortemente determinado como signo.

É essa arbitrariedade do signo lingüístico, já expressa por Schleiermacher e retomada pelo autor suíço, a razão primeira de todo traduzir, como afirmado acima, e que, por sua vez, também impõe dificuldades ao processo tradutório.

² MOUNIN, Georges. *Os problemas teóricos da tradução*. Prefácio de AURY, Dominique. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Editora Cultrix, 1963, pp. 31s.

Schleiermacher, porém, não vê somente na arbitrariedade dos signos, intrínseca às línguas, a diferença de umas em relação às outras. A influência que a língua exerce sobre os falantes e estes na língua é outro fator que distancia a forma de expressar dos indivíduos de um idioma em relação aos de outro, pois:

Por um lado, cada pessoa é dominada pela língua que fala, ela e todo seu pensamento são um produto dela. Uma pessoa não poderia pensar com total certeza nada o que estivesse fora dos limites dessa língua; a configuração de seus conceitos, a forma e os limites de sua combinabilidade lhe são apresentados através da língua na qual nasceu e foi educada, inteligência e fantasia são delimitadas através dela. Mas, por outro lado, toda pessoa que pensa de uma maneira livre e intelectualmente independente também forma a língua à sua maneira. (SCHLEIERMACHER, 1838, p. 213)

Dessa forma, abrangência lexical (tudo o que um termo pode significar; até onde um determinado conceito é expresso por ele e onde inicia o representado por outro) de um determinado vocábulo é maior ou menor de uma pessoa para outra e, também, de uma língua para outra. Conforme Humboldt,

(...) nenhuma palavra de uma língua é completamente igual em uma outra língua. Línguas diferentes são, nesse sentido, somente outro tanto sinônimas; cada uma expressa o conceito um pouco diferente, com essa ou aquela determinação acessória, um grau acima ou abaixo na escala da sensação. (HUMBOLDT, p. 80; In: STÖRIG, 1963)

Saussure afirma que: “A parte conceitual do valor (de um termo) é constituída exclusivamente de relações e diferenças com os outros termos da língua.”³ Assim, um termo é o que o outro não é. O sentido de uma palavra está em dependência com o da outra. Se uma língua faz mais diferenciações de um termo, o seu significado em outro idioma não é o mesmo que naquele.

Consoante a tese humboldtiana,

(...) a situação das diversas línguas frente ao mundo da experiência humana é exatamente a mesma: elas falam de um mesmo objeto mas nunca a partir do mesmo ponto de vista; o que designam é o mesmo; contudo, o que exprimem não é nunca precisamente a mesma experiência desse mundo.⁴

³ SAUSSURE, 1960, p. 98; apud: MOUNIN, Georges. *Op.cit.* p. 33.

⁴ MOUNIN, Georges. *Op.cit.* p. 57s.

E esse ponto de vista varia ainda mais quando ocorre com substantivos cujos referentes são de ordem abstrata, subjetiva e cujo valor e conceito estão intrinsecamente ligados à cultura dos falantes e às vivências dos mesmos em relação ao referente. Segundo Mário Laranjeira (1996, p. 15) em *Limites da Traduzibilidade*, a “Mudança de língua implica em [sic] uma mudança de ‘materialidade do significante’”.

Assim, todo discurso é um discurso próprio, que tem um valor particular para a pessoa que o produz e para os falantes da língua do autor, que a vivenciam dentro do mesmo contexto deste. Schleiermacher afirma que o discurso é um produto da língua e da expressão do *espírito da língua* e vai além,

(...) dessa forma somente esse homem poderia pensar e falar em heleno, que tão somente ele poderia apreender e modelar a língua dessa forma, que assim só se manifesta sua posse viva da riqueza lingüística, apenas uma grande percepção de medida e de eufonia, só o seu talento para pensar e criar.
(SCHLEIERMACHER, 1838, pp. 214s.)

Os termos utilizados pelo autor adquirem uma nuance e um significado próprios, materializados naquele discurso. É assim que Koller (1983, p. 41) afirma: “palavras isoladas de línguas diferentes não podem ser comparadas nem equiparadas, porque a sua importância é diferente nos campos de línguas isoladas”.

Para Klein, a intenção do falante só pode ser sabida se conhecemos a realidade onde a sentença foi expressa. Palavras e sentenças não têm um significado fixo, ele tem de ser negociado no momento da interação. Há um certo significado social para os participantes do discurso.

Aqui o tradutor mergulhará em um problema de difícil solução, pois, como ele saberá qual foi exatamente a intenção do enunciador do discurso a ser traduzido, uma vez que, como já afirmado acima, as palavras e expressões têm uma plumagem diferente para cada indivíduo. Ele poderá orientar-se pelo contexto em que a palavra se encontra, por exemplo, o valor da palavra “quente” será determinado quando o interlocutor conseguir ter uma idéia da intensidade dessa sensação. O tradutor conseguirá, dessa forma, uma certa proximidade do valor original da palavra, mas não o exato, pois um “café quente” para uma criança ainda é muito diferente de um “café quente” para um adulto, por exemplo.

A vagueza semântica⁵ é um problema com o qual todo tradutor tem de lidar, pois seu trabalho envolve duas línguas e, por conseguinte, duas culturas com certos valores e saberes diferentes. Quando da inexistência de termos na língua de chegada, porém, o tradutor terá de lançar mão de outros recursos para colocar o seu valor nesta.

Podemos, de certo modo, concordar com Klein (p. 119) quando afirma que não se traduzem palavras, sentenças e expressões, pois a tradução não diz respeito à língua individual, mas ao plano do texto. Porém, quando os termos, expressões a que o signo no original se refere inexistem na língua de chegada, o contexto pouco ou nada ajuda, pois nesta não haverá um contexto para eles, tampouco uma forma de expressá-los.

3.1.1 - Conotação e denotação *versus* designação e sentido

Muitas vezes não basta que o tradutor tenha fatos e palavras contextualizadas para poder orientar-se em relação a uma escolha lexical na tradução. É claro que ele consegue, como já afirmado anteriormente, orientar-se para a escolha entre um e outro termo para chegar mais próximo ao valor daquele da língua de saída. É necessário lembrar, entretanto, que o tradutor também precisa analisar se os termos que podem parecer adequados ao contexto têm ou não um valor conotativo diferente daquele da língua de saída, mesmo que esteja empregado em seu sentido denotativo, pois pode levar o receptor da tradução a julgamentos que os leitores da língua de origem não puderam ter a partir do discurso. A falta desse cuidado pode levar a tradução de uma poesia ou até de qualquer outro texto do gênero artístico ao fracasso, pois os valores subjetivos são muito fortes ali.

Conforme Klein, quando o valor conotativo existe no texto de saída ele precisa ser mantido, não somente em textos literários. É claro que é muito difícil encontrar um termo na outra língua que se aproxime tanto quanto possível denotativa e conotativamente daquele da língua do original, pois a cultura, as vivências e a história dos indivíduos de ambas as

⁵ Conforme Surdi (1989, p. 23): “Uma expressão (ou categoria) é vaga quando não se pode determinar o conjunto de condições necessárias e suficientes que formam o seu sentido e quando a aplicabilidade do termo deixar dúvidas.”

comunidades lingüísticas têm um papel muito importante na conotação que um termo pode ter para ela. Arthur Schopenhauer (In: STÖRIG, pp. 102s.) afirma que:

Quase nunca podemos traduzir qualquer período característico, expressivo, significativo de uma língua na outra de tal forma que ele provoque exata e completamente o mesmo efeito.

Na língua de chegada, a expressão pode não ter o mesmo significado por não representar uma referência significativa ou expressiva aos falantes desta língua. Isto é, um termo ou uma expressão pode ser relevante para uma cultura, mas não para outra, pois os leitores não têm uma vivência, uma experiência com os seus referentes e por isso não há um sentido para este ou aquele fato da mesma forma que na outra cultura.

Deve o tradutor, em tais casos, optar pelo sentido ou pela designação na tradução?

Conforme Coseriu, cabe ao tradutor escolher se quer manter a designação ou o sentido. O autor nos coloca um exemplo (pp. 97s.) dizendo que o *branco* em uma comunidade lingüística pode representar sentimentos *alegres* e em outra, *luto*. E isso pode gerar um conflito entre a designação e o sentido na tradução. Se o tradutor quiser manter o sentido, precisa mudar a designação; se quiser mudar a designação, terá de apontar em nota de rodapé de página que essa designação na comunidade lingüística de partida do texto possui outro sentido.

A referência é o conteúdo dado pela própria língua individual, dado exclusivamente por ela, ao passo que o sentido é o conteúdo especial de um texto ou de uma unidade textual na medida em que o conteúdo não coincide com a referência ou a designação.⁶

Vejamos um exemplo em que uma tradução descuidada poderia, inclusive, acabar com a poeticidade da obra artística e/ou tornar um texto didático, antididático. Isso ocorre quando na sentença *Quando, às nove horas, começou a escurecer...*, produzida por uma comunidade lingüística perto da linha do Equador, o tradutor cometer a gafe de traduzi-la por designação para um idioma de um povo distante em latitude deste ponto geográfico e não fizer nenhuma observação em rodapé de página. Esta sentença, em um texto didático, levaria os estudantes a falsos conceitos, pois neste local, a essa hora, já teria escurecido há tempo, ao contrário de como

⁶ COSERIU, Eugênio. Questionamentos falsos e verdadeiros na teoria da tradução. (Tradução: Ina Emmel) In: *O "fazer" terminológico x o "fazer" tradutório. Uma aplicação prática na área de especialidade: Tradutologia*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 1998, p. 95; p. 95-103.

ocorre naquele onde o texto foi escrito. E, em se tratando de uma obra poética acabaria com toda poeticidade e subjetividade da mesma.

Schleiermacher defende a importância de manter a designação, pois através dela o leitor perceberá o *espírito da língua* do autor. Ele afirma (1838, p. 214) que um discurso só é entendido

(...) como ação do enunciador quando, ao mesmo tempo, se sente onde e como a força da língua o dominou, para onde, na sua condução, os raios do pensamento se direcionaram, onde e como, em suas formas, a fantasia vagueante foi preservada.

Assim, é necessário que o leitor perceba como e onde a língua de saída dominou o autor, ou seja, o que é próprio da língua e de que forma ele conseguiu expressar o seu pensamento. Para isso é preciso que se mantenha a designação, pois através dela o leitor da tradução poderá compreender o que determinado termo significou para o enunciador, e esse significado está ligado à cultura, à história daquela língua, do que é relevante para ela.

As expressões idiomáticas são entendidas em uma língua justamente por serem corriqueiras, conhecidas na comunidade lingüística em que ocorrem ou cujos referentes têm um significado relevante dentro daquela cultura e, à medida que não o são em outra, elas não têm um significado e, por conseguinte, não terão o mesmo sentido para os receptores de outro meio. O mesmo ocorre com os regionalismos léxicos, que contribuem para “enriquecer” o texto. Estes, em geral, não contam com uma representação lingüística em outro idioma e no próprio.

Pensando dessa maneira, não é de surpreender que Schleiermacher sugira que sejam realizadas traduções de literaturas inteiras, pois, em um texto só, os receptores, pertencendo a uma língua que não tem parentesco com a língua de partida da obra, como a portuguesa e a alemã, e também a culturas distintas, dificilmente perceberão em um só texto o que um determinado termo conota para a língua de saída, de forma que, mesmo quando no texto de saída o termo for empregado denotativamente, possa ser traduzido pela sua designação.

Para exemplificar essa hipótese, tomemos a expressão alemã: *Da liegt der Hund begraben* – que significa na nossa língua - *aí é que está o xis da questão* cuja tradução por designação seria *lá o cachorro está enterrado*. Acredito que, nesse caso, nem com a tradução de literaturas inteiras, como sugere Schleiermacher (1838, p. 230), o interlocutor interpretaria tal

expressão com o sentido que ela tem para o autor. Percebemos que nem sempre os significados pragmático⁷ e lexical estão em relação sistemática, como afirma Klein⁸.

Dessa forma, o significado para ambos os leitores, o do original e o da tradução, é, necessariamente, diferente, pois a significação, conforme Mounin (p. 150), é o resultado das situações em que o falante ouviu tal palavra e, podemos dizer ainda, quando ele mesmo a empregou. O autor exemplifica esse fato com o termo “*bode*” que, para um habitante da cidade que, provavelmente, só conhece esse animal através de gravuras ou raramente teve contato com ele, tem um significado bem diferente daquele de um morador da zona rural que, talvez, seja criador desse animal e constantemente entra em contato com ele, que conhece o seu ciclo de vida, sabe sobre a sua alimentação etc. Para esse indivíduo, é provável que o animal não tenha cheiro desagradável, e, certamente, não fará as mesmas associações que o primeiro, segundo Mounin.

Assim, é necessário que o tradutor se questione sobre o significado dos termos para cada cultura envolvida no processo de tradução, pois é bem diferente as comunidades lingüísticas terem uma entrada lexical para o termo a que se refere na língua de saída e dele poder ter as mesmas associações e conclusões e, dessa forma, serem capazes de interpretar o sentido conotativo que esse referente tem na língua de saída.

Os usos conotativos podem ser interpretados apenas por um determinado grupo de línguas cujas culturas são bastante idênticas (mesmas crenças, vivências), pois a conotação de um dado vocábulo ou de uma expressão dependerá de cada cultura, podendo ela ser diferente mesmo para falantes pertencentes ao mesmo idioma. Os universais lingüísticos, na verdade, são tão poucos e raros que Schleiermacher os resumiu em apenas dois, afirmando (1838, p. 239) serem as palavras “Deus” e “Ser” (criatura). Penso que o autor tenha afirmado isso por ser teólogo e, assim, teve intenção catequética, pois levando em conta seus largos conhecimentos da língua e da cultura grega, cujos falantes não crêem no Deus pregado pelo cristianismo, ele não poderia ter citado o Deus monoteísta como um universal lingüístico.

⁷ Pragmática conforme Dicionário de Lingüística, p. 480, “O aspecto *pragmático* de linguagem concerne às características de sua utilização (...) por oposição ao aspecto sintático (...) e (...) semântico (...)”

⁸ KLEIN, Wolfgang. O que a tradutologia pode esperar da Lingüística? (Tradução: Ina Emmel) In: *O “fazer” terminológico x o “fazer” tradutório. Uma aplicação prática na área de especialidade: Tradutologia*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 1998, p. 115; p. 114-124.

Entramos aqui também no nível lexical dos termos. Uma questão pode ser abordada de diversas formas em um texto; o autor pode utilizar palavras rebuscadas e de pouco uso como pode também utilizar-se de vocábulos cotidianos e simples em sua obra. O que importa para Friedrich Schleiermacher é que o *espírito* do texto também seja vertido.

3.1.2 - Os níveis lexicais

Não é em vão que um autor opta por um determinado termo em detrimento de outro para designar seu referente quando tem outros tantos que podem levar o leitor à mesma referência. A escolha de termos determina o nível lexical do texto, que é de grande significância para uma obra, pois, muitas vezes, isto determina a gama de leitores aptos a lê-la e entendê-la, ou, até, que devem ter acesso a ela, independentemente do assunto de que trata. A tradução também do nível lexical é importante se não imprescindível, pois nele estão impregnados uma série de significados, intenções/objetivos e marcas do espírito do autor.

Na tradução da obra de Schleiermacher, encontramos alguns vocábulos que podem, a princípio, parecer-nos estranhos a este tipo de obra – por um erudito para eruditos - por exemplo o termo *Thorheit* (p. 223) traduzido por *tolice*. Um termo mais “brando”, que não ferisse tanto os olhos e ouvidos dos leitores e que não “quebrasse” o estilo do texto, poderia ser o termo *loucura*. Por outro lado, esse vocábulo “quebraria” o sentido que o autor conferiu ao termo original, *Thorheit*. A segunda possibilidade de tradução para este vocábulo não apresentaria um sentido forte e atenuaria o significado original e, também, o impacto que ele teve na obra. A opção por um termo mais brando ou mais forte para expressar algo é uma forma de acentuar o valor da expressão e o sentimento do autor em relação à questão abordada.

Em um texto literário, no qual os termos, muitas vezes, são escolhidos com bastante cautela para que o autor consiga expressar os sentimentos, as sensações com o máximo ou mínimo de intensidade, aqueles têm valor lexical e expressivo muito grande. Qualquer tropeço aqui pode ser danoso à expressividade do texto ou também pode levar o leitor a fazer outro julgamento sobre essa ou aquela personagem ou situação, ou mesmo da qualidade literária da

obra. Caso se trate de um livro técnico, os entendidos da área de que ele trata poderiam julgá-lo de baixo nível, nas palavras de Schleiermacher, de “pobreza escolar”.

Esta expressividade também pode ser dada pela própria composição lexical. Em uma língua precisamos de mais, já em outra, de menos termos para designar ou para expressar o mesmo sentido.

3.1.3 - Flexibilidade lexical

Da mesma forma que os campos lexicais de determinadas áreas são mais abrangentes e com maiores especificações e classificações em uma língua que em outra, assim também ocorre com a estrutura lexical interna em línguas diferentes. Algumas línguas usam mais termos ou até sentenças inteiras para expressar o que outra consegue exprimir em um vocábulo em razão da sua flexibilidade e combinabilidade morfológicas.

É notável a grande facilidade da língua alemã no que concerne à formação de palavras compostas, seja na combinação de substantivos com substantivos, substantivos com adjetivos, verbos com advérbios, adjetivos com adjetivos, advérbios e substantivos.

Em outras línguas, no português, por exemplo, é necessário que o falante utilize duas ou mais palavras para expressar o mesmo conceito ou sentido que aquela (analisaremos palavras assim mais adiante com exemplos da tradução da obra de Schleiermacher).

Schleiermacher afirma que

(...) esse método de tradução [o estrangeirizador, M.v.M.P.] não pode prosperar igualmente em todas as línguas, mas somente naquelas que não estão tão presas em limites tão restritos de uma expressão clássica, fora da qual tudo é condenável. (1838, p. 228)

A língua alemã, nesse sentido, seria apropriada para o primeiro método, pois é uma língua muito versátil no que diz respeito à formação lexical. Este idioma tem uma predileção pela precisão na expressão dos verbos que ocorre através da anteposição de um advérbio ou de uma

preposição a eles. Conforme Peter von Polenz, ao final do século XVII, deixando para traz a forma barroca de compor a:

(...) descrição de estados psicológicos e vivências para as quais nem o vocabulário da composição nem a vida cotidiana colocavam expressões o suficientemente, exigia nova formação de palavras, talvez sobretudo no âmbito do verbo, à raiz do qual se juntou uma porção de composições derivadas. Muito preferidos eram as formações com ein-, hinein-, durch-, que deram um caráter de movimento, dinâmico a todo o estilo. (POLENZ, 1978, p. 120)

Os verbos que indicam movimento, por exemplo, descrevem a trajetória da ação no próprio verbo através de um advérbio (*hinaufgehen* - subir daqui para algum lugar para longe do falante; *herunterkommen* - descer de algum lugar em direção ao falante), enquanto no português os verbos *subir* e *descer* expressam apenas a direção do movimento, mas nada nos dizem em relação ao local onde o falante se encontra.

A língua alemã também tem uma predileção por substantivos compostos de dois ou três termos como por exemplo *Kindergarten* (jardim de infância), enquanto na língua portuguesa temos de empregar dois vocábulos, como mostra o exemplo.

Conforme Rónai (1987, p. 78)

(...) a preferência alemã por substantivos compostos torna-se um alcapão para o tradutor brasileiro, hesitante quanto à escolha da preposição para ligar os elementos insuscetíveis de fusão em português.

E, conforme Wilhelm Schmidt (In: ROSENTHAL, 1963, p. 318), à “quase ilimitada capacidade de formação de palavras compostas liga-se à alta potência expressiva de nossa [a alemã, M.v.M.P.] língua”. É a grande expressividade da língua alemã que muitas vezes nos causa problemas na tradução para a nossa língua, uma vez que esta não admite tantas formas de composição lexical e muitas vezes o texto não será estilisticamente adequado em nosso idioma se expressarmos em mais palavras o que a língua de saída conseguiu através de uma única, como ocorre, por exemplo, com o termo já analisado acima – *hinaufgehen*: subir para lá (para longe de onde o falante se encontra).

Em contraponto às dificuldades de encontrarmos um único termo no português que expresse o mesmo e através da igual composição lexical que o alemão, ocorre que, nesta língua, não conseguimos expressar em um só verbo e um só tempo verbal o que o a nossa língua

expressa através do gerúndio. Se no português tivermos a sentença - *Ele está vindo* -, na tradução para o alemão teremos de empregar outra estrutura e outro tempo verbal para podermos chegar o mais próximo do significado do original - *Er kommt jetzt gerade*, pois esta língua não possui esta forma verbal.

Para Humboldt, mesmo que as línguas carentes de certas formas gramaticais coloquem de outra forma o que as que as possuem expressam, elas não exercem a mesma expressão no pensamento que aquelas.⁹

Conforme Mounin (1963, p. 241), quanto mais limitativamente descritivos são os traços semanticamente pertinentes, tanto mais possível e concreta é a tradução, independente do distanciamento das línguas. A precisão descritiva dos termos orienta o tradutor a encontrar um termo ou termos na língua alvo que melhor possam expressar o significado na língua de saída.

Conforme Robins, a variabilidade e extensibilidade do significado das palavras permite satisfazer as exigências impostas com um número limitado de recursos¹⁰. Na língua portuguesa, mesmo que não tenhamos vocábulos semanticamente tão descritivos quanto na alemã, o seu significado é mais extenso, mais amplo e, quando necessário detalhar mais um determinado sentido, empregam-se outros termos adjacentes, como já explanado acima. Na tradução, porém, o problema persiste por não ser possível compor a versão da mesma forma como o autor do original o fez, e, por conseguinte, ela não expressa o *espírito da língua* e do próprio autor da obra.

Isso não significa que o tradutor não possa empregar outras palavras para chegar o mais próximo possível do texto de saída, mas uma vez não conseguindo fazê-lo através da mesma forma que nesta, a expressão perde em força e concisão e, também, no espírito da língua. Isto é, não conseguimos transpor o *espírito da língua*, que, para Schleiermacher, é de suma importância.

Conforme Rosenthal (pp. 318s.), é pelo fato de a língua refletir as condições sociais e os interesses de sua comunidade que todos os idiomas possuem expressões intraduzíveis, quando

⁹ HUMBOLDT, Wilhelm. Sobre a origem das formas gramaticais e sobre a influência no desenvolvimento das idéias. (Tradução de Claudia Castellanos Pfeiffer) In: *Línguas e instrumentos lingüísticos* nº 3, Campinas: Pontes Editores, 1999, p. 85; p. 77-102.

¹⁰ ROBINS, R. H. *Pequena história da lingüística*. Tradução de Luiz Martins Monteiro de Barros. - Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico; Brasília: INL, 1979, p. 110.

se quer manter exatamente o mesmo sentido, a mesma conotação que as palavras têm na língua de origem.

Quando Schleiermacher diz que se deve aproximar o autor ao leitor (ou vice versa) tanto quanto possível, ele admite que a tradução nunca pode ser perfeita. A língua se move entre as possibilidades representacionais da língua e da cultura de saída e a de chegada, e estas não têm uma relação lógica de um para um.

Para que possamos ver mais de perto os problemas que envolvem a tradutologia sobre que relatei acima, passo a analisar agora alguns termos problemáticos encontrados na tradução da obra de Schleiermacher e seus conceitos em ambas as línguas envolvidas no processo, a alemã e a portuguesa.

3.1.4 - Análise lexical de termos e expressões da tradução

Faço aqui uma reflexão sobre alguns termos da obra *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens* que apresentaram problemas na tradução do alemão para o português. Esta não pretende ser uma análise semântica e comparada exaustiva dos conceitos e do significado de tais palavras em ambas as línguas.

Os vocábulos e expressões que são especialmente válidos para análise por questão de sua composição lexical, vagueza semântica, falta de correspondência com algum termo na língua de chegada são os seguintes: *einheimisch*, *hindurchstümpfern*, *in die Augen leuchten*, *Eigenthümlichkeit* e *hinschlängeln*.

Para realizar as análises, parto da frase e do contexto em que os termos acima mencionados se encontram na obra e da minha tradução da mesma. Comparo a alguns empregos em exemplos dados por três dicionários de língua alemã e por dois da língua portuguesa (citados abaixo). Tomo apenas os exemplos mais próximos do uso dos mesmos ao texto de Schleiermacher, caso os glossários tragam sentidos diversos dos termos em estudo.

Por questão de praticidade e de clareza, refero-me aos dicionários através de letras do alfabeto da seguinte maneira:

- a - Duden. *Deutsches Universal Wörterbuch A-Z*. Mannheim/Leipzig/Wien/Zürich: Dudenverlag, 1989.
- b - *Langenscheidts Großwörterbuch.- Deutsch als Fremdsprache*. Berlin – München – Wien – Zürich – New York. Neubearbeitung, 1998.
- c - HERMANN, Paul. *Deutsches Wörterbuch*. 9., vollständig neu bearbeitet. Auflage von Helmut Henne und Georg Objartel unter Mitarbeit von Heidrun Kämper – Tübingen: Jensen, Max Niemeyer Verlag, 1992.
- d- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.
- e- MICHAELIS: *moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

Início analisando os vocábulos e, depois trato das expressões. Quando ocorrer de um termo incidir mais de uma vez na obra, citarei, no primeiro vocábulo em análise, todas as passagens do termo em questão e compararei o emprego e a tradução de cada ocorrência deste; do próximo vocábulo que tiver mais de uma ocorrência, citarei apenas uma das passagens em que ele foi traduzido por cada termo diferente, estes recobrem os demais casos. Analisarei primeiramente o seu emprego na língua alemã e após o vocábulo traduzido para a nossa língua conforme os conceitos nos dicionários citados acima de ambos os idiomas.

Começamos com o adjetivo *einheimisch*. O seu radical, *Heim*, na própria língua alemã não tem um significado fixo, único para todos os falantes desse idioma, ele pode significar tanto um país, uma cidade ou a própria casa e muitas vezes precisa de explicações para que o interlocutor saiba a qual dos sentidos o emissor se refere. Em *a* (p. 401), temos as seguintes definições: “aus einem bestimmten Ort, Land, einer bestimmten Gegend stammend u. dort leben, ansässig: die -e Bevölkerung (...)” (ser de um determinado lugar, país, ser e viver ou estar estabelecido em uma determinada região: a população). Em *b* (p. 264) a definição é mais curta: “in e-m Ort / in e-m Land geboren u. dort leben (...) aus dem eignen Land <Produkte, Erzeugnisse> (...)” (ser nascido ou viver em um local/em um país (...) <produtos, resultados> do próprio país (...)). A explicação de *c* (p. 205) em nada contribui aqui, pois há apenas uma citação de uma passagem bíblica não relevante para este trabalho. Temos, assim, que *einheimisch*

significa ser próprio de um determinado lugar, ser estabelecido no local; ter raízes lá, quando se referir a pessoas, e ter as características próprias da região.

Na tradução para o português, tivemos de optar por vários termos para todas as ocorrências de *einheimisch*, pois a nossa língua não possui um vocábulo que expresse o mesmo significado para todas as situações em que ele pode ser empregado no alemão, de forma que se possa ter a mesma interpretação em todas as ocorrências, pois o seu sentido recebe outra roupagem conforme o contexto. Como perceberemos, tal vocábulo foi substituído por termos diferentes no português, que são: *do país de origem*; *própria* e *familiar*, este com três incidências.

(...) und man würde, mit Ausnahme der Wirkungen welche Ton und Tonfall hervorbringen, von jeder Uebersetzung sagen können, daß der ausländische Leser dadurch zu dem Verfasser und seinem Werk in dasselbe Verhältnis gesetzt werde, wie der einheimische. (p. 212)

(...) de cada tradução poder-se-ia dizer que, com exceção do efeito do tom e da entonação, através dela o leitor estrangeiro é colocado na mesma relação com o autor e sua obra que o leitor do país de origem da mesma.

O termo *einheimisch* refere-se a leitor, na tradução poderíamos ter suprimido *o leitor* e o texto ficaria mais próximo do original, teríamos assim, no entanto, uma aliteração - *o do* - não existente na obra em alemão. Mas voltemos à semântica. Como veremos a seguir, *heimisch* na nossa língua, será traduzido de diversas formas, e significa *ser de casa, do lugar*. O prefixo *ein* anteposto a um verbo no alemão remete ao significado das preposições *em, para dentro*, na língua portuguesa, isto é, neste caso, *o leitor do país, da língua de casa deste*.

Veremos agora um caso em que o mesmo vocábulo foi traduzido de outra maneira:

Wenn seine Leser verstehen sollen, so müssen sie den Geist der Sprache auffassen, die dem Schriftsteller einheimisch war (...) (p. 215)

Para que seus leitores entendam, eles precisam captar o espírito da língua que foi própria do autor (...)

Em relação ao termo *próprio(a)*, tradução de *einheimisch* neste caso, encontramos os seguintes conceitos em *d* (pp. 1403s.): “que pertence a; pertencente (...) Verdadeiro, autêntico (...) Não figurado; primitivo (...) Qualidade ou feição especial (...)”. Em *e* (p.1712) temos: “Que pertence exclusivamente a. (...) Natural, particular, peculiar, característico (...)”.

Dessa forma, poder-se-ia ter substituído o termo em questão pelo verbo *pertencer*— a língua que *pertenceu* ao autor —, porém, uma língua não é uma posse, nenhum falante se apodera dela, motivo pelo qual esta não seria uma tradução adequada aqui. Analisarei apenas uma possibilidade de tradução conforme as opções apresentadas acima. Não pretendo aqui tentar a tradução com todos os termos mencionados, seria um trabalho extenuante e de pouca valia. Percebemos que dentre as possibilidades apresentadas, todas têm aproximadamente o sentido do original, mas sempre há alguma nuance no uso na nossa língua que não permite tal substituição.

Einheimisch em outra passagem também foi substituído por *familiar*. Vejamos:

(...) so muß er nicht nur die ganz unbestimmte Empfindung bekommen, daß was er liest nicht ganz einheimisch klingt. (p. 229)

(...) então ele não precisa somente ter a sensação bem indeterminada de que o que ele lê não lhe soa totalmente familiar.

Weil nun aber gar die Uebersetzung einen Schauspieldichter reden lassen, als hätte er ursprünglich in ihrer Sprache gedichtet: so kann sie ihn ja vieles gar nicht vorbringen lassen, weil es in diesem Volk nicht einheimisch ist und also auch in der Sprache kein Zeichen hat (...) (p. 240)

Mas se a tradução quer deixar um autor teatral discursar como se ele tivesse composto originalmente na língua da tradução, então muitas coisas ela nem pode deixá-lo apresentar porque não é familiar a esse povo e, assim, não tem um signo na língua (...)

Dies scheint in der That der wahre geschichtliche Zweck des Uebersetzens im großen, wie es bei uns nun einheimisch ist. (p. 243)

De fato, essa parece ser a verdadeira função histórica da tradução em grande escala, como ela ora é familiar para nós.

Verificando nos léxicos de língua portuguesa citados acima, temos as seguintes explicações. Em *d* (p. 755s.): “Vulgar, trivial, comum. (...) Que se conhece por haver visto, praticado, estudado, etc., (...). Íntimo, cordial, afetuoso (...)”. *E* (p. 936) nos apresenta o seguinte: “(...) íntimo. Habitual, conhecido (...)”. Percebemos que em todas as ocorrências de *einheimisch* está incutido algum dos sentidos do termo *familiar* apresentados no início da análise deste termo.

A tradução ficaria, no mínimo, estranha se vertêssemos *einheimisch* sempre pelo mesmo termo em português. Em todas as ocorrências, ele expressa conceitos diferentes que são lexicalizados de outra forma em nosso idioma. Neste caso, cada termo abarca uma parte do significado que *einheimisch* teve na obra original e não há uma única forma lingüística para substituí-lo em nosso idioma.

Conforme Schleiermacher, não podemos traduzir o mesmo termo sempre pelo mesmo vocábulo na língua de chegada, pois o significado de cada um é formado dentro de cada língua, depende de sua ligação com outros termos e conceitos:

Se (...) já na utilização da vida comum existem somente poucas palavras em uma língua das quais uma corresponderia perfeitamente à outra em qualquer outra língua, (...) cada língua, apesar das simultaneidades diferentes e das visões que seguem uma sobre a outra, contém um sistema de conceitos que por se tocarem, interligarem, completarem na mesma língua são um todo cujas partes separadas não correspondem, porém, a nenhuma outra do sistema de outras línguas (...) (1938, pp. 238s.)

A tradução do substantivo *Eigenthümlichkeit* mostra-nos, mais uma vez, a irracionalidade de uma língua para outra à que o autor se refere acima. Ele teve de ser vertido por termos diferentes no português. Este vocábulo aparece também de forma composta na obra, *Volkseigenthümlichkeit* (p. 236) (particularidade do povo), confirmando, outra vez, a grande facilidade de combinação vocabular da língua alemã. A tradução de *Eigenthümlichkeit* se deu pelas seguintes palavras: *particularidade*, *peculiaridade* e *singularidade*. Não é aqui o lugar de analisar todas as (seis) ocorrências desse termo na obra traduzida. Em razão disso, restrinjo-me a um exemplo de cada termo na língua de chegada, pois os mesmos são válidos para os casos que não citarei aqui.

Vejamos o que os dicionários apresentam de relevante para o contexto em que as palavras ocorrem. Em *a* (p. 393) temos de recorrer ao adjetivo *eigentlich*¹¹, pois na forma de adjetivo, como ele ocorre no texto de Schleiermacher, o referido dicionário nos traz apenas sentenças contextualizadas e nenhuma explicação ou conceito do mesmo. Em *a* (na mesma página) temos: “jmdm. od. einer Sache eigen (...) für jmdn. od. etw. typisch, charakteristisch (...)”. (próprio de alguém ou de alguma coisa (...) ser característico ou típico para algo (...)). *B* (p.

¹¹ Devido à mudança ortográfica, nos dicionários pesquisados, o termo *eigenthümlich* e *Eigenthümlichkeit* aparecem sem a consoante *h*.

257) também não nos apresenta nenhum conceito do substantivo e temos de nos voltar ao adjetivo novamente. A definição aqui encontrada difere da anterior somente em sua formulação: “(...) charakteristisch od. typisch (für j-n/etw)”. ((...) característico ou próprio (para alguém ou algo)). E *c* (p. 198) nada nos traz para o nosso contexto.

Na abordagem acima, percebemos que este termo não tem uma significação tão ampla quanto o vocábulo anteriormente analisado, embora também tenha de ser traduzido por termos distintos em nossa língua, pois toma feições diferentes no contexto. Conforme os léxicos, ele significa: *próprio, particular, peculiar, característico*, como veremos nos exemplos abaixo.

Neste primeiro trecho, parece não haver grande problema na substituição do termo. O seu significado está bastante próximo ao que os dicionários trazem, ou seja, refere-se a uma característica própria *do autor*, uma particularidade dele (*Eigenthümlichkeit des Schriftstellers*).

Wenn nun dergleichen, wie es wol bisweilen geschieht, in ein größeres Ganze sich zusammenfilzen und Schrift werden: so mag eine solche Schrift, die ganz in dem leichten und anmuthigen Leben spielt ohne irgend eine Tiefe des Daseins aufzuschließen oder eine Eigenthümlichkeit des Volkes zu bewahren (...) (p. 235)

Se as mesmas se juntam em um todo maior, como certamente às vezes ocorre, e se tornam escrita, assim uma tal escrita que funciona totalmente na vida fácil e graciosa, sem abrir alguma profundidade do existir ou preservar uma particularidade do povo (...)

Verificando em ambos os léxicos da língua portuguesa encontramos as seguintes definições do termo *particularidade*. Em *d* (p. 1274): “Peculiaridade, especialidade, singularidade, característica. Pormenor, minúcia (...)”. E nos traz (p. 1560): “Especialidade. Pormenor.”

Tentemos, porém, substituir a mesma ocorrência por *peculiaridade*:

Se os mesmos se juntam em um todo maior, como certamente às vezes ocorre, e se tornam escrita, assim uma tal escrita que funciona totalmente na vida fácil e graciosa, sem abrir alguma profundidade do existir ou preservar uma peculiaridade do povo (...)

Sob *peculiaridade*, temos os conceitos abaixo. Em *d* (p. 1290): “Qualidade ou circunstância peculiar, característica; particularidade (...)”. Verificando, na mesma página, o que este léxico nos traz sobre o termo *peculiar* encontramos: “Que é atributo particular de uma pessoa ou coisa; especial, próprio (...)”. Conforme *e* (p. 1577): “qualidade de peculiar;

particularidade.” E *peculiar*, também na mesma página, significa: “Especial, privativo, próprio de uma pessoa ou coisa.” Notamos, aqui, que ambos os léxicos apresentam os termos *peculiaridade* e *particularidade* como praticamente sinônimos em suas definições dos mesmos. Digo “praticamente sinônimos” por não haver sinônimos perfeitos, tantas vezes também já abordado sob a expressão *irracionalidade das línguas* neste trabalho. Na tradução, sentimos, no entanto, a diferença do significado do termo *peculiaridade* e *particularidade* empregado.

Notamos que a primeira tradução é perfeitamente possível. Se olharmos, no entanto, para alguns termos que o autor emprega na sentença - graciosa, profundidade do existir - sentimos que ele se refere a algo mais minucioso, subjetivo, e o vocábulo *particularidade*, parece-me, destoa da frase de Schleiermacher. Pode ser que ele tenha a intenção de dar esta sensação ao leitor, mas como podemos sabê-lo? Por isso optei pelo termo *peculiaridade*.

Na sentença seguinte, *Eigenthümlich* poderia, em princípio, novamente ser traduzido de várias maneiras em nossa língua, perceberemos, no entanto, que por alguns traços semânticos isso não é possível. Aqui o termo *peculiaridade*, como ocorre na primeira sentença, penso, por um lado, não seria má escolha lexical, pois Schleiermacher se refere a características próprias do autor das obras a serem traduzidas, que de uma forma ou outra estão incutidas nelas e precisam também ser vertidas e que seriam perdidas se o autor compusesse originalmente na língua de chegada. Vejamos:

(...) der Verfasser könnte auch in der Sprache des Uebersetzers geschrieben haben, man ihn dann auch in den Rhythmen dieser Sprache müßte auftreten lassen, wodurch sein Werk noch mehr entstellt, und die Kenntniß seiner Eigenthümlichkeit, welche die Uebersetzung gewährt, noch weit mehr beschränkt wird. (p. 241)

(...) o autor também poderia ter escrito na língua do tradutor, e então também dever-se-ia deixá-lo aparecer nos ritmos dessa língua, com o que sua obra se desfigura ainda mais, e o conhecimento de sua peculiaridade, que a tradução proporciona, fica ainda muito mais limitada.

Por outro lado, suponho que Friedrich Schleiermacher não tenha querido se referir simplesmente a uma **peculiaridade** do autor de obras a serem traduzidas, mas muito mais que isso: a peculiaridades unicamente daquele autor, isto é, a suas **singularidades**.

Verificando o significado do termo *singularidade* em *d* (p. 1591), temos: “Qualidade do que é singular.” Sob *singular*, na mesma página: “Pertencente ou relativo a um; único,

particular, individual. Que não é vulgar; especial, raro, extraordinário. (...) Diferente, distinto, notável.” *E* (p. 1948) nos traz a mesma definição de *singularidade* que *d*: “Qualidade de singular.” Por *singular*, na mesma página encontramos: “Pertencente ou relativo a um só; individual, isolado, único. (...) que não tem igual ou semelhante.” Percebemos que o termo em questão se apropria mais ao sentido de unicidade, de não haver outro. Em razão disso, optei por este vocábulo para a tradução, como segue:

(...) o autor também poderia ter escrito na língua do tradutor, e então também dever-se-ia deixá-lo aparecer nos ritmos dessa língua, com o que sua obra se desfigura ainda mais, e o conhecimento de sua singularidade, que a tradução proporciona, fica ainda muito mais limitada.

A mesma imprecisão na substituição dos termos ocorre com o verbo *hindurchstümpern* (p. 220). Como esse é um vocábulo composto de um prefixo adverbial (e este por um advérbio e uma preposição) e de um verbo, pesquisaremos, primeiramente, pelo sentido do prefixo nos dicionários e após pelo do verbo. Cabe lembrar que a língua portuguesa não permite a anteposição de prefixos adverbiais a verbos. Por *hindurch*, em *a* (p. 712), encontramos somente a composição deste *advérbio* “(...) aus ↑ hin u. ↑ durch (...)” ((...) de ↑ para e ↑ através) e uma gama de exemplos em que ele se associa a verbos. Em *b* (p. 483), temos uma pequena explicação: “durch etw. h. verwendet, um die Präp. durch (...) zu verstärken (...)” (durch etw. h. (através de algo) é usado para reforçar a preposição durch (pelo (a))). *C* (p. 409) aponta apenas as possibilidades combinatórias deste prefixo e nada nos acrescenta em relação a seu significado. Concluimos, dessa forma, que o prefixo do verbo em análise significa *passar por algo*.

Sobre o verbo *stümpern*, ao qual o prefixo se liga, em *a* (p. 1491) encontramos o termo *abwertend*, que aqui significa algo pejorativo no sentido de desvalorização do ato que ele designa e temos também o advérbio (*stümperhaft*) combinado a um verbo formando a expressão – “*stümperhaft arbeiten*” (trabalhar de forma desajeitada). O substantivo *Stümper* é exemplificado com a sentença “schwächer Mensch (...) Nichtskönner” (pessoa fraca (...) incapaz de realizar algo). Em *b* (p. 959) temos uma pequena explicação sobre o significado desse verbo. O substantivo *Stümper* é definido como: “der etw. nicht gut kann u. deswegen viele Fehler macht (...)” (alguém que não sabe algo bem e que por isso erra muito (...)). Este é o sentido do verbo em análise. *C* (p. 866) nos traz a seguinte explicação “der nicht mehr recht leistungsfähig ist (...)” (alguém que não é mais capaz de render/produzir direito (...)). Aqui também temos um

exemplo com outro significado que em *a - schlecht arbeiten* (trabalhar mal) – uma vez que o verbo *trabalhar empregado de forma pejorativa* e *trabalhar mal* são duas coisas diferentes.

A língua alemã possui uma série de advérbios e preposições para especificar cada aspecto de uma ação, para traçar a trajetória completa de um movimento. Temos assim em *hindurchstümpern*, primeiramente, um vocábulo cuja composição gramatical é impossível no português (aspecto já abordado anteriormente). Por isso, temos de empregar mais vocábulos onde no alemão há apenas um. Dessas comparações acima podemos abstrair que o vocábulo significa na nossa língua *algo que passa por alguma coisa de forma desajeitada como que aos tropeços*. Assim, na tradução empregamos os verbos *tropeçar* (empregado no gerúndio) para *stümpern* e *passar* para dar conta do significado do prefixo *hindurch*, como vemos abaixo:

Jenes ist ein schülerhaftes Verstehen, das sich noch mühsam und fast ekelhaft durch das einzelne hindurchstümpert, und deshalb noch irgend zu einem klaren Ueberschauen des Ganzen, zu einem lebendigen Festhalten des Zusammenhanges gedeiht. (p. 220)

Aquela é uma compreensão não amadurecida que ainda passa tropeçando quase que de forma nojenta pelas particularidades e por isso em ponto algum resulta em uma visão clara do todo, em uma apreensão viva do contexto.

Vejamos agora o que os léxicos da nossa língua nos dizem sobre o termo *tropeçar*. *D* (p. 1721) define o verbo da seguinte forma: “Incorrer ou cair em erro; não atinar (...). Vacilar, hesitar (...)”. Em *e* (p. 2130), temos: “Não acertar, não atinar; errar(...) hesitar(...)”.

Como afirma Schleiermacher (1838, p. 212), “Nenhuma forma morfológica de uma [língua, M.v.M.P.] reúne exatamente a mesma multiplicidade de relações que qualquer uma na outra.” Percebemos isso novamente com o verbo *hinschlängeln*, próximo termo a ser analisado.

Neste caso, também ocorre a ausência de um prefixo verbal no português que substitua o advérbio prefixal *hin* (para, em direção a), pois essa formação é impossível na língua portuguesa, como já afirmado acima. Porém, podemos representar perfeitamente seu significado através da preposição *para*, na língua portuguesa, ainda que não anteposta e separada do verbo, o que não seria nenhum problema, pois as línguas expressam as mesmas coisas de modos diferentes (em 3.2 retomarei essa reflexão).

Além do advérbio acima, temos aqui o caso de um verbo derivado de um substantivo que designa um animal *Schlange* (cobra/serpente). Teríamos na nossa língua o termo *serpentear* que, à primeira vista, parece perfeito, afinal, o referente deste signo seria um animal e da família dos répteis (igualmente como o autor o empregou no texto original) e, ainda, possível de transformar em verbo no português. Percebemos, no entanto, que seu uso não é adequado quando o colocamos na frase em questão:

Man versteht die Rede auch als Handlung des redenden nur, wenn man zugleich fühlt, wo und wie die Gewalt der Sprache ihn ergriffen hat, wo an ihrer Leitung die Blize der Gedanken sich hingschlängelt haben, wo und wie in ihren Formen die umherschweifende Fantasie ist festgehalten worden. (p. 214)

Também só se entende o discurso como ação do enunciador quando, ao mesmo tempo, se sente onde e como a força da língua o dominou, para onde, na sua condução, os raios do pensamento se serpentearam, onde e como, em suas formas, a fantasia vagueante foi preservada.

Talvez a adequação no alemão e a inadequação no português do emprego desse verbo se devam ao prefixo adverbial existente naquela língua e inexistente nesta. Este, de certa forma, enfatiza o movimento *hin* (para), ao passo que no português a força do termo recai sobre o verbo todo - pois não é um composto como no original - que leva o leitor a várias analogias, não somente à forma em que este ofídio se move, em pequenas ondas, mas também em relação à ameaça que representa para o ser humano.

O termo *serpentear* nos é definido da seguinte forma no dicionário denominado pela letra *d* (p. 1575): “V. *serpear*.” Por *serpear*, na mesma página encontramos: “(...) mover-se sinuosamente, como a serpente; ondular, cobrear, colear.” E em *e* (p. 1926): “V. *serpear*.” Sobre *serpear*, na mesma página, temos: “Andar (a serpente) de rastos (...). Seguir uma linha sinuosa; ter um curso ou traçado ondulante (...)”.

Se observarmos a frase como um todo, perceberemos que o verbo em questão se refere ao termo *Blize/Blitze* (raios), cuja condução ocorre, por sua vez, em formas ondedadas, então o termo *hinschlängeln*, enfatizando a forma deste raio é redundante em alemão. Dessa forma, não vejo problema em substituir este vocábulo simplesmente pelo verbo *direcionar*, pois o outro significado e referência (a forma em que ocorre – em ondulações) o leitor já abstraiu do vocábulo anterior.

Verificando o termo *direcionar*, o léxico denominado pela letra *d* (p. 593) nos traz: “Dar direção, orientação, a; encaminhar, conduzir, orientar, dirigir.” Em *e* (p. 731) encontramos praticamente a mesma definição: “Dar orientação a; encaminhar, dirigir.” O verbo *direcionar* abarca o conceito de movimento, expresso por *hinschlängeln* e *Blize/Blitze* (raios), como já afirmamos, a forma deste movimento, por isso, penso, este verbo se adequa à situação.

*Também só se entende o discurso como ação do enunciador quando, ao mesmo tempo, se sente onde e como a força da língua o dominou, para onde, na sua condução, os raios do pensamento se **direcionaram**, onde e como, em suas formas, a fantasia vagueante foi preservada.*

É claro que a tradução aqui não preserva todas as figuras de linguagem que o autor do original utilizou. Neste há uma redundância em relação ao movimento mencionado através do emprego dos termos *Blize/Blitze* e *schlängeln*, que se perdeu na tradução. Penso, contudo, que seria mais pernicioso para a obra se utilizássemos um termo que no nosso idioma não cabe nesse contexto, como ocorre com o primeiro termo, talvez devido à impossibilidade de prefixar o verbo com o advérbio como na língua de origem do texto. Fora deste contexto, para fins de tradução puramente lexical, o primeiro termo, penso, é o único possível, pois ele abarca todos os significados do original.

Além de termos que não têm uma representação exata e determinada na língua de chegada, conforme vimos através dos vocábulos analisados, há também as expressões idiomáticas que não possuem um substituto determinado no português. Nestas, no entanto, o problema não está só nos referentes dos termos integrantes das mesmas, o significado do todo, tanto a denotação quanto a conotação, deve também se ajustar à situação no texto e levar os falantes às mesmas interpretações que os da língua de origem.

A expressão que analisarei é *in die Augen leuchten* (iluminar nos olhos). Procurei pela expressão como um todo nos dicionários referidos acima, pois, de antemão, percebemos que a tradução literal não cabe na frase abaixo:

*Worin aber gründet sich nun dieser bedeutende Unterschied, den jeder schon auf den Grenzgegenden inne wird, der aber an den äußersten Enden am stärksten **in die Augen leuchtet**? (1838, p. 211)*

*Mas, em que consiste essa diferença considerável que já se torna mais perceptível nas partes limítrofes, mas que **ilumina nos olhos** nas partes mais externas?*

Os léxicos *a* e *b* nada nos informam sobre esta expressão. Em *c* (p. 528) temos uma explicação bastante curta e não muito satisfatória: “(...) ist deutlich” ((...) está claro). Esta seria uma substituição bastante plausível para a expressão, porém, se a analisarmos em relação ao superlativo referido a ela *am stärksten* (o mais forte), teríamos uma sentença com problemas de estilo, inexistentes no original: *a diferença de ambos os métodos [M.v.M.P.] é mais fortemente clara nas partes mais externas*.

Certamente esta seria uma tradução em que transparece o **estrangeiro**, o que, segundo Schleiermacher, **não deve acontecer**. Mesmo os leitores da tradução perguntar-se-iam sobre o quê o autor quis dizer com essa frase, onde para os leitores do original a passagem é bastante simples e clara.

Porém, tomando os significados acima podemos traduzir a expressão por *saltar aos olhos*. Os léxicos da nossa língua nos trazem a seguinte definição sobre a mesma: *d* (p. 1220): “Ser claro, evidente, patente; saltar à vista (...)”; e *e* (p. 1883): “(...) manifestar-se claramente e sem esforço intelectual; ser evidente”. Percebemos, assim, que esta expressão substitui o que o autor do original enunciou: a diferença de ambos os métodos é perceptível mesmo sem um esforço intelectual, é tão clara a ponto de *saltar aos olhos*.

Mas, em que consiste essa diferença considerável que já se torna mais perceptível nas partes limitrofes, mas que salta aos olhos nas partes mais externas?

Na tradução de expressões idiomáticas, o tradutor precisa sempre ter em mente que não são apenas as palavras isoladas que mudam de sentido, dependendo do contexto em que se encontram, o que pode ocorrer com todos os outros termos do texto da mesma forma, como já abordei em seção anterior quando tratei do sentido conotativo. Aqui ele tem de observar a concatenação dos termos da expressão em relação aos outros e ao contexto, a partir daí ele perceberá a força que a expressão tem na língua e na cultura de saída da obra.

Essa ligação com outros elementos na frase, às vezes, pode não ser realizada da mesma forma e pelos mesmos elementos lexicais e sintáticos que na língua de origem da obra. Aqui o tradutor é obrigado a usar outras composições e combinações lexicais para que o texto seja gramatical e compreensível na língua alvo. Na próxima parte abordarei alguns aspectos e/ou empecilhos gramaticais na tradução.

3. 2 - Questões gramaticais

A incomensurabilidade das línguas ocorre tanto no plano lexical quanto no gramatical. Assim como não há uma relação lógica em nível lexical, ela também não existe em nível gramatical. As sintaxes de ambos os idiomas envolvidos na tradução são, por assim dizer, impenetráveis reciprocamente. Quando se verte de uma língua para outra, não são apenas as palavras que devem ser mudadas, mas também a escolha das relações que devem e que podem ser expressas, pois cada língua faz uma análise da experiência de modo diferente.

A língua não é um reflexo da estrutura do mundo, e, dessa forma, um idioma não expressa uma ação do mesmo modo que o outro pelo simples e verificável fato de ações existirem de forma igual em outras comunidade lingüísticas.

Conforme Jost Trier:

Cada língua estrutura a realidade à sua própria maneira e, por isso mesmo, estabelece os elementos da realidade que são peculiares a esta determinada língua. Os elementos da realidade da linguagem numa língua determinada nunca reaparecem exatamente sob a mesma forma numa outra língua e nem constituem uma cópia direta da realidade. (...) A significação final de cada um desses elementos é determinada justamente, e apenas, pela sua relação com a estrutura lingüística total e por sua função nessa mesma estrutura. (TRIER, 1934; apud: MOUNIN, 1963, p. 51)

Assim, a ordenação dos mesmos em um período difere de idioma para idioma. Isso não significa, porém, que a outra língua não possa expressar o mesmo, ela o expressa de um ângulo diferente daquela, pois há línguas mais flexíveis na sua estruturação sintática, permitindo, assim, maior variação na formação da frase; outras são mais rígidas, limitando as possibilidades de construção e muitas vezes não admitem certas figuras de sintaxe que em outra são perfeitamente possíveis e, às vezes, de grande expressividade.

Conforme Geir Campos (pp. 65s.),

(...) a traduzibilidade de qualquer texto depende das semelhanças ou diferenças de estrutura entre a língua-fonte e a língua-meta; (...) do seu grau de inteligibilidade – é impossível traduzir-se o que não se consegue entender bem.

Penso que um texto ininteligível no original pode ser traduzido, o empreendedor da versão não pode, no entanto, tentar torná-lo compreensível à luz de seu julgamento e de suas hipóteses, ele não tem esse direito, nem dever. Ele precisa também estar ciente das críticas que poderá receber no sentido de ter realizado uma tradução ruim, pois o receptor não saberá que o texto original é incompreensível.

Vale lembrar que a fidelidade gramatical muitas vezes é afetada na tradução, o que não significa que uma obra de um determinado idioma, por não ter a mesma forma gramatical, não possa ser traduzida para outra língua. Se assim fosse, poucas línguas seriam traduzíveis umas para as outras; conforme Schleiermacher, somente as que são aparentadas muito de perto, e mesmo assim, com certas restrições.

Se a língua de chegada, por exemplo, não distingue a voz passiva da ativa, não implica uma impossibilidade de tradução. Na versão perderemos o *conteúdo da língua* que expressa uma determinada situação através dessa voz quando a passamos para uma língua em que tal forma não existe¹², mas não o sentido dela. “No que tange às formas gramaticais, essas traduções [traduções de outras línguas, M.v.M.P.] são quase sempre falsas e recebem um aspecto gramatical totalmente diferente da que o falante teve”¹³.

Conforme Roman Jakobson (p. 67), a “ausência de certos processos gramaticais na linguagem para a qual se traduz nunca impossibilita uma tradução literal da totalidade da informação conceitual contida no original.” O autor afirma (p. 68), porém, que: “É mais difícil permanecer fiel ao original quando se trata de traduzir, para uma língua provida de determinada categoria gramatical, de uma língua carente de tal categoria.”

Já vimos que, de uma língua para outra, as palavras não podem ser traduzidas sempre da mesma forma, nem combinadas com os mesmos termos. E, em línguas diferentes, eles não requerem e/ou aceitam as mesmas relações gramaticais, o que implica uma mudança também de

¹² MOUNIN, Georges. *Op. Cit.* pp. 238s.

¹³ HUMBOLDT, Wilhelm, von. 1822; apud: COSERIU, Eugênio. Semantik, innere Sprachform und Tiefstruktur. In: *Folia Linguistica* 4. 1970, p. 53-63; p. 57.

estrutura de um idioma para outro. “Palavras não se deixam combinar sem regras com outras palavras, mas são subordinadas a restrições na combinabilidade.”¹⁴

Na tradução da obra de Schleiermacher ocorreu uma troca de categoria gramatical com a versão do termo *Unbedachtsamkeit* (falta de reflexão) (p. 211). Vejamos: “Wenn also der redende nicht absichtlich um zu hintergehen versteckte Unbestimmtheiten erkünstelt, oder aus Unbedachtsamkeit fehlt (...)”. (Se, pois, o enunciador não criar indefinições ocultas com a intenção de enganar, ou falha por falta de reflexão). Aqui o advérbio do texto original foi substituído por um verbo, uma preposição e um substantivo. Produziu-se ainda na tradução uma aliteração (falha – falta) inexistente no original.

Heloísa Barbosa afirma que a “ (...) transposição consiste na mudança de categoria gramatical de elementos que constituem o segmento a traduzir (...)”¹⁵. Talvez não possamos ser tão radicais e dizer que a tradução *consiste na mudança de categoria gramatical*, mas, seguramente, ela muitas vezes é inevitável.

Assim como, às vezes, o tradutor se vê obrigado a trocar uma categoria gramatical, ele também precisa substituir a estrutura frasal do original na língua de chegada. Tomemos a sentença abaixo como exemplo desse caso. O leitor perceberá que a segunda tradução, que segue a estrutura do original, não é compreensível, nem tampouco gramatical:

Diese Methode haben offenbar alle diejenigen im Auge, welche sich der Formel bedienen, man solle einen Autor so übersezen, wie er selbst würde deutsch geschrieben haben. (p. 219)

Evidentemente, todos aqueles que se servem da fórmula de que se deveria traduzir o autor da maneira como ele mesmo teria escrito em alemão têm este método em vista.

Evidentemente, esse método todos aqueles têm em vista que se servem da fórmula que se deve traduzir o autor como ele mesmo teria escrito em alemão.

Na última tradução, o pronome relativo *que* vem separado de seu referente (aquele), o que na língua portuguesa não é possível porque causa ambigüidade, o leitor não saberá se o seu

¹⁴ DILLER, Hans-Jürgen; KORNELIUS, Joachim. *Linguistische Probleme der Übersetzung*. Tübingen: Niemeyer, 1978, (Anglistische Arbeitshefte; 19), p. 37.

¹⁵ BARBOSA, Gonçalves Heloísa. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. Campinas, SP: Pontes, 1990, p. 66.

referente é *todos aqueles* ou esse método, como mostra a segunda versão. Na língua alemã o pronome relativo pode estar distante de seu referente, pois, nesta, a declinação do mesmo - *welche* (que): nominativo plural - remeterá o receptor ao seu referente, no caso, o *alle diejenigen* (todos aqueles).

Pelo fato de a língua alemã ter três gêneros gramaticais (masculino, feminino e neutro), enquanto a portuguesa possui dois (masculino e feminino), e por possuir declinações, que remetem o leitor à função sintática, gênero gramatical e número, seus pronomes são mais definidos que os do nosso idioma. Em razão disso é possível fazer uma correferencialização maior naquela que nesta.

Em razão de os substantivos em ambas as línguas não terem os mesmos gêneros gramaticais e, além disso, a língua alemã possuir um terceiro - o neutro - e da ausência da declinação em nossa língua é necessário que na tradução, às vezes, sejam repetidos ou que se tornem explícitos os termos que estão implícitos na língua de saída, sem necessariamente trocar a estrutura, mas pode ser que tenhamos de repetir algum termo.

Analisemos o fragmento abaixo:

(...) und überall wo mehr der Gedanke herrscht, der mit der Rede Eins ist, nicht die Sache, als deren willkürliches vielleicht aber fest bestimmtes Zeichen das Wort nur dasteht. (pp. 212s.)

(...) e em tudo onde domina mais o pensamento, que forma uma unidade com o discurso e não com o objeto, cuja palavra está ali somente como seu signo arbitrário, talvez, porém fortemente determinado como signo.

Aqui, no original, o termo *Zeichen* (signo) aparece apenas uma vez. Na primeira ocorrência o autor se refere a ele através do termo *willkürliche* (arbitrário) cuja declinação – *es*: acusativo (das *willkürliche Zeichen* ou *willkürliches Zeichen*) – remetendo ao termo *Zeichen*, que vem após. Em nossa língua não temos os casos marcados, para que o leitor saiba a que termo uma palavra (arbitrário, neste caso) se refere se não o repetirmos (signo). Assim, no nosso idioma, o tradutor é obrigado a repetir o termo, para que o texto se torne gramatical e compreensível. Vejamos como essa sentença ficaria se na tradução se tivesse mantido a forma original:

(...) e em tudo onde domina mais o pensamento, que forma uma unidade com o discurso e não com o objeto, cuja palavra está ali somente como seu arbitrário, talvez, porém fortemente determinado como signo.

Se o tradutor quiser traduzir um termo sempre pelo seu equivalente literal na língua de chegada, ele certamente também se deparará com a agramaticalidade da sentença na língua de chegada e nesta aquele vocábulo pode não ter nenhum sentido, tornando-a até incompreensível.

Vejamos o seguinte exemplo: “(...) um die Einsicht vorzubereiten, worin die eigenthümlichen Vorzüge (...) bestehen, (...)” (p. 220) traduzido por “(...) para poder compreender em que consistem as preferências (...) próprias(...)”. Se o verbo *vorbereiten* (preparar) tivesse sido traduzido pelo seu equivalente mais próximo – preparar –, teríamos uma sentença agramatical e sem sentido na nossa língua: “(...) para poder preparar a compreensão em que consistem as preferências (...) próprias (...)”. Assim, abdicou-se do sentido literal do verbo e omitiu-se *Einsicht* (compreensão) - *poder compreender*, neste caso, substitui *poder preparar a compreensão* - e preservou-se uma sentença gramaticalmente e semanticamente compreensível na língua de chegada, o que seria impossível, se o termo tivesse sido substituído por aquele.

Tradução ‘pura’ restrita a qualquer desses níveis [lexical e gramatical] é difícil, se não impossível, por causa das estreitas relações entre gramática e léxico, e pela tendência dos expoentes de categorias gramaticais de se “fundirem” com expoentes de itens lexicais. (CATFORD, p. 26)

Talvez esta não tenha sido a escolha ideal na ótica de muitos teóricos e estudiosos do assunto, inclusive para Schleiermacher, que preza a designação; penso, porém, que a sentença, se compreensível na língua de saída, deve também sê-lo na de chegada. Aqui preservou-se a idéia do autor do original, sem cair na paráfrase, o que, a meu ver, seria sair semântica e gramaticalmente do original.

Segundo Humboldt, para se evitar de mostrar um ponto de vista gramatical diferente daquele do texto de saída, dever-se-ia evitar de colocar a mais do que aquilo que o original apresenta¹⁶. Pergunto-me, então, qual o sentido da tradução se ela deve ser feita, como este sugere, somente em nível lexical; em uma versão assim, o leitor continuaria carecendo de uma

¹⁶ HUMBOLDT, Wilhelm von. Sobre a origem das formas gramaticais e sobre sua influência no desenvolvimento das idéias. (Tradução de Cláudia Castellanos Pfeiffer), In: *Línguas e instrumentos lingüísticos*. nº3. Campinas: Editora Pontes, 1999; p. 77-102.

tradução, pois este não seria um texto compreensível para ele e seria uma versão na qual transparece o estrangeiro, que, segundo Schleiermacher, não deve ocorrer em uma tradução.

Temos de levar em conta que o uso de uma língua não é feito completamente por seu vocabulário e pelas regras gramaticais através de sua concatenação com formas sintaticamente complexas, mas que além disso ainda existem uma porção de regras estilísticas que determinam a adequação das diferentes formas de expressão lingüísticas para um conteúdo determinado. (DOHERTY, pp. 36-37)

Se a língua de saída faz uma diferenciação gramatical ou lexical que na outra não ocorre, há uma razão de ser para este fato, que é importante para que um enunciado se torne compreensível. O tradutor não conseguirá manter-se completamente fiel a todos os aspectos da obra e da língua na qual o texto de saída foi composto. Como afirma Schleiermacher na citação abaixo, o tradutor terá de recompensar em outro aspecto o que foi perdido neste ou naquele.

Mas quantas vezes, e até é quase um milagre se não se tem de dizer sempre, a fidelidade rítmica e melódica e a dialética e a gramatical estarão em briga implacável uma contra a outra! Quão difícil que no oscilar para cá e para lá, algo aqui, algo lá não seja sacrificado, muitas vezes não surja justamente o inoportuno! (1838, p. 225)

Schleiermacher comenta a dificuldade que o tradutor encontra ao tentar manter todos as impressões e significados do texto, como, por exemplo, preservar o mesmo ritmo, a mesma entonação da obra original e reconhece que conseguir essa fidelidade pode ser muito difícil. Para Aubert (p. 116), não se pode exigir uma fidelidade do que é por definição impossível, a mensagem pretendida no original.

Segundo Schleiermacher (1838, p. 225), o tradutor deve estar satisfeito se conseguir, em partes separadas, “*manter uma tal uniformidade na intenção dos objetos principais*”. Dessa forma, se em outras partes do texto o tradutor conseguir, por assim dizer, compensar o que ele teve de suprimir em algumas por falta de equivalentes lexicais, sintáticos, retóricos, semânticos. Devemos ter em mente que a tradução nunca consegue ser o texto original, é uma aproximação a este.

A pontuação e o ritmo da obra original são afetados na versão, também aqui o tradutor precisa, muitas vezes, buscar aquele ritmo da obra original através de outra estrutura, pois na medida em que na língua de saída as palavras têm outra entonação e outra força

expressiva, muito do ritmo original é perdido. Ao verter para a língua portuguesa, utilizei períodos mais curtos, não somente por questões gramaticais já explanadas acima, mas também para tentar manter o ritmo e entonação do texto original. Vejamos a sentença abaixo:

Will also der Uebersetzer eines philosophischen Schriftstellers sich nicht entschließen die Sprache der Uebersetzung, soviel sich thun läßt, nach der Ursprache zu beugen, um das in dieser ausgebildete Begriffssystem möglichst ahnden zu lassen; will er vielmehr seinen Schriftsteller so reden lassen als hätte er Gedanken und Rede ursprünglich in einer anderen Sprache gebildet: was bleibt ihm übrig, bei der Unähnlichkeit der Elemente in beiden Sprachen, als entweder zu paraphrasiren - wobei er aber seinen Zweck nicht erreicht; denn eine Paraphrase wird und kann nie aussehen wie etwas in derselben Sprache ursprünglich hervorgebrachtes - oder er muß die ganze Weisheit und Wissenschaft seines Mannes umbilden in das Begriffssystem der andern Sprache, und so alle einzelnen Theile verwandeln, wobei nicht abzusehen ist wie der wildesten Willkühr könnten Grenzen gesetzt werden. (1838, p. 239)

O que resta ao tradutor de um autor filosófico diante da diferença dos elementos em ambas as línguas senão ou parafrasear – com o que, porém, ele não atinge o seu objetivo, pois uma paráfrase nunca parecerá e nem poderá parecer como algo produzido originalmente nesta língua – ou ele tem de reformular toda a sabedoria e ciência de seu homem para o sistema da outra língua e, assim, transmutar todas as partes separadas, não se podendo ver como poderiam ser dados limites à arbitrariedade mais selvagem, pois, se o tradutor não quer inclinar a língua da tradução para a língua original tanto quanto possível, para nela deixar vingar se possível esse bem formado sistema de conceitos; se ele muito mais quer deixar seu autor falar como se ele tivesse formado pensamentos e fala originalmente em uma outra língua.

Se nesse trecho a indagação do autor tivesse sido formulada no meio da sentença na nossa língua, como ocorre no original, certamente quebraria a força com que ela foi enunciada na língua de saída e não teria mais o mesmo valor retórico que na alemã. Nesta, o autor utilizou estrutura normal/corriqueira para uma interrogação com sentença condicional, claro que mantendo seu estilo próprio – frases muito extensas. Na nossa língua, porém, esta não o seria, se assim estruturada. Dessa forma, uma tradução que seguisse a estrutura do original quebraria o tom de naturalidade, de fluência na interrogação, ponto importante no enunciado original, pois, apesar de uma sentença longa, ela soa natural na língua de origem. Aqui a mudança da estrutura frasal ocorreu para se manter o ritmo e a melodia.

Claro que o espírito da língua do original, presente também na estrutura da sentença, não foi mantido por completo; na entonação e na relevância de certos termos ou sentenças o autor

expressa muito do que é peculiar à obra e ao seu estilo de escrever, o que, por isso, não pode ser supresso quando possível de ser mantido.

Como escreve Koller (1983, p. 134), Humboldt postula que traduzir tudo em um texto é uma tarefa impossível de ser realizada, pois ou o tradutor fracassa mantendo-se muito próximo do original, às custas da língua de chegada, ou se manterá muito próximo às peculiaridades da língua de chegada, às custas do original.

Com a fidelidade rítmica e melódica esbarramos em outro problema: a pontuação. O ritmo e a melodia, em uma obra artística, podem ser o causa de todo seu mérito. Para que estes sejam preservados, é necessário que haja uma pontuação bastante aproximada daquela do texto de saída. Quando isso não ocorre, ambos, ritmo e melodia, serão diferentes do original. Como afirmamos anteriormente, porém, a falta de uma pontuação correspondente pode ser compensada de outra forma, como por exemplo, pelo uso de termos com outra tonicidade; mas isso não é tão simples, pois é necessário que se observe o significado dos mesmos para que estes não sejam diferentes daqueles do original.

Como já visto acima, na língua alemã podemos nos permitir a construção de frases mais extensas que em nosso idioma também em razão da declinação marcada, através da qual é possível remeter o receptor a mais referentes em uma sentença. Dessa forma, a pontuação da versão difere da pontuação do original. Vejamos que na tradução foi necessário reduzir as sentenças para que elas se mantivessem inteligíveis:

Solche gebundene Sprachen mögen die Erweiterung ihres Gebietes dadurch suchen, daß sie sich sprechen machen von Ausländern, die mehr als ihre Muttersprache bedürfen; hiezu werden sie sich wol vorzüglich eignen; sie mögen sich fremde Werke aneignen durch Nachbildungen oder vielleicht durch Uebersetzungen der andern Art: diese Art aber müssen sie den freieren Sprachen überlassen, in denen Abweichungen und Neuerungen mehr geduldet werden, und so daß aus ihrer Anhäufung unter gewissen Umständen ein bestimmter Charakter entstehen kann. (1838, pp. 228s.)

Tais línguas comprometidas procurarão a expansão de seu campo por se fazerem faladas por estrangeiros que necessitam mais do que de sua língua materna. Para isso, elas certamente se prestam com preferência. Eles se apropriariam de obras estrangeiras através de imitações ou talvez por traduções da outra maneira, mas eles têm de deixar esta maneira para as línguas mais livres, nas quais desvios e inovações são mais tolerados e de tal forma que de suas agregações em certos empecilhos possa surgir um caráter determinado.

Esse trecho, que é uma única sentença no original, passou a ser três na tradução. Aqui poder-se-ia ter preservado a pontuação original, ter-se-ia, porém, um período muito extenso e resultaria em uma leitura cansativa na nossa língua, o que não ocorre no original.

Outra característica da obra em relação à pontuação é o emprego do sinal de interrogação e ter a continuação da sentença. Na tradução, empregamos este sinal apenas no final da interrogação, pois, na nossa língua, este não teria sentido no meio dela. Em ambas as línguas envolvidas na versão, este não é um uso comum. A própria forma em que a sentença está estruturada mostra ao leitor que se trata de um questionamento e, ao mesmo tempo, uma afirmação do autor em relação a essa questão. Entendo, assim, que o sinal interrogativo, ainda deslocado, tem função retórica, pois trata-se de discurso do autor e talvez este sinal fosse apenas uma marca para a sua entonação no momento de proferi-lo. Observemos a sentença:

Ja sind wir nicht häufig genöthiget, uns die Rede eines anderen, der ganz unseres gleichen ist aber von anderer Sinnen- und Gemüthsart, erst zu übersezen? wenn wir nämlich fühlen daß die selben Worte in unserem Munde einen ganz anderen Sinn oder wenigstens hier einen stärkeren dort einen schwächeren Gehalt haben würden als in dem seinigen, und daß, wenn wir dasselbe was er meint ausdrücken wollten, wir nach unserer Art uns ganz anderer Wörter und Wendungen bedienen würden: so scheint, indem wir dies Gefühl näher bestimmen, und es uns zum Gedanken wird, daß wir übersezen.
(1838, p. 208)

Mas, não é que freqüentemente precisemos traduzir o discurso de um outro que é igual a nós, porém de personalidade e mentalidade diferentes quando sentimos que as mesmas palavras teriam um sentido bem diferente na nossa boca ou ao menos aqui um valor mais forte e lá um mais fraco que na dele e que, se quiséssemos expressar da nossa forma o mesmo que ele expressou, utilizaríamos palavras e locuções totalmente diferentes? Assim, definindo mais de perto esse sentimento, e ele se transformando em pensamento para nós, parece que traduzimos.

Com estas análises percebemos que nenhum termo, expressão, conceito ou significado consegue ser traduzido com total fidelidade. Como afirma Serenus Zeitblom, em relação à tradução de *Doutor Fausto*, de Thomas Mann, há muitos “trechos exclusivamente arraigados na mentalidade alemã”.¹⁷ Na verdade, o pensamento de ambas as línguas não passa pelos mesmos trilhos¹⁸. E essa diferença de caminhos e de trilhos pelos quais a língua se move e

¹⁷ FOLHA DE S. PAULO, 6 de agosto de 2000. Caderno mais, p. 24 (Artigo de Marcus Mazzari).

¹⁸ MOUNIN, Georges. *Op. Cit.* Prefácio, p. 8.

nos quais ela funciona e está inserida, aparece sempre na tradução, pois são os panos de fundo do texto de chegada.

Vimos, nas últimas seções, alguns problemas encontrados na tradução da obra *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens* alheias às duas formas de traduzir postuladas por Friedrich Schleiermacher, ainda que tentasse manter a tradução mais próxima do método estrangeirizador. No capítulo seguinte, compararei traduções de trechos da obra realizadas conforme os dois métodos postulados por Schleiermacher em relação às dificuldades tradutológicas discutidas nas últimas seções.

CAPÍTULO IV - A PRÁTICA TRADUTOLÓGICA COM OS MÉTODOS ESTRANGEIRIZADOR E EMANCIPADOR

Vimos, no segundo capítulo desta dissertação, que ambos os métodos, estrangeirizador e emancipador, diferem muito um do outro. Nesta seção, traduzirei dois trechos da obra de *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens* conforme as duas maneiras tradutológicas e tecerei alguns comentários sobre ambas as versões e suas principais diferenças. As passagens a serem vertidas para fins de análise foram escolhidas por apresentarem dificuldades lexicais, gramaticais, culturais e devidos ao longo período que separa a época do surgimento da obra e a de sua versão.

Talvez, em uma primeira leitura, não percebamos uma grande diferença entre ambas as versões por se tratar de trechos curtos, faltando, assim, a visão da obra como um todo. Se compararmos os termos empregados, no entanto, perceberemos que a primeira está mais próxima do original. Ela consegue chegar mais perto da designação a que Schleiermacher remete o leitor com o emprego de determinadas estruturas, combinações e vocábulos no original (língua alemã) e com ela suas especificidades e nuances que a segunda, cujo objetivo não é o mesmo.

Não é intenção aqui apresentar todas as características e aspectos de cada método em questão, uma vez que isso já foi realizado no segundo capítulo do presente trabalho. Cabe lembrar, no entanto, que o método estrangeirizador condena a paráfrase e omissão desnecessárias e arbitrárias de termos ou expressões, devendo, assim, o tradutor transpor todos os significados, referências e designações a que o texto original remete o leitor da língua de partida. O emancipador, como o próprio termo indica, emancipa o texto do original, liberta-o da língua de partida do texto, do seu autor e de sua cultura. O tradutor deve preocupar-se em levar ao receptor

um texto que não lhe soe estranho; para tal, são permitidas paráfrases, omissões, mudança de termos, ou seja, o tradutor trabalha mais livremente com a língua.

Vale ressaltar que cada leitor apreende o texto e suas peculiaridades a partir de suas inferências e experiências. O tradutor é, em primeiro lugar, um leitor da obra e como tal tem uma determinada apreensão da mesma, da qual ele não poderá fugir, como Schleiermacher (1838, p. 225) faz questão de lembrar:

Que difícil mesmo o tradutor realmente substituir imparcialmente, o que ele teve que aqui suprimir de cada um, onde a ocasião o exige, e, mesmo que inconsciente, não caia em uma unilateralidade persistente porque sua inclinação é dedicada a um elemento artístico e não a outro!

As comparações aqui realizadas partem da minha percepção da obra e não têm pretensão de ser profundas. Para isso seria necessário estudarmos cada termo, uso e expressão de forma bastante exaustiva em ambas as línguas envolvidas no processo, o que seria tema para outra dissertação. Segundo Humboldt:

Para se poder comparar gramaticalmente¹ com sucesso somente duas palavras, é necessário preparar exatamente cada uma por si na língua à que pertence.²

¹ Gostaria de dizer que essa preparação seria necessária também em níveis semântico, lexical, cultural e em relação ao emprego de cada palavra nos mais diversos contextos.

² HUMBOLDT, Wilhelm von. *Op.cit.* In: ARENS, Hans. *Op. cit.* 1969, p. 186.

Iniciemos as análises com o seguinte fragmento:

“Nur das sehen wir, daß, wie die Neigung zum Uebersezen erst entstehen kann, wenn eine gewisse Fähigkeit zum Verkehr mit fremden Sprachen unter dem gebildeten Volkstheile verbreitet ist, so auch die Kunst erst wachsen und das Ziel immer höher gestekkt werden wird, je mehr Liebhaberei und Kennerschaft fremder Geisteswerke unter denen im Volke sich verbreitet und erhöht, welche ihr Ohr geübt und gebildet haben, ohne doch Sprachkunde zu ihrem eigentlichen Geschäft zu machen.” (p. 223)

Observemos abaixo as duas traduções do trecho. A versão *a* foi realizada conforme o método estrangeirizador; a tradução *b*, consoante o emancipador.

a -

“Nós só vemos isto que, como a inclinação para o traduzir pode surgir somente quando uma certa capacidade para o trânsito com línguas estrangeiras estiver alargada entre a parte formada do povo, assim também a arte só crescerá, e o objetivo será sempre colocado mais alto, quanto mais se alargem e se elevem a admiração e o conhecimento de obras de espírito estrangeiro entre aqueles no povo que tiverem treinado e formado seu ouvido, sem fazer dos conhecimentos sobre a língua seu próprio negócio.”

b -

“Só notamos que, como a inclinação para a tradução pode surgir somente quando uma certa capacidade de lidar com línguas estrangeiras estiver difundida entre a parte esclarecida do povo, assim também a arte só crescerá, e o objetivo será sempre mais ambicioso, quanto mais se popularizarem e se elevarem a admiração e o conhecimento de obras estrangeiras entre aquelas pessoas do povo que tiverem treinado e formado seu ouvido, sem fazer da lingüística seu próprio negócio.”

Para que possamos visualizar melhor os termos em análise, sublinhei cada um deles no original e em ambas as versões. O mesmo ocorre com termos que foram supressos ou acrescentados nas versões de cada um dos textos.

Na primeira expressão sublinhada, percebemos uma diferença entre os termos empregados e as categorias gramaticais a que pertencem nas duas traduções. Em *a*, temos *Nós só vemos isto, que (...)*; em *b*, *Só notamos que (...)*. A tradução estrangeirizadora manteve todos os vocábulos da sentença como no texto original; portanto, manteve-se mais próxima deste. No texto de partida temos o pronome demonstrativo *das*, referindo-se à oração subordinada seguinte. No português, esse fenômeno não ocorre, por isso, o método *b*, abdicou de sua tradução. Em *a*, porém, traduziu-se-o pelo pronome demonstrativo *isto*, gerando, assim, certa cacofonia, o que não ocorre no original. Optou-se por preservá-lo para, por assim dizer, introduzir o objeto da segunda oração, deixando transparecer, dessa forma, o espírito da língua alemã. Em *b*, por outro lado, a estrutura é mais fácil, mais corrente, no entanto, distancia-se da forma de expressar-se do autor do original e de sua língua.

Mais adiante, temos outro caso em que, na segunda tradução, omitiu-se um termo, e, por conseguinte, formas de expressar-se da língua do original. Vejamos: (...) *höher gestekkt werden wird (...)*; *a* – (...) *será (...) colocado mais alto*; (...) *b* – (...) *será (...) mais ambicioso (...)*. Na primeira versão, o verbo do original *stecken* (colocar, enfiar) foi traduzido, embora resulte em combinação estranha à língua portuguesa – *objetivo será colocado mais alto*. Pelo fato de a tradução através do segundo método não permitir esse sentimento do estranho, foi necessário substituí-lo por outra expressão – *o objetivo será mais ambicioso*. Com isso suprimiu-se totalmente o verbo mencionado, seu significado e seu valor retórico, pois, mesmo na língua do original, normalmente não se usa a expressão *ein Ziel höher stecken* (colocar um objetivo mais alto).

A seguinte expressão *fremder Geisteswerke*, traduzida por *obras de espírito estrangeiro* em *a* e por *obras estrangeiras* em *b*, remete o leitor a um aspecto muito comentado por Schleiermacher, a saber, *o espírito da língua*. O método preferido do autor é o que mantém o *espírito da língua* do original. Na versão *a*, traduziu-se o vocábulo mantendo a designação e o sentido do termo do original - *obras de espírito estrangeiro*; em *b*, por outro lado, omitiu-se a

tradução de *Geist* (espírito) da palavra *Geisteswerke* (obras de espírito estrangeiro), utilizando-se a expressão – *obras estrangeiras* – pelo fato de aquele levar o leitor a pensar em misticismo. De fato, este não era o objetivo do autor, pois através da leitura integral da obra percebe-se o que ele denomina de espírito da língua – as particularidades que ela apresenta em suas formas de expressar-se. Então, pode-se dizer que a versão emancipadora não traduziu uma “informação” muito valiosa da e para a obra e do pensamento expresso pelo autor.

Fenômeno oposto a este ocorre quase no final do trecho em análise onde temos uma paráfrase na segunda tradução através do acréscimo do substantivo *pessoas*, inexistente no original. Vejamos: *unter denen im Volke*; *a* – *entre aqueles no povo*; *b* – *entre aquelas pessoas do povo*. Na tradução emancipadora explicitou-se o referente do pronome demonstrativo *denen* (aqueles) do original, o que não ocorre na tradução estrangeirizadora, pois esta se mantém próxima ao original, onde ele não vem explicitado. Assim, a segunda tradução é uma facilitada, explicitada.

Nas versões de *je mehr Liebhaberei und Kennerschaft (...) sich (...) verbreitet*, conforme o método *a* – *quanto mais se alargem (...) a admiração e o conhecimento*; e *b* – *quanto mais se popularizarem (...) a admiração e o conhecimento* – ocorre uma mudança de sentido na tradução *b* em relação ao seu original. Na forma estrangeirizadora há um problema semântico em nossa língua na combinação dos termos *alargar a admiração*, o que não ocorre em *b*. O verbo *verbreiten* (alargar) não foi substituído por *popularizar* em *a*, mas pode ter essa conotação no contexto.

Em posição anterior à última analisada, o verbo *verbreiten* foi traduzido por *alargada* em *a* e *difundida* em *b* por questão de combinação semântica, como no caso anterior. Temos assim três versões distintas deste verbo – *alargar*, *difundir* e *popularizar*. Percebemos aqui, na prática, à que Schleiermacher se refere ao falar sobre a irracionalidade das línguas em sua obra (já comentada em seção anterior).

Outra passagem que gera um problema em relação à diferenciação semântica ocorre com a seguinte expressão: *gebildeten Volkstheile*, em *a* traduzido por *parte formada do povo* e em *b* por *parte esclarecida do povo*. A versão estrangeirizadora mantém o verbo *bilden* (formar) mais próximo do termo original que *b*. Sabemos, através da leitura da obra, que Schleiermacher

não se referiu a pessoas com alguma formação, como o vocábulo *formado* sugere na nossa língua. Pelo contexto da obra, percebemos que alude a pessoas com conhecimentos, mas não necessariamente com formação acadêmica. Em razão disso, na tradução emancipadora optou-se pelo termo *esclarecida*, que fica mais próxima ao significado do original, perdendo, no entanto a sua referencialidade e a raiz do vocábulo – formar – quando, como notamos em *a*, poderia ser preservada.

Temos também um problema em relação à combinação lexical na passagem: (...) *gewisse Fähigkeit zum Verkehr mit fremden Sprachen* (...). A tradução estrangeirizadora é: (...) *certa capacidade para o trânsito com línguas estrangeiras* (...). Aqui foi mantido o termo *trânsito* combinado ao vocábulo *línguas*, que em nosso idioma soa um tanto estranho aos leitores, pois há outros termos e expressões mais apropriadas para o caso, como realizado, por exemplo, na tradução emancipadora – (...) *certa capacidade de lidar com línguas estrangeiras* (...) Aqui o substantivo em questão foi trocado pelo verbo *lidar*, que expressa o que Schleiermacher pretendia dizer com *Verkehr*. A segunda versão soa-nos mais natural, é mais apropriada para o contexto em português.

Além dos problemas lexicais acima relatados, ocorre também uma troca de categoria gramatical na tradução, embora a raiz do termo seja a mesma, com o substantivo *Uebersetzen* (tradução). A versão estrangeirizadora manteve o substantivo equivalente em português *o traduzir*, a emancipadora o verteu pelo vocábulo dele derivado – *tradução* – havendo, assim, uma derivação sufixal onde, originalmente, ocorria a derivação imprópria. Esta mudança de categoria gramatical na versão emancipadora deveu-se à questão de eufonia em nossa língua. Assim, na primeira tradução preservou-se a forma do original, ao passo que a segunda abdicou da forma pela qual o original expressou esse pensamento.

Além da maneira como algo pode ser expresso por uma língua e do modo como o autor se utilizou dela, a forma de expressão da época em que uma obra é escrita, às vezes, é ponto importante para que o leitor compreenda o texto; muitas vezes ele só é compreendida e faz sentido se tomado como parte de sua época. Em razão disso, Schleiermacher defende que a tradução deve deixar transparecer também a época em que o original foi escrito. Isto é, escrever o texto com os termos, expressões e regras ortográficas da língua de chegada no momento em que o original foi composto.

Isso, porém, exigiria um conhecimento que o tradutor não consegue ter ou dificilmente o conseguiria, pois significa transportá-lo para aquele período, fazer com que ele aprenda a língua como ela era então. No caso da obra em análise, o tradutor deveria dominar as línguas alemã e portuguesa do início do século XIX.

Explicitemos isso com o termo *Sprachkunde*. Levando a versão ao período de composição da obra, seria *conhecimentos sobre a língua*. Uma tradução emancipada de seu tempo e de como sua língua se apresenta na época poderia empregar o termo *lingüística* – contemporâneo aos leitores da versão.

Vimos aqui as principais diferenças entre ambas as traduções do excerto acima. A seguir, apresentarei outro fragmento de *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens* para que possamos observar melhor o que significa cada uma das maneiras de traduzir na prática. Algumas das diferenças lexicais e gramaticais entre ambos se darão pelo mesmos motivos que no trecho da análise acima e terão praticamente a mesma consequência nos textos de chegada - a alteração do significado original da obra. Analisemo-las, porém.

Eis o trecho selecionado:

“Er wird sich bei seinen Lesern bedingen, daß sie nicht eben so streng wie die ursprünglichen bei einer Schrift an die andern denken, sondern jede mehr für sich betrachten, ja daß sie ihn noch loben sollen, wenn er innerhalb einzelner Schriften, ja oft auch nur einzelner Theile derselben eine solche Gleichförmigkeit in Absicht der wichtigeren Gegenstände zu erhalten weiß, daß nicht Ein Wort eine Menge ganz verschiedener Stellvertreter bekommt, oder in der Uebersetzung eine bunte Verschiedenheit herrscht, wo in der Ursprache eine feste Verwandtschaft des Ausdrucks durchgehe.” (pp. 224 e 225)

Tradução conforme o método estrangeirizador:

a -

“Ele exigirá junto a seus leitores que eles não pensem tão rigorosamente como os originais de um escrito nos outros, mas que contemplem cada uma mais por si, que eles ainda devem elogiá-lo, se ele no meio de dois escritos em separado, muitas vezes também só em partes separadas dos mesmos, souber manter a mesma uniformidade na intenção dos objetos mais importantes, que uma palavra não receba uma porção de substitutas bem diferentes, ou que na tradução reine uma diversidade bem colorida, onde na língua original transpassa um firme parentesco da expressão.”

Tradução conforme o método emancipador:

b -

“Ele exigirá que seus leitores não pensem tão rigorosamente como os do original de uma obra nas outras do autor, mas que considerem cada uma mais separadamente, que eles, pois, ainda o elogiem, se no meio de dois escritos em separado, muitas vezes também só em partes separadas dos mesmos, ele souber manter a mesma uniformidade na intenção dos fatos principais, que uma palavra não receba uma porção de substitutas bem diversificadas ou que na tradução reine uma diversidade bem colorida, onde na língua do original transpassa um forte parentesco da expressão.”

Iniciemos esta análise com o termo *ursprünglichen* (originais), que retoma e predica *os leitores*. Na primeira tradução, a palavra permaneceu como no texto de saída, *os originais*. Na segunda, no entanto, incluiu-se a preposição *de* e o artigo *o* (*do*) para esclarecer qual o seu referente. O mesmo também ocorre com o termo *Ursprache*, traduzido por *língua original* em *a* e *língua do original* em *b*. Percebemos que as versões estrangeirizadoras mostram a palavra como Schleiermacher a empregou. Penso que talvez ele não tivesse a intenção de se referir ao *leitor original* e à *língua original*, ou seja, *leitor primeiro* e *língua primeira*, como é possível interpretar através da maneira pela qual ele se expressou, sendo que o contexto nos remete ao sentido que o termo adquiriu na versão emancipadora.

Na tradução do termo *wichtigeren* também temos inclusão lexical, porém por razões diferentes da anterior. A tradução *a* traz dois termos *mais importantes* e *b* apenas um, *principais*. O uso de dois vocábulos em português, na primeira tradução, onde no alemão ocorre somente um, neste caso, se deve ao fato de, em nossa língua, o grau comparativo de superioridade ser formado do advérbio *mais* anteposto ao adjetivo, ao passo que a língua do texto original apenas acrescenta o sufixo *er* e a declinação, no caso, *en*, resultando *wichtigeren* (mais importantes). Na tradução estrangeirizadora do substantivo ao qual o adjetivo anterior se refere, *Gegenstände*, em *a* traduzido por *objetos*, em *b* utilizou-se de outro vocábulo, *fatos*, por questão de preferência lexical em razão do assunto de que o autor trata, pois um texto não fala somente de objetos – ainda que o autor talvez tenha suposto também fatos e ações –, mas de fatos que vêm ligados àqueles.

Já com a versão da expressão *für sich*, composta por uma preposição (*für* – para, por) e um pronome reflexivo (*sich* – se) no original, a primeira tradução traz dois termos (*por si*) e a segunda apenas um vocábulo – *separadamente*, cujo uso tem uma coloração mais própria da nossa língua.

No trecho selecionado para análise, há também um caso de troca de estrutura sintática na segunda versão da sentença: *Er wird sich bei seinen Lesern bedingen, daß (...)* A tradução emancipadora é quase literal, pois apresenta a mesma estrutura e combinação lexical que a de saída - *Ele exigirá junto a seus leitores que (...)* Apenas o pronome reflexivo *sich* (se) não aparece na versão por ser parte lexical do verbo *bedingen* (exigir), e, em nossa língua, este

termo não requer pronome reflexivo. Na tradução estrangeirizadora, porém, ocorre troca de estrutura e de combinação lexical - *Ele exigirá que seus leitores*. Aqui, pelo fato de o complemento do verbo *pensem* vir ligado ao sujeito, *seus leitores*, não há necessidade de correferenciação - *eles* - como ocorre naquela versão. Assim a tradução emancipadora é mais clara e de mais fácil compreensão que a estrangeirizadora, que segue a estrutura alemã.

Em uma das orações subordinadas à expressão analisada acima, há uma diferença gramatical entre ambas as versões marcada pelo emprego do verbo auxiliar na tradução de *loben sollen* na primeira versão - *devem elogiar*, mantendo a combinação lexical alemã, o que não ocorre na segunda tradução. Nesta temos apenas o verbo principal *elogiar*. Aquela versão do termo apresenta certa incongruência semântica se analisada juntamente com sua oração principal - *Ele exigirá junto a seus leitores que (...) eles ainda devem elogiá-lo (...)*, pois temos na mesma frase os verbos *exigir* e *dever*, ambos de campos semânticos distintos. Esta combinação, contudo, é a que atinge o objetivo da versão realizada conforme o método estrangeirizador, que pretende mostrar o original, ao passo que a emancipadora pode libertar-se de tal combinação.

O verbo *betrachten*, em *a*, *contemplem* e em *b*, *considerem* tem um significado diferente em ambas as versões. *Betrachten* significa contemplar, observar algo, o seu real significado na tradução estrangeirizadora. Na segunda versão, porém, optou-se pelo verbo *considerar* pelo fato de estar ligado à palavra *separadamente*, ou seja, o leitor deve *considerar* cada texto do autor como sendo um único. Na tradução do termo *verschiedener*, *diferentes*, em *a* e *diversificadas* em *b*, temos um caso semelhante. A versão emancipadora foge ao significado do termo original - *distinção* e passa a denominar *diversidade* e *distinção* em razão de seu contexto. O substantivo *Verscheidenheit*, por sua vez, foi traduzido por *diversidade* em ambas as maneiras de verter.

Com a tradução dos termos *Verschiedenheit* e *verschiedener*, temos mais um caso explícito da irracionalidade lexical entre as línguas. O termo *verschiedener* recebeu duas interpretações diferentes refletidas em ambas as traduções, ao passo que *Verschiedenheit*, apenas uma, isto é, aquele pôde ser expresso de duas maneiras diferentes em nossa língua neste contexto, e este somente de uma forma. Por que não afirmar que a língua, além de ser irracional, é um jogo de palavras e de combinações cujo resultado se mostrará no decorrer de seu uso?

Essa coloração de significados pode também ser percebida na tradução do termo *feste*, em *a, firme* e em *b, forte*. A tradução estrangeirizadora reflete o sentido e o significado do termo em alemão; a emancipadora o traduz consoante seu uso em nossa língua, pois nela diríamos um *laço forte* de parentesco em vez de *laço firme* de parentesco. Em alemão este uso não soaria bem *stramme Verwandtschaft*. Ambos os idiomas envolvidos na tradução predicam o substantivo através de termos diferentes, a língua alemã ressalta mais o laço de união, da quase inseparabilidade, enquanto a portuguesa, a proximidade do parentesco, os traços fortes, marcantes.

Assim como certos termos e expressões idiomáticas têm sentidos diferentes em línguas distintas e não podem ser traduzidas sempre pelas mesmas palavras, há também certas partículas que em uma língua podem ser expressas verbalmente, isto é, explicitamente, enquanto em outra apenas através da tonicidade. Isso também não poderia deixar de ocorrer com ambos os idiomas envolvidos na tradução da obra de Schleiermacher.

No trecho em análise, temos a partícula *ja* com duas incidências: *ja daß sie ihn noch loben sollen*. Ela poderia ser traduzida pela partícula *pois*, em ambas as versões, vejamos: *a - que eles, pois, ainda devem elogiá-lo*; *b - que eles, pois, ainda o elogiem*; e em *ja oft auch nur*, a versão poderia ter ocorrido através da partícula *mesmo* em ambas as máximas: *muitas vezes também só mesmo*. Porém, na primeira sentença *pois* não chega a enfatizar tão fortemente a expressão quanto *ja* no texto de partida, ao passo que, na segunda, *mas* a ultrapassa em termos de força, de expressividade. Assim, nenhum dos termos atinge exatamente o valor do original.

A obra *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens* está repleta de partículas como: *ja, aber, nun, doch*. Esses termos possuem uma tradução verbal no português quando empregados como adjuntos adverbiais. Como partículas, isto é, com função retórica, no entanto, não há uma tradução que aproxime o valor destas na língua de chegada ao do original. O tradutor poderá valer-se de outras palavras ou de outras estruturas para chegar próximo à expressividade das mesmas no texto de saída, mas não conseguirá igualá-lo àquele. Estas partículas, se traduzidas por designação, como Schleiermacher o sugere, não teriam nenhum sentido ou um diferente, quando no original o seu papel, muitas vezes, é importante. Na obra em questão, elas tiveram um valor e uma expressividade muito grandes também por se tratar de um discurso.

Porém, não me atenho aqui a estes pontos, por este trabalho partir do texto escrito e não do discurso proferido oralmente.

Percebemos, assim, nos dois trechos selecionados e analisados acima, que ambas as versões, na concepção de Friedrich Schleiermacher, a tradução e a interpretação realizadas, diferem muito uma da outra quando analisadas a escolha lexical e a estrutura. Esta, no entanto, menos perceptível aqui por se tratar de trechos relativamente curtos.

A tradução conforme o método estrangeirizador perpassa, em um todo, um sentimento de que o leitor está diante de um texto estranho, não natural para leitores da língua de chegada. Comparando-o com o texto de saída, mesmo essa forma de traduzir, que tem por objetivo manter-se mais próximo possível da língua e da cultura de saída, não consegue realizá-lo completamente, pois há expressões e combinações lexicais que perdem o seu colorido na língua de chegada, ganhando, porém, em termos de proximidade ao texto de saída; outras, nem conseguem ser traduzidas, como é o caso das partículas analisadas acima, por exemplo.

O texto traduzido consoante o método emancipador, por sua vez, parece-nos um pouco mais colorido em nossa língua, perde, entretanto, no que diz respeito à proximidade e à expressividade da língua de saída, para que o leitor possa ter um texto mais claro e conforme as regras da língua de chegada. Aqui o tradutor não precisa economizar a língua de chegada, pode usá-la praticamente como se fosse o autor-primeiro da obra, pois ela se desvincula do texto e da língua de saída para projetar e articular a idéia original na língua e na cultura alvo, conforme suas regras e seus usos.

No que tange a esse aspecto, Humboldt diz:

(...) ninguém deveria ser tão econômico com o melhoramento da língua, quanto justo o tradutor, pois este não muda a língua como um ideal geral, mas conforme uma outra língua determinada.¹

Como Schleiermacher, também Humboldt defende que o tradutor não deve melhorar a língua, não é esta a sua função. Ele deve sim, transmitir o que a língua consegue expressar e da

¹ HUMBOLDT, Wilhelm von. *Op.cit.* In: ARENS, Hans. *Op.cit.* 1969, p. 171.

maneira que ela o faz. É possível dizer que, dessa forma, o texto pode perder parte do seu colorido original, mas ele mostra a cultura e a maneira de expressar da língua de partida.

Temos de lembrar, por outro lado, que nem todo leitor tem interesse em conhecer as particularidades daquela língua. O leitor de um texto informativo estará muito mais interessado no conteúdo do mesmo que nas formas e nas palavras através das quais esse conteúdo está expresso. Penso que aqui Schleiermacher diria que o leitor, mesmo que só objetivando o conteúdo informativo, deve poder observar que na maneira em que o autor do original expressou sua informação pode estar a informação principal, que pode dizer o processo e o resultado de alguma experiência e mesmo de uma vivência e também a sua posição sobre o tema ou o assunto em questão. Contudo, vale perguntar se esse mesmo leitor saberia interpretar essas formas estranhas de expressar-se.

É necessário, assim, que o tradutor pense no objetivo do texto na língua de saída. Se ele tiver de traduzir uma obra com uma função apelativa ou emotiva, por exemplo, os termos da língua de partida não terão o mesmo efeito no leitor da língua de chegada, se estrangeirizado. Ele fará outras associações aos termos, pois suas experiências e seus valores são diferentes dos daqueles leitores do original em relação aos mesmos, o que pode levar um texto ao fracasso.

É sabido, contudo, que uma obra tem valores e significados diferentes para leitores diferentes; e, mesmo depois de algum tempo, eles podem mudar para o mesmo leitor. Como fica, então, a tradução que já modificou o texto, que já não o mostra como ele é originalmente? Antes dos anexos, a obra *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens* no original e sua tradução, teço ainda algumas conclusões finais.

CONCLUSÃO

Uma das tarefas iniciais, da qual dependia todo desenvolvimento deste trabalho, e também um dos objetivos do mesmo era realizar a tradução da obra *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens*. Para tal, tentaria seguir tanto quanto possível o método estrangeirizador postulado por Friedrich Schleiermacher. Pelo fato de a língua alemã ser minha língua materna, realmente tive dificuldade em dissociar-me dela na tradução para o português, pois, ao ler um período no original, a estrutura deste e seu vocabulário pareciam-me tão naturais que não sentia necessidade de mudá-los para a nossa língua e adaptar o emprego de determinadas palavras para esta. Isso talvez possa trazer dificuldade ao leitor que não domina essa estrutura e o emprego de determinadas palavras em certos contextos; penso, porém, que não seja empecilho para entender a versão, embora seja uma leitura estranha, objetivo também do método estrangeirizador. Acredito que uma versão emancipada da obra para a língua portuguesa e seu possível confronto com a que apresento seria campo para estudo na área tradutológica.

A maior dificuldade para a realização deste trabalho se deveu à falta de bibliografia em português sobre ambas as máximas schleiermacherianas, uma vez que poucos ainda tiveram acesso à obra por ainda não haver uma versão publicada da mesma; assim, a seção sobre a recepção da obra do autor se restringiu muito à bibliografia alemã. Contudo, alguns autores brasileiros remontam as idéias de Schleiermacher através de outros teóricos, embora não façam uma abordagem profunda das mesmas. Esse fato, no entanto, não impediu a abordagem das questões tratadas pelo autor, porém sem muito respaldo de estudiosos brasileiros.

A literatura sobre a obra em questão, mesmo a de autores estrangeiros trata, na grande maioria das vezes, basicamente das máximas tradutológicas postuladas pelo autor:

método estrangeirizador *versus* método emancipador. À divisão schleiermacheriana entre interpretação e tradução é dada pouca atenção. Acredito que ela merece igual valor, embora o tema central da obra sejam seus métodos tradutórios. Talvez fosse interessante, em um estudo futuro, trabalhar a questão da dualidade interpretação e versão sob a perspectiva schleiermacheriana, no que se refere ao entendimento e ao conceito dos profissionais da área sobre o que vem a ser a interpretação e a tradução e o que diferencia uma da outra.

A dualidade terminológica acima culmina no que o autor estudado denomina ou de tradução ou de não tradução, cada uma com suas nuances. Podemos resumir em uma as características principais de ambos os métodos postulados por Schleiermacher: a verdadeira tradução, a estrangeirizadora, deve apresentar um texto estranho ao leitor alvo; a emancipadora, o que, segundo ele, não pode mais ser denominado de tradução, apresenta um texto de fluência natural ao leitor da língua de chegada. Este tipo de versão já entra na interpretação.

A metáfora *filho bastardo e filho legítimo* empregada pelo autor e que motivou o título deste trabalho revela a verdadeira característica de ambos os tipos de versão e também, talvez, o apreço que recebem dos leitores, como se fossem esse tipo de filho na realidade. Resta ao tradutor escolher que “filho” ele prefere para sua tradução, qual o seu interesse para com o que ele lhe apresenta e qual de ambos atende a suas necessidades e objetivos.

Manter este “filho legítimo” na tradução também apresentou suas dificuldades, pois as diferentes culturas e modos de expressão impedem que o leitor de chegada consiga abstrair o significado de determinadas expressões na língua portuguesa sem o auxílio de explicações ou sem aproximá-las deste idioma. Rónai (1987, p. 23) afirma, “A arte do tradutor consiste justamente em saber quando pode verter e quando deve procurar equivalências.” Para as comparações e a análise do emprego de determinadas expressões realizadas na dissertação, a bibliografia existente é bastante restrita, pois não há uma literatura comparativa específica sobre o emprego destas e de suas diferenças em ambos os idiomas.

A irracionalidade das línguas a que Schleiermacher também dispensa muita atenção é um dos maiores problemas na tradução e o verdadeiro motivo para que ela ocorra. Zélia Cardoso (1991, p. 135) nos lembra que “a tradução de um texto literário opera em relação ao texto como a fotografia em relação ao fotografado. Por mais fiel que seja é sempre deformadora e sempre

reduz as dimensões do objeto real.” Uma língua jamais opera sob a mesma forma em um objeto de tradução, ela o mostra de formas diferentes e cada leitor vê essa “fotografia” com apreensões, saberes e valores diferentes em relação aos objetos que a compõem e por aqueles através dos quais estes são representados.

Gostaria de ressaltar ainda que, pela relevância da obra *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens* não só no âmbito da tradutologia, mas da própria lingüística comparativa, penso ter contribuído para o público brasileiro que se interessa por esta área. Por ainda não haver uma publicação da versão da obra e também por esta seguir o método nela defendido, ela será editada na Antologia bilíngüe “Clássicos da Teoria da Tradução” pela Universidade Federal de Santa Catarina em 2001.

Concluo com a certeza de que ainda há muito a ser estudado e pesquisado neste campo tão vasto que é o da tradução. Refiro-me não somente ao tipo de “filho” que um autor pretende para o seu texto ou através de qual deles um leitor que, talvez, jamais terá acesso à obra original, deseja entrar em contato com ela, mas também ao que tange à irracionalidade das línguas, às diferenças culturais e às expectativas e necessidades dos receptores da tradução.

BIBLIOGRAFIA

- ALBRECHT, Jörn: *Literarische Übersetzung: Geschichte, Theorie, kulturelle Wirkung*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1998.
- AUBERT, Francis Henrik. *As (in)fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor*. 2.ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1994.
- BENJAMIN, Walter. Die Aufgabe des Übersetzers.(156-168) In: STÖRIG, Hans Joachim. *Das Problem des Übersetzens*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1963.
- BORDENAVE, Maria Candida Rocha. Tradução: encontro de linguagens e ideologias. In: *Tradução: teoria e prática*. Malcolm Coulthard, Carmem Rosa Caldas-Coulthard (org.). Florianópolis: Editora da UFSC, 1991, p. 47-54.
- CAMPOS, Geir. *O que é tradução*. São Paulo, SP: Editora Brasiliense S.A: Coleção Primeiros Passos, n.166, 1996.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. Linguagem poética e tradução. In: *Tradução: teoria e prática*. Malcolm Coulthard, Carmem Rosa Caldas-Coulthard. Florianópolis (org.). Florianópolis: Editora da UFSC, 1991, p.127-136.
- CORETH, Emrich; EHLEN, Peter; SCHMIDT, Josef. *Philosophie des 19. Jahrhunderts*. Stuttgart: Verlag W. Kohhammer, 1984.
- COSERIU, Eugênio. Semantik, innere Sprachform und Tiefstruktur. In: *Folia Linguistica* 4, 1970, p.53-63.
- _____. Questionamentos falsos e verdadeiros na teoria da tradução. (Tradução: Ina Emmel) In: *O "fazer" terminológico x o "fazer" tradutório. Uma aplicação prática na área de especialidade: Tradutologia*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 1998, p.95-103.
- CATFORD, John Cumison. *Uma teoria lingüística da tradução: um ensaio de lingüística aplicada*. Tradução do Centro de Especialização de Tradutores de Inglês do Instituto de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP. Campinas, PUC: Cultrix, 1980.
- Dicionário de Lingüística. Direção e coordenação geral da tradução: Izidoro Blikstein (Universidade de São Paulo). São Paulo: Editora Cultrix LTDA, 1973.
- DILLER, Hans-Jürgen; KORNELIUS. Joahim. *Linguistische Probleme der Übersetzung*–Tübingen: Niemeyer, 1978. (Anglistische Arbeitshefte; 19)

- DOHERTY, Monika. Informationelle Holzwege. Ein Problem der Übersetzungswissenschaft. In: *Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik. Lili*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, Jahrgang 21/1991; Heft 84, p.30-49.
- Duden. *Deutsches Universal Wörterbuch A-Z*. Mannheim/Leipzig/Wien/Zürich: Dudenverlag, 1989.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª ed. revista e aumentada. 19ª impressão. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.
- FOLHA DE S. PAULO. 6 de agosto de 2000. Caderno mais.
- HEIDERMANN, Werner. O primeiro ou o segundo? A respeito da exposição de John Milton sobre a teoria de tradução de Friedrich Schleiermacher. In: *Cadernos de Tradução*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Núcleo de Tradução. – nº 4 (1999), p.99-110.
- HERMAND, Jost. *Geschichte der Germanistik*. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt Verlag, 1994.
- HERMANN, Paul. *Deutsches Wörterbuch*. 9. vollständig neu bearbeitet. Auflage von Helmut Henne und Georg Objartel unter Mitarbeit von Heidrum Kämper –. Tübingen, Jensen: Max Niemeyer Verlag, 1992.
- HUMBOLDT, Wilhelm von. Einleitung zu “Agamemmon”. In: STÖRIG, Hans Joachim. *Das Problem des Übersetzens*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1963, p.71-96.
- _____. Sobre a origem das formas gramaticais e sobre a influência no desenvolvimento das idéias. (Tradução de Claudia Castellanos Pfeiffer) In: *Línguas e instrumentos lingüísticos*, nº 3. Campinas: Pontes Editores, 1999, p.77-102.
- _____. II. Aufbau: Romantische Geisteswissenschaft. In: ARENS, Hans. *Sprachwissenschaft. Der Gang ihrer Entwicklung von der Antike bis zur Gegenwart*. Band 1. Fischer Athenäum Taschenbücher, Frankfurt am Main, 1969; 170-227.
- <http://www.zlb.de/projekte/friedhof/schler-d.htm> (13/05/00)
- <http://philipp.buchmann.ch/romanti1.htm> (13/05/00)
- JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix. Editora da Universidade de São Paulo, SP (Tradução de Isidoro Blikstein).
- KANTZENBACH, Friedrich Wilhelm. *Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher*. Hamburg; Aufl. 7. Rowohlt, 1995.
- KLEIN, Wolfgang. O que a tradutologia pode esperar da Lingüística? (Tradução: Ina Emmel) In: *O “fazer” terminológico x o “fazer” tradutório. Uma aplicação prática na área de especialidade: Tradutologia*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 1998, p.114-124.
- KOLLER, Werner. *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*. 4. Aufl. Heidelberg; Wiesbaden: Quelle & Meyer, 1992.
- _____, 1983.

- LAFARGA, Francisco (ed.). *El discurso sobre La traducción en la historia*. Antología bilingüe. Barcelona: EHB, 1996, p.300-352.
- Langenscheidts *Großwörterbuch.- Deutsch als Fremdsprache*. Berlin – München – Wien – Zürich – New York: Neubearbeitung, 1998.
- Langenscheidts *Taschenwörterbuch*. Berlin – München – Wien – Zürich – New York: Neubearbeitung, 1995.
- MANN, Gustav. *Das Verhältnis der Schleiermacher'schen Dialektik zur Schelling'schen Philosophie*. Stuttgart: Druck der Stuttgarter Vereins-Buchdruckerei, 1914.
- MICHAELIS: *moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.
- MILTON, John. *O poder da tradução*. São Paulo: Ars Poética, 1993.
- MOUNIN, Georges. *Os problemas teóricos da tradução*. Prefácio de AURY, Dominique. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Editora Cultrix, 1963.
- ORTEGA Y GASSET, José. Glanz und Elend der Übersetzung. In: STÖRIG, Hans Joachim. *Das Problem des Übersetzens*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1963, p.297-321.
- POLENZ, Perter von. *Geschichte der deutschen Sprache*. Berlin: Walter de Gruyter, 1978.
- ROBINS, R. H. *Pequena história da lingüística*. Tradução de Luiz Martins Monteiro de Barros. – Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico; Brasília: INL, 1979.
- RÓNAI, Paulo. *Escola de tradutores*. 5. Ed. ver. ampl. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, INL, 1987.
- ROSENTHAL, Erwin Theodor. *A Língua Alemã. Desenvolvimento histórico e situação atual*. São Paulo: Editora Herder, 1963.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich D.E. *Hermenêutica – Arte e técnica da interpretação*. Tradução e apresentação de Celso Reni Brida. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
-
- . Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens. In: *Friedrich Schleiermacher's sämtliche Werke*. Dritte Abtheilung: Zur Philosophie, Zweiter Band, Berlin (Reimer), 1838, S. 207-245.
- SCHMIDT, Wilhelm. *Geschichte der deutschen Sprache*. 7. verbesserte Auflage; Stuttgart/Leipzig: Wissenschaftliche Verlagsgesellschaft, 1996.
- SCHOPENHAUER, Arthur. Ueber Sprache und Worte. In: STÖRIG, Hans Joachim. *Das Problem des Übersetzens*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1963, p.101-107.
- SURDI, Mary N. *Para que serve a comparação afinal? Uma proposta semântica para a análise da comparação*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 1998.
- VÁZSQUEZ-AYORA Gerardo. *Introducción a la Traductología*. Georgetown University, 1977.
- VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility. A history of translation*. London and New York: Routledge, 1995.

ANEXOS

ANEXO A - TEXTO ORIGINAL: *UEBER DIE VERSCHIEDENEN METHODEN DES UEBERSEZENS*

(No presente texto, marco a paginação da obra no original)

FRIEDRICH SCHLEIERMACHER

Die Abhandlung "Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens" verlas Schleiermacher am 24. Juni 1813 in der Königlich Akademien der Wissenschaften, Berlin. Sie ist wiedergegeben nach: Friedrich Schleiermacher's sämtliche Werke, Dritte Abtheilung: Zur Philosophie, Zweiter Band, Berlin (Reimer) 1838, S. 207-245.

Die Thatsache, daß eine Rede aus einer Sprache in die andere übertragen wird, kommt uns unter den mannigfaltigsten Gestalten überall entgegen. Wenn auf der einen Seite dadurch Menschen in Berührung kommen können, welche ursprünglich vielleicht um den Durchmesser der Erde von einander entfernt sind; wenn in eine Sprache aufgenommen werden können die Erzeugnisse einer andern schon seit vielen Jahrhunderten erstorbenen; so dürfen wir auf der andern Seite nicht einmal über das Gebiet Einer Sprache hinausgehen, um dieselbe Erscheinung anzutreffen. Denn nicht nur daß die Mundarten verschiedener Stämme eines Volkes und die verschiedenen Entwicklungen derselben Sprache oder Mundart in verschiedenen Jahrhunderten schon in einem engeren Sinne verschiedene Sprachen sind, und nicht selten einer vollständigen Dolmetschung unter einander bedürfen; selbst Zeitgenossen, nicht durch die Mundart getrennte, nur aus verschiedenen Volksklassen, welche durch den Umgang wenig verbunden in ihrer Bildung weit auseinander gehen, können sich öfters nur durch eine ähnliche Vermittlung verstehen. Ja sind wir nicht häufig genöthiget, uns die Rede eines andern, der ganz unseres gleichen ist aber von anderer Sinnes- und Gemüthsart, erst zu übersetzen? wenn wir nämlich fühlen daß dieselben Worte in unserm Munde einen ganz andern Sinn oder wenigstens hier einen stärkeren dort einen schwächeren Gehalt haben würden als in dem seinigen, und daß, wenn wir dasselbe was er meint ausdrücken wollten, wir nach unserer Art uns ganz anderer Wörter und Wendungen bedienen würden: so scheint, indem wir uns dies Gefühl näher bestimmen, und es uns zum Gedanken wird, daß wir übersetzen. Ja unsere eigene Reden müssen wir bisweilen nach einiger Zeit übersetzen, wenn wir sie uns recht wieder aneignen wollen. Und nicht nur dazu wird diese Fertigkeit geübt, um was eine Sprache im Gebiet der Wissenschaften und der redenden Künste hervorgebracht hat, in fremden Boden zu verpflanzen und dadurch den Wirkungskreis dieser Erzeugnisse des Geistes zu vergrößern; sondern sie wird auch geübt im Gewerbsverkehr zwischen einzelnen verschiedener Völker, und im diplomatischen Verkehr unabhängiger Regierungen mit einander,

deren jede nur in ihrer eigenen Sprache zur andern zu reden pflegt, wenn sie, ohne sich einer todten Sprache zu bedienen, streng auf Gleichheit halten wollen.

Allein natürlich, nicht alles was in diesem weiten Umkreise liegt, wollen wir in unsere jezige Betrachtung hineinziehen. Jene Nothwendigkeit auch innerhalb der eignen Sprache und Mundart zu übersezen, mehr oder minder ein augenblikkliches Bedürfniß des Gemüthes, ist eben auch in ihrer Wirkung zu sehr auf den Augenblikk beschränkt, um anderer Leitung als der des Gefühls zu bedürfen; und wenn Regeln darüber sollten gegeben werden, könnten es nur jene sein, durch deren Befolgung der Mensch sich eine rein sittliche Stimmung erhält, damit der Sinn auch für das minder verwandte geöffnet bleibe. Sondern wir /209 nun dieses ab, und bleiben stehen zunächst bei dem Uebertragen aus einer fremden Sprache in die unsrige; so werden wir auch hier zwei verschiedene Gebiete - freilich nicht ganz bestimmt, wie denn das selten gelingt, sondern nur mit verwaschenen Grenzen, aber doch wenn man auf die Endpunkte sieht deutlich genug - unterscheiden können. Der Dolmetscher nämlich verwaltet sein Amt in dem Gebiete des Geschäftslebens, der eigentliche Übersetzer vornämlich in dem Gebiete der Wissenschaft und Kunst. Wenn man diese Wortbestimmung willkürlich findet, da man gewöhnlich unter dem Dolmetschen mehr das mündliche, unter dem Uebersetzen das schriftliche versteht, so verzeihe man sie der Bequemlichkeit für das gegenwärtige Bedürfniß um so mehr, als doch beide Bestimmungen nicht gar weit entfernt sind. Dem Gebiete der Kunst und der Wissenschaft eignet die Schrift, durch welche allein ihre Werke beharrlich werden; und wissenschaftliche oder künstlerische Erzeugnisse von Mund zu Mund zu dolmetschen, wäre eben so unnütz, als es unmöglich zu sein scheint. Den Geschäften dagegen ist die Schrift nur mechanisches Mittel; das mündliche Verhandeln ist darin das ursprüngliche, und jede schriftliche Dolmetschung ist eigentlich nur als Aufzeichnung einer mündlichen anzusehen.

Sehr nahe dem Geist und der Art nach schließen sich diesem Gebiete zwei andere an, die jedoch bei der großen Mannigfaltigkeit der dahin gehörigen Gegenstände schon einen Uebergang bilden zum Gebiet der Kunst das eine, das andere zu dem der Wissenschaft. Nämlich jede Verhandlung, bei welcher das Dolmetschen vorkommt, ist auf der einen Seite eine Thatsache, deren Hergang in zwei verschiedenen Sprachen aufgefaßt wird. Aber auch die Uebersetzung von Schriften rein erzählender oder beschreibender Art, welche also nur den schon beschriebenen Hergang einer Thatsache in eine andere Sprache überträgt, kann noch sehr viel von dem Geschäft des Dolmetschers an sich haben. Je weniger in der Urschrift der Verfasser selbst heraustrat, je /210 mehr er lediglich als auffassendes Organ des Gegenstandes handelte und der Ordnung des Raumes und der Zeit nachging, um desto mehr kommt es bei der Uebertragung auf ein bloßes Dolmetschen an. So schließt sich der Uebersetzer von Zeitungsartikeln und gewöhnlichen Reisebeschreibungen zunächst an den Dolmetscher an, und es kann lächerlich werden wenn seine Arbeit größere Ansprüche macht und er dafür angesehen sein will als Künstler verfahren zu haben. Je mehr hingegen des Verfassers eigenthümliche Art zu sehen und zu verbinden in der Darstellung vorgewaltet hat, je mehr er irgend einer frei gewählten oder durch den Eindruck bestimmten Ordnung gefolgt ist, desto mehr spielt schon seine Arbeit in das höhere Gebiet der Kunst hinüber, und auch der Uebersetzer muß dann schon andere Kräfte und Geschicklichkeiten zu seiner Arbeit bringen und in einem anderen Sinne mit seinem Schriftsteller und dessen Sprache bekannt sein als der Dolmetscher. Auf der andern Seite ist in der Regel jede Verhandlung, bei welcher gedolmetscht wird, eine Festsetzung eines besonderen Falles nach bestimmten Rechtsverhältnissen; die Uebertragung geschieht nur für die Theilnehmer, denen diese Verhältnisse hinreichend bekannt sind, und die Ausdrücke derselben in beiden Sprachen sind entweder gesezlich oder durch Gebrauch und gegenseitige Erklärungen bestimmt. Aber ein anderes ist es mit Verhandlungen, wiewol sie sehr oft der Form nach jenen ganz ähnlich sind, durch welche neue Rechtsverhältnisse bestimmt werden. Je weniger diese selbst wieder als ein besonderes unter einem hinreichend bekannten allgemeinen können betrachtet werden, desto mehr wissenschaftliche Kenntniß und Umsicht erfordert schon die Abfassung, und desto mehr wissenschaftliche Sach- und Sprachkenntniß wird auch der Uebersetzer zu seinem Geschäft bedürfen. Auf dieser zwiefachen Stufenleiter also erhebt sich der Uebersetzer immer mehr über den Dolmetscher, bis zu seinem eigenthümlichsten Gebiet, nämlich jenen geistigen Erzeugnissen der Kunst und Wissenschaft, in denen das freie eigenthümliche combinatorische /211 Vermögen des Verfassers an der einen, der Geist der Sprache mit dem in ihr niedergelegten System

der Anschauungen und Abschattung der Gemüthsstimmungen auf der anderen Seite alles sind, der Gegenstand auf keine Weise mehr herrscht, sondern von dem Gedanken und Gemüth beherrscht wird, ja oft erst durch die Rede geworden und nur mit ihr zugleich da ist.

Worin aber gründet sich nun dieser bedeutende Unterschied, den jeder schon auf den Grenzgegenden inne wird, der aber an den äußersten Enden am stärksten in die Augen leuchtet? Im Geschäftsleben hat man es größtentheils mit vor Augen liegenden, wenigstens mit möglichst genau bestimmten Gegenständen zu thun; alle Verhandlungen haben gewissermaßen einen arithmetischen oder geometrischen Charakter, Zahl und Maaß kommen überall zu Hülfe; und selbst bei denen Begriffen, welche, nach dem Ausdruck der Alten, das Mehr und Minder in sich aufnehmen und durch eine Stufenfolge von Wörtern bezeichnet werden, die im gemeinen Leben in unbestimmtem Gehalt auf- und abwogen, entsteht bald durch Gesez und Gewohnheit ein fester Gebrauch der einzelnen Wörter. Wenn also der redende nicht absichtlich um zu hintergehen versteckte Unbestimmtheiten erkünstelt, oder aus Unbedachtsamkeit fehlt: so ist er jedem der Sache und der Sprache kundigen schlechthin verständlich, und es finden für jeden Fall nur unbedeutende Verschiedenheiten statt im Gebrauch der Sprache. Eben so, welcher Ausdruck in der einen Sprache jedem in der andern entspreche, darüber kann selten ein Zweifel statt finden, der nicht unmittelbar gehoben werden könnte. Deshalb ist das Uebertragen auf diesem Gebiet fast nur ein mechanisches Geschäft, welches bei mäßiger Kenntniß beider Sprachen jeder verrichten kann, und wobei, wenn nur das offenbar falsche vermieden wird, wenig Unterschied des besseren und schlechteren statt findet. Bei den Erzeugnissen der Kunst und Wissenschaft aber, wenn sie aus einer Sprache in die andere verpflanzt werden sollen, kommt zweierlei in Betracht, wodurch das Verhältniß /212 ganz geändert wird. Wenn nämlich zwei Sprachen jedem Worte der einen ein Wort der andern genau entspräche, denselben Begriff in demselben Umfang ausdrückend; wenn ihre Beugungen dieselben Verhältnisse darstellten, und ihre Verbindungsweisen in einander aufgingen, so daß die Sprachen in der That nur für das Ohr verschieden wären: so würde dann auch auf dem Gebiete der Kunst und Wissenschaft alles Uebersetzen, sofern dadurch nur die Kenntniß des Inhalts einer Rede oder Schrift mitgetheilt werden soll, eben so rein mechanisch sein, wie auf dem des Geschäftslebens; und man würde, mit Ausnahme der Wirkungen welche Ton und Tonfall hervorbringen, von jeder Uebersetzung sagen können, daß der ausländische Leser dadurch zu dem Verfasser und seinem Werk in dasselbe Verhältniß gesetzt werde, wie der einheimische. Nun aber verhält es sich mit allen Sprachen, die nicht so nahe verwandt sind daß sie fast nur als verschiedene Mundarten können angesehen werden, gerade umgekehrt, und je weiter sie der Abstammung und der Zeit nach von einander entfernt sind, um desto mehr so, daß keinem einzigen Wort in einer Sprache eins in einer andern genau entspricht, keine Beugungsweise der einen genau dieselbe Mannigfaltigkeit von Verhältnißfällen zusammenfaßt, wie irgend eine in einer andern. Indem diese Irrationalität, daß ich mich so ausdrücke, durch alle Elemente zweier Sprachen hindurchgeht, muß sie freilich auch jenes Gebiet des bürgerlichen Verkehrs treffen. Allein es ist offenbar, daß sie hier weit weniger drückt, und so gut als keinen Einfluß hat. Alle Wörter, welche Gegenstände und Thätigkeiten ausdrücken, auf die es ankommen kann, sind gleichsam geacht, und wenn ja leere übervorsichtige Spizfindigkeit sich noch gegen eine mögliche ungleiche Geltung der Worte verwahren wollte, so gleicht die Sache selbst alles unmittelbar aus. Ganz anders auf jenem der Kunst und Wissenschaft zugehörigen Gebiet, und überall wo mehr der Gedanke herrscht, der mit der Rede Eins ist, nicht die Sache, als deren willkührliches vielleicht / 213 aber fest bestimmtes Zeichen das Wort nur dasteht. Denn wie unendlich schwer und verwickelt wird hier das Geschäft! welche genaue Kenntniß und welche Beherrschung beider Sprachen setzt es voraus! und wie oft, bei der gemeinschaftlichen Ueberzeugung daß ein gleichgeltender Ausdruck gar nicht zu finden sei, gehen sie sachkundigsten und sprachgelehrtesten bedeutend auseinander, wenn sie angeben wollen, welches denn nun der am nächsten kommende sei. Dies gilt eben so sehr von den lebendigen malerischen Ausdrücken dichterischer Werke, als von den abgezogensten, das innerste und allgemeinste der Dinge bezeichnenden der höchsten Wissenschaft.

Das zweite aber, wodurch das eigentliche Uebersetzen ein ganz anderes Geschäft wird als das bloße Dolmetschen, ist dieses. Ueberall, wo die Rede nicht ganz durch vor Augen liegende Gegenstände oder äußere Thatfachen gebunden ist, welche sie nur aussprechen soll, wo also der redende mehr oder minder

selbstthätig denkt, also sich aussprechen will, steht der redende in einem zwiefachen Verhältniß zur Sprache, und seine Rede wird schon nur richtig verstanden, in wiefern dieses Verhältniß richtig aufgefaßt wird. Jeder Mensch ist auf der einen Seite in der Gewalt der Sprache, die er redet; er und sein ganzes Denken ist ein Erzeugniß derselben. Er kann nichts mit völliger Bestimmtheit denken, was außerhalb der Grenzen derselben läge; die Gestalt seiner Begriffe, die Art und die Grenzen ihrer Verknüpfbarkeit ist ihm vorgezeichnet durch die Sprache, in der er geboren und erzogen ist, Verstand und Fantasie sind durch sie gebunden. Auf der andern Seite aber bildet jeder freidenkende geistig selbstthätige Mensch auch seinerseits die Sprache. Denn wie anders als durch diese Einwirkungen wäre sie geworden und gewachsen von ihrem ersten rohen Zustande zu der vollkommeneren Ausbildung in Wissenschaft und Kunst? In diesem Sinne also ist es die lebendige Kraft des einzelnen, welche in dem bildsamen Stoff der Sprache neue Formen hervorbringt, ursprünglich nur /214 für den augenblicklichen Zweck ein vorübergehendes Bewußtsein mitzutheilen, von denen aber bald mehr bald minder in der Sprache zurückbleibt und von andern aufgenommen weiter bildend um sich greift. Ja man kann sagen, nur in dem Maaß einer so auf die Sprache wirkt, verdient er weiter als in seinem jedesmaligen unmittelbaren Bereich vernommen zu werden. Jede Rede verhallt nothwenig bald, welche durch tausend Organe immer wieder eben so kann hervorgebracht werden; nur die kann und darf länger bleiben, welche einen neuen Moment im Leben der Sprache selbst bildet. Daher nun will jede freie und höhere Rede auf zwiefache Weise gefaßt sein, theils aus dem Geist der Sprache, aus deren Elementen sie zusammengesetzt ist, als eine durch diesen Geist gebundene und bedingte, aus ihm in dem redenden lebendig erzeugte Darstellung; sie will auf der andern Seite gefaßt sein aus dem Gemüth des redenden als seine That, als nur aus seinem Wesen gerade so hervorgegangen und erklärbar. Ja, jegliche Rede dieser Art ist nur verstanden im höheren Sinne des Wortes, wenn diese beiden Beziehungen derselben zusammen und in ihrem wahren Verhältniß gegen einander aufgefaßt sind, so daß man weiß, welche von beiden im Ganzen oder in einzelnen Theilen vorherrscht. Man versteht die Rede auch als Handlung des redenden nur, wenn man zugleich fühlt, wo und wie die Gewalt der Sprache ihn ergriffen hat, wo an ihrer Leitung die Blize der Gedanken sich hingeschlängelt haben, wo und wie in ihren Formen die umherschweifende Fantasie ist festgehalten worden. Man versteht die Rede auch als Erzeugniß der Sprache und als Aeüßerung ihres Geistes nur, wenn, indem man z. B. fühlt, so konnte nur ein Hellene denken und reden, so konnte nur diese Sprache in einem menschlichen Geist wirken, man zugleich fühlt, so konnte nur dieser Mann hellenisch denken und reden, so konnte nur er die Sprache ergreifen und gestalten, so offenbart sich nur sein lebendiger Besiz des Sprachreichthums, nur ein reger Sinn für Maaß und Wohllaut, nur sein denken-/215 des und bildendes Vermögen. Wenn nun das Verstehen auf diesem Gebiet selbst in der gleichen Sprache schon schwierig ist, und ein genaues und tiefes Eindringen in den Geist der Sprache und in die Eigenthümlichkeit des Schriftstellers in sich schließt; wie vielmehr nicht wird es eine hohe Kunst sein, wenn von den Erzeugnissen einer fremden und fernen Sprache die Rede ist! Wer denn freilich diese Kunst des Verstehens sich angeeignet hat, durch die eifrigsten Bemühungen um die Sprache, und durch genaue Kenntniß von dem ganzen geschichtlichen Leben des Volks, und durch die lebendigste Vergewärtigung einzelner Werke und ihrer Urheber, den freilich, aber auch nur den, kann es gelüsten von den Meisterwerken der Kunst und Wissenschaft das gleiche Verständniß auch seinen Volks- und Zeitgenossen zu eröffnen. Aber die Bedenklichkeiten müssen sich häufen, wenn er sich die Aufgabe näher rückt, wenn er seine Zwecke genauer bestimmen will und seine Mittel überschlägt. Soll er sich vorsezen, zwei Menschen, die so ganz von einander getrennt sind wie sein der Sprache des Schriftstellers unkundiger Sprachgenosse und der Schriftsteller selbst, diese in ein so unmittelbares Verhältniß zu bringen, wie das eines Schriftstellers und seines ursprünglichen Lesers ist? Oder wenn er auch seinen Lesern nur dasselbe Verständniß eröffnen will und denselben Genuß, dessen er sich erfreut, dem nämlich die Spuren der Mühe aufgedrückt sind und das Gefühl des fremden beigemischt bleibt: wie kann er dieses schon, geschweige denn jenes, erreichen mit seinen Mitteln? Wenn seine Leser verstehen sollen, so müssen sie den Geist der Sprache auffassen, die dem Schriftsteller einheimisch war, sie müssen dessen eigenthümliche Denkweise und Sinnesart anschauen können; und um dies beides zu bewirken, kann er ihnen nichts darbieten als ihre eigene Sprache, die mit jener nirgends recht übereinstimmt, und als sich selbst, wie er seinen Schriftsteller bald mehr bald minder hell erkannt hat, und bald mehr bald minder ihn

bewundert, und billigt. Erscheint nicht das Uebersetzen, so betrach-/216 tet, als ein thörichtes Unternehmen? Daher hat man in der Verzweiflung dieses Ziel zu erreichen, oder, wenn man lieber will, ehe man dazu kommen konnte, sich dasselbe deutlich zu denken, nicht für den eigentlichen Kunst- und Sprachsinn, sondern für das geistige Bedürfniß auf der einen, für die geistige Kunst auf der andern Seite, zwei andere Arten erfunden, Bekanntschaft mit den Werken fremder Sprachen zu stiften, wobei man von jenen Schwierigkeiten einige gewaltsam hinwegräumt, andere klüglich umgeht, aber die hier aufgestellte Idee der Uebersetzung gänzlich aufgibt; dies sind die Paraphrase und die Nachbildung. Die Paraphrase will die Irrationalität der Sprachen bezwingen, aber nur auf mechanische Weise. Sie meint, finde ich auch nicht ein Wort in meiner Sprache, welches jenem in der Ursprache entspricht, so will ich doch dessen Werth durch Hinzufügung beschränkender und erweiternder Bestimmungen möglichst zu erreichen suchen. So arbeitet sie sich zwischen lästigem zu viel und quälendem zu wenig schwerfällig durch eine Anhäufung loser Einzelheiten hindurch. Sie kann auf diese Weise den Inhalt vielleicht mit einer beschränkten Genauigkeit wiedergeben, aber auf den Eindruck leistet sie gänzlich Verzicht; denn die lebendige Rede ist unwiederbringlich getödtet, indem jeder fühlt daß sie so nicht könne ursprünglich aus dem Gemüth eines Menschen gekommen sein. Der Paraphrast verfährt mit den Elementen beider Sprachen, als ob sie mathematische Zeichen wären, die sich durch Vermehrung und Verminderung auf gleichen Werth zurückführen ließen, und weder der verwandelten Sprache noch der Ursprache Geist kann in diesem Verfahren erscheinen. Wenn noch außerdem die Paraphrase psychologisch die Spuren der Verbindung der Gedanken, wo sie undeutlich sind und sich verlieren wollen, durch Zwischensätze, welche sie als Merkpfähle einschlägt, zu bezeichnen sucht: so strebt sie zugleich bei schwierigen Compositionen die Stelle eines Commentars zu vertreten, und will noch weniger auf den Begriff der Uebersetzung zurückgeführt sein. Die /217 Nachbildung dagegen beugt sich unter der Irrationalität der Sprachen; sie gesteht, man könne von einem Kunstwerk der Rede kein Abbild in einer andern Sprache hervorbringen, das in seinen einzelnen Theilen den einzelnen Theilen des Urbildes genau entspräche, sondern es bleibe bei der Verschiedenheit der Sprachen, mit welcher so viele andere Verschiedenheiten wesentlich zusammenhängen, nichts anders übrig, als ein Nachbild auszuarbeiten, ein Ganzes, aus merklich von den Theilen des Urbildes verschiedenen Theilen zusammengesetzt, welches dennoch in seiner Wirkung jenem Ganzen so nahe komme, als die Verschiedenheit des Materials nur immer gestatte. Ein solches Nachbild ist nun nicht mehr jenes Werk selbst, es soll darin auch keineswegs der Geist der Ursprache dargestellt werden und wirksam sein, vielmehr wird eben dem fremdartigen, was dieser hervorgebracht hat, manches andere untergelegt; sondern es soll nur ein Werk dieser Art, mit Berücksichtigung der Verschiedenheit der Sprache, der Sitten, der Bildungsweise, für seine Leser soviel möglich dasselbe sein, was das Urbild seinen ursprünglichen Lesern leistete; indem die Einerleiheit des Eindrucks gerettet werden soll, giebt man die Identität des Werkes auf. Der Nachbildner will also die beiden, den Schriftsteller und den Leser des Nachbildes, gar nicht zusammenbringen, weil er kein unmittelbares Verhältniß unter ihnen möglich hält, sondern er will nur dem lezten einen ähnlichen Eindruck machen, wie des Urbildes Sprach- und Zeitgenossen von diesem empfangen. Die Paraphrase wird mehr angewendet auf dem Gebiet der Wissenschaften, die Nachbildung mehr auf dem der schönen Kunst; und wie jedermann gesteht daß ein Kunstwerk durch Paraphrasiren seinen Ton, seinen Glanz, seinen ganzen Kunstgehalt verliert, so hat wol noch niemand die Thorheit unternommen, von einem wissenschaftlichen Meisterwerk eine den Inhalt frei behandelnde Nachbildung geben zu wollen. Beide Verfahrensarten aber können demjenigen nicht genügen, welcher, von dem Werth eines fremden Meisterwerkes durchdrungen, /218 den Wirkungskreis desselben über seine Sprachgenossen verbreiten will, und welchem der strengere Begriff der Uebersetzung vorschwebt. Beide können daher auch wegen ihrer Abweichung von diesem Begriff hier nicht näher beurtheilt werden; nur als Grenzzeichen für das Gebiet, mit welchem wir es eigentlich zu thun haben, stehen sie hier.

Aber nun der eigentliche Uebersetzer, der diese beiden ganz getrennten Personen, seinen Schriftsteller und seinen Leser, wirklich einander zuführen, und dem lezten, ohne ihn jedoch aus dem Kreise seiner Muttersprache heraus zu nöthigen, zu einem möglichst richtigen und vollständigen Verständniß und Genuß des ersten verhelfen will, was für Wege kann er hiezu einschlagen? Meines Erachtens giebt es

deren nur zwei. Entweder der Uebersetzer läßt den Schriftsteller möglichst in Ruhe, und bewegt den Leser ihm entgegen; oder er läßt den Leser möglichst in Ruhe und bewegt den Schriftsteller ihm entgegen. Beide sind so gänzlich von einander verschieden, daß durchaus einer von beiden so streng als möglich muß verfolgt werden, aus jeder Vermischung aber ein höchst unzuverlässiges Resultat nothwendig hervorgeht, und zu besorgen ist daß Schriftsteller und Leser sich gänzlich verfehlen. Der Unterschied zwischen beiden Methoden, und daß dieses ihr Verhältnis gegen einander sei, muß unmittelbar einleuchten. Im ersten Falle nämlich ist der Uebersetzer bemüht, durch seine Arbeit dem Leser das Verstehen der Ursprache, das ihm fehlt, zu ersetzen. Das nämliche Bild, den nämlichen Eindruck, welchen er selbst durch die Kenntniß der Ursprache von dem Werke, wie es ist, gewonnen, sucht er den Lesern mitzutheilen, und sie also an seine ihnen eigentlich fremde Stelle hinzubewegen. Wenn aber die Uebersetzung ihren römischen Autor zum Beispiel reden lassen will wie er als Deutscher zu Deutschen würde geredet und geschrieben haben: so bewegt sie den Autor nicht etwa nur eben so bis an die Stelle des Uebersetzers, denn auch dem redet er nicht deutsch, sondern römisch, vielmehr rückt /219 sie ihn unmittelbar in die Welt der deutschen Leser hinein, und verwandelt ihn in ihres gleichen; und dieses eben ist der andere Fall. Die erste Uebersetzung wird vollkommen sein in ihrer Art, wenn man sagen kann, hätte der Autor eben so gut deutsch gelernt, wie der Uebersetzer römisch, so würde er sein ursprünglich römisch abgefaßtes Werk nicht anders übersezt haben, als der Uebersetzer wirklich gethan. Die andere aber, indem sie den Verfasser nicht zeigt, wie er selbst würde übersezt, sondern wie er ursprünglich als Deutscher deutsch würde geschrieben haben, hat wol schwerlich einen andern Maaßstab der Vollendung, als wenn man versichern könnte, wenn die deutschen Leser insgesamt sich in Kenner und Zeitgenossen des Verfassers verwandeln ließen, so würde ihnen das Werk selbst ganz dasselbe geworden sein, was ihnen jezt, da der Verfasser sich in einen Deutschen verwandelt hat, die Uebersetzung ist. Diese Methode haben offenbar alle diejenigen im Auge, welche sich der Formel bedienen, man solle einen Autor so übersezen, wie er selbst würde deutsch geschrieben haben. Aus dieser Gegeneinanderstellung erhellt wol unmittelbar, wie verschieden das Verfahren im einzelnen überall sein muß, und wie, wenn man in derselben Arbeit mit den Methoden wechseln wollte, alles unverständlich und ungedeihlich gerathen würde. Allein ich möchte auch weiter behaupten, daß es außer diesen beiden Methoden keine dritte geben könne, der ein bestimmtes Ziel vorschwebt. Es sind nämlich nicht mehr Verfährungsarten möglich. Die beiden getrennten Partheien müssen entweder an einem mittleren Punkt zusammentreffen, und das wird immer der des Uebersetzers sein, oder die eine muß sich ganz zur andern verfügen, und hiervon fällt nur die eine Art in das Gebiet der Uebersetzung, die andere würde eintreten, wenn in unserm Fall die deutschen Leser sich ganz der römischen Sprache, oder vielmehr diese sich ihrer ganz und bis zur Umwandlung bemächtigte. Was man also sonst noch sagt von Uebersetzungen nach dem Buchstaben und nach dem Sinn, /220 von treuen und freien, und was für Ausdrücke sich außerdem mögen geltend gemacht haben, wenn auch dies verschiedene Methoden sein sollen, müssen sie sich auf jene beiden zurückführen lassen; sollen aber Fehler und Tugenden dadurch bezeichnet werden, so wird das treue und das sinnige, oder das zu buchstäbliche und zu freie der einen Methode ein anderes sein als das der andern. Meine Absicht ist daher, mit Beiseitsetzung aller einzelnen über diesen Gegenstand unter den Kunstverständigen schon verhandelten Fragen, nur die allgemeinsten Züge jener beiden Methoden zu betrachten, um die Einsicht vorzubereiten, worin die eigenthümlichen Vorzüge und Schwierigkeiten einer jeden bestehen, von welcher Seite daher jede am meisten den Zweck des Uebersetzens erreicht, und welches die Grenzen der Anwendbarkeit einer jeden sind. Von einer solchen allgemeinen Uebersicht aus bliebe dann zweierlei zu thun, wozu diese Abhandlung nur die Einleitung ist. Man könnte für jede der beiden Methoden, mit Bezugnahme auf die verschiedenen Gattungen der Rede, eine Anweisung entwerfen, und man könnte die ausgezeichnetsten Versuche, welche nach beiden Ansichten gemacht worden sind, vergleichen, beurtheilen, und dadurch die Sache noch mehr erläutern. Beides muß ich anderen oder wenigstens einer anderen Gelegenheit überlassen.

Diejenige Methode, welche danach strebt, dem Leser durch die Uebersetzung den Eindruck zu geben, den er als Deutscher aus der Lesung des Werkes in der Ursprache empfangen würde, muß freilich erst bestimmen, was für ein Verstehen der Ursprache sie gleichsam nachahmen will. Denn es giebt eines,

welches sie nicht nachahmen darf, und eines welches sie nicht nachahmen kann. Jenes ist ein schülerhaftes Verstehen, das sich noch mühsam und fast ekelhaft durch das einzelne hindurchstümpert, und deshalb noch nirgend zu einem klaren Ueberschauen des Ganzen, zu einem lebendigen Festhalten des Zusammenhanges gedeiht. So lange der gebildete Theil eines Volkes im Ganzen noch keine Erfahrung /221 hat von einem innigeren Eindringen in fremde Sprachen: so mögen auch diejenigen, die weiter gekommen sind, durch ihren guten Genius bewahrt bleiben, nicht Uebersetzungen dieser Art zu unternehmen. Denn wollten sie ihr eigenes Verstehen zum Maaßstab nehmen, so würden sie selbst wenig verstanden werden und wenig ausrichten; sollte aber ihre Uebersetzung das gewöhnliche Verstehen darstellen, so könnte das holperige Werk nicht zeitig genug von der Bühne heruntergepocht werden. In einem solchen Zeitraume mögen also erst freie Nachbildungen die Lust am Fremden wecken und schärfen, und Paraphrasen ein allgemeineres Verstehen vorbereiten, um so künftigen Uebersetzungen Bahn zu machen¹. Ein anderes Verstehen aber giebt es, welches kein Uebersetzer nachzubilden vermag. Denken wir uns nämlich solche wunderbare Männer, wie sie die Natur bisweilen hervorzubringen pflegt, gleichsam um zu zeigen daß sie auch die Schranken der Volksthümlichkeit in einzelnen Fällen vernichten kann, Männer die solche eigenthümliche Verwandtschaft fühlen zu einem fremden Dasein, daß sie sich in eine fremde Sprache und deren Erzeugnisse ganz hinein leben und denken, und indem sie /222 sich ganz mit einer ausländischen Welt beschäftigen, sich die heimische Welt und heimische Sprache ganz fremd werden lassen, oder auch solche Männer, die gleichsam das Vermögen der Sprache in seinem ganzen Umfang darzustellen bestimmt sind, und denen alle Sprachen, die sie irgend erreichen können, völlig gleich gelten, und sie wie angegossen kleiden: diese stehen auf einem Punkt, wo der Werth des Uebersetzens Null wird; denn da bei ihrem Auffassen fremder Werke auch nicht der mindeste Einfluß der Muttersprache mehr statt findet, und sie sich ihres Verstehens auf keine Weise in der Muttersprache, sondern ganz heimisch in der Ursprache selbst unmittelbar bewußt werden, auch gar keine Incommensurabilität fühlen zwischen ihrem Denken und der Sprache worin sie lesen: so kann auch keine Uebersetzung ihr Verstehen erreichen oder darstellen. Und wie es hieße Wasser ins Meer gießen oder gar in den Wein, wenn man für sie übersetzen wollte: so pflegen auch sie von ihrer Höhe herab nicht mit Unrecht gar mitleidig zu lächeln über die Versuche, die auf diesem Gebiet gemacht werden. Denn freilich, wenn das Publikum, für welches übersezt wird, ihnen gleich wäre, so bedürfte es dieser Mühe nicht. Das Uebersetzen bezieht sich also auf einen Zustand, der zwischen diesen beiden mitten inne liegt, und der Uebersetzer muß also sich zum Ziel stellen, seinem Leser ein solches Bild und einen solchen Genuß zu verschaffen, wie das Lesen des Werkes in der Ursprache dem so gebildeten Manne gewährt, den wir im besseren Sinne des Worts den Liebhaber und Kenner zu nennen pflegen, dem die fremde Sprache geläufig ist, aber doch immer fremde bleibt, der nicht mehr wie die Schüler sich erst das einzelne wieder in der Muttersprache denken muß, ehe er das Ganze fassen kann, der aber doch auch da wo er am ungestörtesten sich der Schönheiten eines Werkes erfreut, sich immer der Verschiedenheit der Sprache von seiner Muttersprache bewußt bleibt. Allerdings bleibt uns der Wirkungskreis und die Bestimmung dieser Art zu übersetzen auch nach der Feststellung dieser Punkte noch schwank-/223 end genug. Nur das sehen wir, daß, wie die Neigung zum Uebersetzen erst entsteht kann, wenn eine gewisse Fähigkeit zum Verkehr mit fremden Sprachen unter dem gebildeten Volkstheile verbreitet ist, so auch die Kunst erst wachsen und das Ziel immer höher gesteckt werden wird, je mehr Liebhaberei und Kennerschaft fremder Geisteswerke unter denen im Volke sich verbreitet und erhöht, welche ihr Ohr geübt und gebildet haben, ohne doch

¹ Dies war im Ganzen noch der Zustand der Deutschen in jener Zeit, von welcher Göthe (Aus meinem Leben III. S. 111) redend meint, prosaische Uebersetzungen auch von Dichterwerken, und solche werden immer mehr oder weniger Paraphrasen sein müssen, seien förderlicher für die Jugendbildung, und in so fern kann ich ihm völlig beistimmen; denn in solcher Zeit kann von fremder Dichtkunst nur die Erfindung verständlich gemacht werden, für ihren metrischen und musikalischen Werth aber kann es noch kein Anerkenntniß geben. Das aber kann ich nicht glauben, daß auch jezt der Vossische Homer und der Schlegelsche Shakespeare nur sollten zur Unterhaltung der Gelehrten unter sich dienen; und eben so wenig, daß auch jezt noch eine prosaische Uebersetzung des Homer zu wahrer Geschmacks- und Kunstbildung sollte förderlich sein können; sondern für die Kinder eine Bearbeitung wie die Beckersche, und für die Erwachsenen jung und alt eine metrische Uebersetzung, wie wir sie freilich vielleicht noch nicht besitzen; zwischen diese beiden wüßte ich jezt nichts förderliches mehr zu setzen.

Sprachkunde zu ihrem eigentlichen Geschäft zu machen. Aber das können wir uns zugleich nicht verhehlen, daß, je empfänglichere Leser da sind für solche Uebersetzungen, um desto höher auch die Schwierigkeiten des Unternehmens sich thürmen, zumal wenn man auf die eigenthümlichsten Erzeugnisse der Kunst und Wissenschaft eines Volkes sieht, welche doch die wichtigsten Gegenstände für den Uebersetzer sind. Nämlich, wie die Sprache ein geschichtliches Ding ist, so giebt es auch keinen rechten Sinn für sie, ohne Sinn für ihre Geschichte. Sprachen werden nicht erfunden, und auch alles rein willkürliche Arbeiten an ihnen und in ihnen ist Thorheit; aber sie werden allmählig entdeckt, und Wissenschaft und Kunst sind die Kräfte, durch welche diese Entdeckung gefördert und vollendet wird. Jeder ausgezeichnete Geist, in welchem sich unter einer von beiden Formen ein Theil von den Anschauungen des Volks eigenthümlich gestaltet, arbeitet und wirkt hiezu in der Sprache, und seine Werke müssen also auch einen Theil ihrer Geschichte enthalten. Dieses verursacht dem Uebersetzer wissenschaftlicher Werke große ja oft unüberwindliche Schwierigkeiten; denn wer mit hinreichenden Kenntnissen ausgerüstet ein ausgezeichnetes Werk dieser Art in der Ursprache liest, dem wird der Einfluß desselben auf die Sprache nicht leicht entgehen. Er merkt welche Wörter welche Verbindungen ihm dort noch in dem ersten Glanz der Neuheit erscheinen; er sieht wie sie durch das besondere Bedürfniß dieses Geistes und durch seine bezeichnende Kraft sich in die Sprache einschleichen; und diese Bemerkung bestimmt sehr wesentlich den Eindruck, den er empfangt. Es liegt also in der Aufgabe der Uebersetzung, eben dieses auch auf ihren Leser fortzupflanzen; sonst geht ihm ein oft sehr bedeutender Theil dessen, was ihm zugedacht ist, verloren. Aber wie ist dieses zu erreichen? Schon im einzelnen, wie oft wird einem neuen Worte der Urschrift gerade ein altes und verbrauchtes in unserer Sprache am besten entsprechen, so daß der Uebersetzer, wenn er auch da das sprachbildende des Werks zeigen wollte, einen fremden Inhalt an die Stelle setzen und also in das Gebiet der Nachbildung ausweichen müßte! Wie oft, wenn er auch neues durch neues wiedergeben kann, wird doch das der Zusammensetzung und Abstammung nach ähnlichste Wort nicht den Sinn am treuesten wiedergeben, und er also doch andere Anklänge aufregen müssen, wenn er den unmittelbaren Zusammenhang nicht verletzen will! Er wird sich damit trösten müssen, daß er an andern Stellen, wo der Verfasser alte und bekannte Wörter gebraucht hat, das versäumte nachholen kann, und also im Ganzen doch erreicht, was er nicht in jedem einzelnen Falle zu erreichen vermag. Sieht man aber auf die Wortbildung eines Meisters in ihrem ganzen Zusammenhang, auf seinen Gebrauch verwandter Wörter und Wortstämme in ganzen Massen sich auf einander beziehender Schriften: wie will der Uebersetzer sich hier glücklich durchfinden, da das System der Begriffe und ihrer Zeichen in seiner Sprache ein ganz anderes ist, als in der Ursprache, und die Wortstämme, anstatt sich gleichlaufend zu decken, vielmehr einander in den wunderlichsten Richtungen durchschneiden. Unmöglich kann daher der Sprachgebrauch des Uebersetzers überall eben so zusammenhangen, wie der seines Schriftstellers. Hier also wird er zufrieden sein müssen, im einzelnen zu erreichen, was er im ganzen nicht erreichen kann. Er wird sich bei seinen Lesern bedingen, daß sie nicht eben so streng wie die ursprünglichen bei einer Schrift an die andern denken, sondern jede mehr für sich betrachten, ja daß sie ihn noch loben sollen, wenn er innerhalb einzelner Schriften, ja oft auch nur einzelner Theile derselben eine solche Gleichförmigkeit in Absicht der wichtigeren Gegenstände zu erhalten weiß, daß nicht Ein Wort eine Menge ganz verschiedener Stellvertreter bekommt, oder in der Uebersetzung eine bunte Verschiedenheit herrscht, wo in der Ursprache eine feste Vewandtschaft des Ausdrucks durchgehe. Diese Schwierigkeiten zeigen sich am meisten auf dem Gebiet der Wissenschaft; andere giebt es, und nicht geringere, auf dem Gebiet der Poesie und auch der kunstreicheren Prosa, für welche ebenfalls das musikalische Element der Sprache, das sich in Rhythmus und Tonwechsel offenbart, eine ausgezeichnete und höhere Bedeutung hat. Jeder fühlt es, daß der feinste Geist, der höchste Zauber der Kunst in ihren vollendetsten Erzeugnissen verloren geht, wenn dieses unbeachtet bleibt oder zerstört wird. Was also dem sinnigen Leser der Urschrift in dieser Hinsicht auffällt als eigenthümlich als absichtlich als wirksam auf Ton und Stimmung des Gemüthes, als entscheidend für die mimische oder musikalische Begleitung der Rede, das soll auch unser Uebersetzer mit übertragen. Aber wie oft, ja es ist schon fast ein Wunder, wenn man nicht sagen muß immer, werden nicht die rhythmische und melodische Treue und die dialektische und grammatische in unversöhnlichem Streit gegen einander liegen! Wie schwer, daß nicht im Hin- und Herschwanken welches hier welches dort solle aufgeopfert werden, oft

gerade das unrechte herauskomme! Wie schwer selbst daß der Uebersetzer unparteiisch, was er jedem hier hat entziehen müssen, ihm, wo die Gelegenheit es mit sich bringt, auch wirklich erseze, und nicht, wenn gleich unwissentlich, in eine beharrliche Einseitigkeit gerathe, weil seine Neigung dem einen Kunstelement vor dem andern gewidmet ist! Denn liebt er in den Kunstwerken mehr den ethischen Stoff und seine Behandlung: so wird er minder merken, wo er dem metrischen und musikalischen der Form unrecht gethan, und sich, statt auf Ersatz zu denken, mit einer immer mehr ins leichte und gleichsam paraphrastische hineinspielenden Uebertragung derselben begnügen. Trifft /226 es sich aber, daß der Uebersetzer ein Musiker ist oder Metriker, so wird er das logische Element hintansezen, um sich nur des musikalischen ganz zu bemächtigen; und indem er sich in dieser Einseitigkeit immer tiefer verstrickt, wird er je länger je unerfreulicher arbeiten, und wenn man seine Uebertragung im großen mit der Urschrift vergleicht, wird man finden, daß er, ohne es zu bemerken, jener schülerhaften Dürftigkeit immer näher kommt, der über dem einzelnen das ganze verloren geht; denn wenn der materiellen Aehnlichkeit des Tons und des Rhythmus zu Liebe, was in der einen Sprache leicht ist und natürlich wiedergegeben wird, durch schwere und anstößige Ausdrücke in der andern: so muß im ganzen ein völlig verschiedener Eindruck entstehen.

Noch andere Schwierigkeiten zeigen sich, wenn der Uebersetzer auf sein Verhältniß zu der Sprache sieht, in der er schreibt, und auf das Verhältniß seiner Uebersetzung zu seinen anderen Werken. Wenn wir jene wunderbaren Meister ausnehmen, denen mehrere Sprachen gleich sind, oder gar Eine erlernte über die Muttersprache hinaus natürlich, für welche, wie gesagt, durchaus nicht übersezt werden kann; alle anderen Menschen, wie geläufig sie eine fremde Sprache auch lesen, behalten doch immer dabei das Gefühl des fremden. Wie soll nun der Uebersetzer es machen, um eben dieses Gefühl, daß sie ausländisches vor sich haben, auch auf seine Leser fortzupflanzen, denen er die Uebersetzung in ihrer Muttersprache vorlegt? Man wird freilich sagen, das Wort dieses Räthsels sei längst gefunden, und es sei bei uns häufig vielleicht mehr als zu gut gelöst worden; denn je genauer sich die Uebersetzung an die Wendungen der Urschrift anschließe, um desto fremder werde sie schon den Leser gemahnen. Freilich wol, und es ist leicht genug über dieses Verfahren im allgemeinen zu lächeln. Allein wenn man sich diese Freude nicht zu wolfeil machen will, wenn man nicht das meisterhafteste mit dem schülerhaftesten und schlechtesten in einem Bade ausschütten will: so muß man zugeben, ein unerläßliches Erforderniß dieser Me-/227 thode des Uebersetzens ist eine Haltung der Sprache, die nicht nur nicht alltäglich ist, sondern die auch ahnden läßt, daß sie nicht ganz frei gewachsen, vielmehr zu einer fremden Aehnlichkeit hinübergebogen sei; und man muß gestehen, dieses mit Kunst und Maaß zu thun, ohne eigenen Nachtheil und ohne Nachtheil der Sprache, dies ist vielleicht die größte Schwierigkeit die unser Uebersetzer zu überwinden hat. Das Unternehmen erscheint als der wunderbarste Stand der Erniedrigung, in den sich ein nicht schlechter Schriftsteller versetzen kann. Wer möchte nicht seine Muttersprache überall in der volksgemähesten Schönheit auftreten lassen, deren jede Gattung nur fähig ist? Wer möchte nicht lieber Kinder erzeugen, die das väterliche Geschlecht rein darstellen, als Blendlinge? Wer wird sich gern auflegen, in minder leichten und anmuthigen Bewegungen sich zu zeigen als er wol könnte, und bisweilen wenigstens schroff und steif zu erscheinen, um dem Leser so anstößig zu werden als nöthig ist damit er das Bewußtsein der Sache nicht verliere? Wer wird sich gern gefallen lassen, daß er für unbeholfen gehalten werde, indem er sich befleißiget der fremden Sprache so nahe zu bleiben als die eigene es nur erlaubt, und daß man ihn, wie Eltern, die ihre Kinder den Kunstspringern übergeben, tadelt, daß er seine Muttersprache, anstatt sie in ihrer heimischen Turnkunst gewandt zu üben, an ausländische und unnatürliche Verrenkungen gewöhne! Wer mag endlich gern gerade von den größten Kennern und Meistern am mitleidigsten belächelt werden, daß sie sein mühsames und voreiliges Deutsch nicht verstehen würden, wenn sie nicht ihr hellenisches und römisches dazu nähmen! Dies sind die Entsagungen die jener Uebersetzer nothwendig übernehmen muß, dies die Gefahren denen er sich aussetzt, wenn er in dem Bestreben den Ton der Sprache fremd zu halten nicht die feinste Linie beobachtet, und denen er auch so auf keinen Fall ganz entgeht, weil jeder sich diese Linie etwas anders zieht. Denkt er nun noch an den unvermeidlichen Einfluß der Gewöh-/228 nung: so kann ihm bange werden, daß auch in seine freien und ursprünglichen Erzeugnisse vom Uebersetzen her manches minder gehörige und rauhe sich einschleiche, und ihm der zarte Sinn für das heimische

Wohlfinden der Sprache sich etwas abstumpfe. Und denkt er gar an das große Heer der Nachahmer, und an die in dem schriftstellerischen Publikum herrschende Trägheit und Mittelmäßigkeit: so muß er sich erschrecken, wieviel lokkeres gesezwidriges Wesen, wieviel wahre Unbeholfenheit und Härte, wieviel Sprachverderben aller Art er vielleicht mit zu verantworten bekommt; denn fast nur die besten und die schlechtesten werden nicht streben einen falschen Vortheil aus seinen Bemühungen zu ziehen. Diese Klagen, daß ein solches Uebersetzen nothwendig der Reinheit der Sprache und ihrer ruhigen Fortentwicklung von innen heraus nachtheilig werden müsse, sind häufig gehört worden. Wollen wir sie nun auch vor der Hand bei Seite stellen mit der Vertröstung, daß wol auch Vortheile werden diesen Nachtheilen gegenüberstehen, und daß, wie alles gute mit üblem versetzt sei, die Weisheit eben darin bestehe, indem man von dem ersten so viel als möglich erlangt, von dem andern so wenig als möglich mitzunehmen: soviel geht aus dieser schwierigen Aufgabe, daß man in der Muttersprache das fremde darstellen solle, auf jeden Fall hervor. Zuerst, daß diese Methode des Uebersetzens nicht in allen Sprachen gleich gut gedeihen kann, sondern nur in solchen die nicht in zu engen Banden eines klassischen Ausdrucks gefangen liegen, außerhalb dessen alles verwerflich ist. Solche gebundene Sprachen mögen die Erweiterung ihres Gebietes dadurch suchen, daß sie sich sprechen machen von Ausländern, die mehr als ihre Muttersprache bedürfen; hiezu werden sie sich wol vorzüglich eignen; sie mögen sich fremde Werke aneignen durch Nachbildungen oder vielleicht durch Uebersetzungen der andern Art: diese Art aber müssen sie den freieren Sprachen überlassen, in denen Abweichungen und Neuerungen mehr geduldet werden, und so daß aus ihrer Anhäufung unter gewissen Umständen ein bestimmter Charakter entstehen kann. Ferner folgt deutlich genug, daß diese Art zu übersetzen gar keinen Werth hat, wenn sie in einer Sprache nur einzeln und zufällig betrieben wird. Denn der Zweck ist ja offenbar damit nicht erreicht, daß ein überhaupt fremder Geist den Leser anweht; sondern wenn er eine Ahnung bekommen soll, sei es auch nur eine entfernte, von der Ursprache und von dem was das Werk dieser verdankt, und ihm so einigermaßen ersetzt werden soll daß er sie nicht versteht: so muß er nicht nur die ganz unbestimmte Empfindung bekommen, daß was er liest nicht ganz einheimisch klingt; sondern es muß ihm nach etwas bestimmtem andern klingen; das aber ist nur möglich, wenn er Vergleichen in Masse anstellen kann. Hat er einiges gelesen, wovon er weiß daß es aus andern neuen und anderes aus alten Sprachen übersetzt ist, und es ist in diesem Sinn übersetzt: so wird sich ihm wol ein Gehör an bilden, um das alte und neuere zu unterscheiden. Aber weit mehr schon muß er gelesen haben, wenn er hellenischen von römischem Ursprung, oder italiänischen von spanischem unterscheiden soll. Und ist doch ist auch dieses noch kaum der höchste Zweck; sondern der Leser der Uebersetzung wird dem besseren Leser des Werks in der Ursprache erst dann gleich kommen, wann er neben dem Geist der Sprache auch den eigenthümlichen Geist des Verfassers in dem Werk zu ahnden und allmählig bestimmt aufzufassen vermag, wozu freilich das Talent der individuellen Anschauung das einzige Organ, aber eben für dieses eine noch weit größere Masse von Vergleichen unentbehrlich ist. Diese sind nicht vorhanden, wenn in einer Sprache nur hie und da einzelne Werke der Meister in einzelnen Gattungen übertragen werden. Auf diesem Wege können auch die gebildetsten Leser nur eine höchst unvollkommene Kenntniß des fremden durch Uebersetzung erlangen; und daß sie sich zu einem eigentlichen Urtheil, es sei über die Uebersetzung oder über das Original, sollten erheben können, daran ist gar nicht zu denken. Daher erfordert diese Art zu übersetzen durchaus ein Verfahren im großen, ein Verpflanzen ganzer Litteraturen in eine Sprache, und hat also auch nur Sinn und Werth unter einem Volk welches entschiedene Neigung hat sich das fremde anzueignen. Einzelne Arbeiten dieser Art haben nur einen Werth als Vorläufer einer sich allgemeiner entwickelnden und ausbildenden Lust an diesem Verfahren. Regen sie diese nicht auf, so haben sie auch im Geist der Sprache und des Zeitalters etwas gegen sich; sie können alsdann nur als verfehlte Versuche erscheinen, und auch für sich wenig oder keinen Erfolg haben. Allein auch wenn die Sache überhand nimmt, ist nicht leicht zu erwarten, daß eine Arbeit dieser Art, wie vortrefflich sie auch sei, sich allgemeinen Beifall erwerben werde. Bei den vielen Rücksichten, welche zu nehmen, und Schwierigkeiten, die zu überwinden sind, müssen sich verschiedene Ansichten darüber entwickeln, welche Theile der Aufgabe hervorzuheben und welche vielmehr unterzuordnen sind. So werden gewissermaßen verschiedene Schulen unter den Meistern und verschiedene Partheien im Publikum sich bilden als Anhänger von jenen; und wiewol dieselbe Methode überall zum Grunde liegt, werden doch von

demselben Werk verschiedene Uebersetzungen neben einander bestehen können, aus verschiedenen Gesichtspunkten gefaßt, von denen man nicht eben sagen könnte, daß eine im ganzen vollkommener sei oder zurückstehe, sondern nur einzelne Theile werden in der einen besser gelungen sein, und andere in anderen, und erst alle zusammengestellt und auf einander bezogen, wie die eine auf diese die andere auf jene Annäherung an die Ursprache oder Schonung der eigenen einen besonderen Werth legt, werden sie die Aufgabe ganz erschöpfen, jede aber für sich immer nur einen relativen und subjectiven Werth haben.

Dies sind die Schwierigkeiten welche dieser Methode des Uebersetzens entgegenstehen, und die Unvollkommenheiten die ihr wesentlich anhängen. Aber diese eingestanden muß man doch das Unternehmen selbst anerkennen, und kann ihm sein Verdienst nicht /231 absprechen. Es beruht auf zwei Bedingungen, daß das Verstehen ausländischer Werke ein bekannter und gewünschter Zustand sei, und daß der heimischen Sprache selbst eine gewisse Biegsamkeit zugestanden werde. Wo diese gegeben sind, da wird ein solches Uebersetzen eine natürliche Erscheinung, greift ein in die gesammte Geistesentwicklung, und wie es einen bestimmten Werth erhält, giebt es auch einen sichern Genuß.

Wie steht es nun aber mit der entgegengesetzten Methode, welche, ihrem Leser gar keine Mühe und Anstrengung zumuthend, ihm den fremden Verfasser in seine unmittelbare Gegenwart hinzaubern, und das Werk so zeigen will, wie es sein würde, wenn der Verfasser selbst es ursprünglich in des Lesers Sprache geschrieben hätte? Diese Forderung ist nicht selten ausgesprochen worden als diejenige die man an einen wahren Uebersetzer zu machen hätte, und als weit höher und vollkommener in Vergleich mit jener; es sind auch Versuche gemacht worden im einzelnen, oder vielleicht Meisterstücke, die offenbar genug sich dieses Ziel vorgestekkt haben. Laßt uns nun sehen wie es hiermit steht, und ob es nicht vielleicht gut wäre, wenn dieses bis jezt unstreitig seltene Verfahren häufiger würde, und jenes bedenkliche und in vielen Stücken ungenügende verdrängte.

Soviel sehen wir gleich, daß die Sprache des Uebersetzers von dieser Methode nicht das mindeste zu befürchten hat. Seine erste Regel muß sein, sich wegen des Verhältnisses, in dem seine Arbeit zu einer fremden Sprache steht, nichts zu erlauben was nicht auch jeder ursprünglichen Schrift gleicher Gattung in der heimischen Sprache erlaubt wird. Ja er hat so sehr als irgend einer die Pflicht, wenigstens dieselbe Sorgfalt für die Reinigkeit und Vollendung der Sprache zu beobachten, derselben Leichtigkeit und Natürlichkeit des Stils nachzustreben, die seinem Schriftsteller in der Ursprache nachzurühen ist. Auch das ist gewiß, wenn wir unsern Landsleuten recht anschaulich machen wollen was ein Schriftsteller für seine Sprache gewesen ist, daß wir /232 keine bessere Formel aufstellen können, als ihn so redend einzuführen, wie wir uns denken müssen daß er in der unsrigen würde geredet haben, zumal wenn die Entwicklungsstufe, worauf er seine Sprache fand, eine Aehnlichkeit hat mit der worauf die unsrige eben steht. Wir können uns in einem gewissen Sinne denken, wie Tacitus würde geredet haben, wenn er ein Deutscher gewesen wäre, das heißt, genauer genommen, wie ein Deutscher reden würde, der unserer Sprache das wäre was Tacitus der seinigen; und wohl dem, der es sich so lebendig denkt, daß er ihn wirklich kann reden lassen! Aber ob dies nun geschehen könnte, indem er ihn dieselben Sachen sagen läßt, die der römische Tacitus in lateinischer Sprache geredet, das ist eine andere und nicht leicht zu bejahende Frage. Denn ein ganz anderes ist, den Einfluß, den ein Mann auf seine Sprache ausgeübt hat, richtig auffassen und irgend wie darstellen, und wieder ein ganz anderes, wissen wollen, wie seine Gedanken und ihr Ausdruck sich würden gewendet haben, wenn er gewohnt gewesen wäre ursprünglich in einer andern Sprache zu denken und sich auszudrücken! Wer überzeugt ist daß wesentlich und innerlich Gedanke und Ausdruck ganz dasselbe sind, und auf dieser Ueberzeugung beruht doch die ganze Kunst alles Verstehens der Rede, und also auch alles Uebersetzens, kann der einen Menschen von seiner angeborenen Sprache trennen wollen, und meinen, es könne ein Mensch, oder auch nur eine Gedankenreihe eines Menschen, eine und dieselbe werden in zwei Sprachen? oder wenn sie denn auch auf gewisse Weise verschieden ist, kann er sich anmaßen die Rede bis in ihr innerstes aufzulösen, den Antheil der Sprache daran auszuscheiden, und durch einen neuen gleichsam chemischen Prozeß sich das innerste derselben verbinden zu lassen mit dem Wesen und der Kraft einer andern Sprache? Denn offenbar müßte man, um diese Aufgabe zu lösen, alles, was an dem schriftlichen Werk eines Mannes auch auf die entfernteste

Weise Einwirkung irgend dessen ist, was er von Kindheit an in seiner Mutter-/233 sprache geredet hat und gehört, rein ausscheiden und nun gleichsam der nakkten eigenthümlichen in ihrer Richtung auf einen gewissen Gegenstand begriffenen Denkweise desselben zuführen alles dasjenige, was Einwirkung gewesen sein würde alles dessen was er vom Anfang seines Lebens oder von seiner ersten Bekanntschaft mit der fremden Sprache an in ihr geredet und gehört hätte, bis er zu der Fertigkeit gekommen wäre in ihr ursprünglich zu denken und niederzuschreiben? Dies wird nicht eher möglich sein, als bis es gelungen ist durch einen künstlichen chemischen Prozeß organische Produkte zusammenzusetzen. Ja man kann sagen, das Ziel, so zu übersezen wie der Verfasser in der Sprache der Uebersetzung selbst würde ursprünglich geschrieben haben, ist nicht nur unerreichbar, sondern es ist auch in sich nichtig und leer; denn wer die bildende Kraft der Sprache, wie sie eins ist mit der Eigenthümlichkeit des Volkes, anerkennt, der muß auch gestehen daß jedem ausgezeichnetsten am meisten sein ganzes Wissen, und auch die Möglichkeit es darzustellen, mit der Sprache und durch sie ausgebildet ist, und daß also niemanden seine Sprache nur mechanisch und äußerlich gleichsam in Riemen anhängt, und wie man leicht ein Gespann löset und ein anderes vorlegt, so sich jemand auch nach Belieben im Denken eine andere Sprache vorlegen könne, daß vielmehr jeder nur in seiner Muttersprache ursprünglich producire, und man also gar die Frage nicht aufwerfen kann, wie er seine Werke in einer andern Sprache würde geschrieben haben. Hiegegen wird freilich jeder zwei Fälle anführen, die häufig genug vorkommen. Zuerst hat es doch offenbar sonst, nicht nur in einzelnen Ausnahmen, denn so kommt es noch vor, sondern auch in großen eine Fertigkeit gegeben, in andern Sprachen als der angeboren ursprünglich zu schreiben, ja zu philosophiren und zu dichten. Warum soll man also nicht, um ein desto sichrerer Maaß zu bekommen, diese Fertigkeit in Gedanken auf jeden Schriftsteller übertragen, welchen man übersezen will? Darum nicht, weil es mit dieser Fertigkeit /234 die Bewandniß hat, daß sie nur in solchen Fällen vorkommt, wo dasselbe entweder überhaupt oder wenigstens von demselben nicht könnte in der angeboren Sprache gesagt werden. Wenn wir in die Zeiten zurückgehn, wo die romanischen Sprachen anfangen sich zu bilden, wer kann sagen, welche Sprache damals den dortigen Menschen sei angeboren gewesen? und wer wird läugnen wollen, daß denen, welche eine wissenschaftliche Bestrebung ergriffen, das lateinische mehr Muttersprache gewesen als das volgare? Dies geht aber für einzelne Bedürfnisse und Thätigkeiten des Geistes noch viel weiter herab. So lange die Muttersprache für diese noch nicht gebildet ist, bleibt diejenige Sprache die partielle Muttersprache, aus welcher jene Richtungen des Geistes sich einem werdenden Volke mitgetheilt haben. Grotius und Leibnitz konnten nicht, wenigstens nicht ohne ganz andere Menschen zu sein, deutsch und holländisch philosophiren. Ja auch wenn jene Wurzel schon ganz vertrocknet und der Senker von dem alten Stamme völlig losgerissen ist, muß doch, wer nicht selbst zugleich ein sprachbildendes und ein umwälzendes Wesen ist, sich noch vielfältig einer fremden Sprache willkührlich oder durch untergeordnete Gründe bestimmt anschließen. Unserm großen König waren alle feineren und höheren Gedanken durch eine fremde Sprache gekommen, und diese hatte er sich für dieses Gebiet auf das innigste angeeignet. Was er französisch philosophirte und dichtete, war er unfähig deutsch zu philosophiren und zu dichten. Wir müssen es bedauern, daß die große Vorliebe für England, die einen Theil der Familie beherrschte, nicht die Richtung nehmen konnte, ihm von Kindheit an die englische Sprache, deren letztes goldenes Zeitalter damals blühte, und die der deutschen um so vieles näher ist, anzueignen. Aber wir dürfen hoffen, daß wenn er eine streng gelehrte Erziehung genossen hätte, er lieber würde lateinisch philosophirt und gedichtet haben als französisch. Indem also dieses besondern Bedingungen unterliegt, indem nicht in gleichviel welcher fremden Sprache, son-/235 dern nur in einer bestimmten, jeder und nur das hervorbringt, was von ihm in seiner Muttersprache nicht konnte hervorgebracht werden: so beweiset es nichts für eine Methode des Uebersetzens, welche zeigen will, wie einer das, was er wirklich in seiner Muttersprache geschrieben hat, in einer andern würde geschrieben haben. Der zweite Fall aber, eines ursprünglichen Lesens und Schreibens in fremden Sprachen, scheint günstiger für diese Methode. Denn wer wird es unsern Welt- und Hofleuten absprechen, daß was sie liebenswürdiges in fremden Zungen über ihre Lippen bringen, sie auch gleich in derselben Sprache gedacht und nicht etwa aus dem armen Deutsch erst innerlich übersezt haben? und wie es ihr Ruhm ist, diese Süßigkeiten und Feinheiten in vielen Sprachen gleich gut sagen zu können, so denken sie sie auch gewiß in allen mit gleicher Leichtigkeit, und jeder wird auch vom andern recht gut wissen, wie er eben das was er jezt auf französisch gesagt hat auf

italiänisch würde gesagt haben. Allein diese Reden sind auch freilich nicht aus dem Gebiet, wo die Gedanken kräftig aus der tiefen Wurzel einer eigenthümlichen Sprache hervortreiben, sondern wie die Kresse, die ein künstlicher Mann ohne alle Erde auf dem weißen Tuche wachsen macht. Diese Reden sind weder der heilige Ernst der Sprache, noch das schöne wohlgemessene Spiel derselben; sondern wie die Völker durcheinander laufen in dieser Zeit, auf eine Weise die man sonst weniger kannte, so ist überall Markt, und dieses sind die Marktgespräche, mögen sie nun politisch sein oder litterarisch, oder gesellig, und sie gehören wahrlich nicht in das Gebiet des Uebersetzens, sondern nur des Dolmetschers etwa. Wenn nun dergleichen, wie es wol bisweilen geschieht, in ein größeres Ganze sich zusammenfilzen und Schrift werden: so mag eine solche Schrift, die ganz in dem leichten und anmuthigen Leben spielt ohne irgend eine Tiefe des Daseins aufzuschließen oder eine Eigenthümlichkeit des Volkes zu bewahren, nach dieser Regel übersezt werden; aber auch nur sie, weil nur sie eben so gut auch /236 ursprünglich konnte in einer andern Sprache gefaßt sein. Und weiter mag diese Regel sich nicht erstrecken, als vielleicht noch auf die Eingänge und Vorhöfe tieferer und herrlicher Werke, die auch oft ganz in dem Gebiet des leicht geselligen Lebens erbaut sind. Nämlich, je mehr den einzelnen Gedanken eines Werkes und ihrer Verknüpfung die Volkseigenthümlichkeit anhaftet, und vielleicht gar noch außerdem das Gepräge einer längst abgelaufenen Zeit, um desto mehr verliert die Regel überhaupt ihre Bedeutung. Denn so wahr das auch bleibt in mancher Hinsicht, daß erst durch das Verständniß mehrerer Sprachen der Mensch in gewissem Sinne gebildet wird, und ein Weltbürger: so müssen wir doch gestehen, so wie wir die Weltbürgerschaft nicht für die ächte halten, die in wichtigen Momenten die Vaterlandsliebe unterdrückt, so ist auch in Bezug auf die Sprachen eine solche allgemeine Liebe nicht die rechte und wahrhaft bildende, welche für den lebendigen und höheren Gebrauch irgend eine Sprache, gleichviel ob alte oder neue, der vaterländischen gleich stellen will. Wie Einem Lande, so auch Einer Sprache oder der andern, muß der Mensch sich entschließen anzugehören, oder er schwebt haltungslos in unerfreulicher Mitte. Es ist recht, daß noch jetzt unter uns lateinisch geschrieben wird von Amtswegen, um das Bewußtsein lebendig zu erhalten, daß dies unserer Vorfahren wissenschaftliche und heilige Muttersprache gewesen ist; es ist heilsam, daß es auch sonst geschehe im Gebiet der gemeinsamen europäischen Wissenschaft, des leichteren Verkehrs wegen; aber gelingen wird es auch in diesem Fall nur in dem Maaß, als für eine solche Darstellung der Gegenstand alles ist, und die eigene Ansicht und Verknüpfung wenig. Dasselbe ist der Fall mit dem romanischen. Wer gezwungen und von Amtswegen eine solche Sprache schreibt, der wird sich doch wohl bewußt sein, daß seine Gedanken im ersten Entstehen deutsch sind, und daß er nur sehr früh während der Embryo sich noch gestaltet schon anfängt sie zu übersezen; und wer sich einer Wissenschaft wegen /237 dazu aufopfert, der wird sich auch da nur leicht ungezwungen und ohne geheimes Uebersetzen finden, wo er sich ganz in der Gewalt des Gegenstandes fühlt. Es giebt freilich auch außerdem eine freie Liebhaberei am lateinisch oder romanisch schreiben, und wenn es mit dieser wirklich darauf abgesehen wäre in einer fremden Sprache gleich gut wie in der eigenen und gleich ursprünglich zu produciren: so würde ich sie unbedenklich für eine frevelhafte und magische Kunst erklären, wie das Doppeltgehen, womit der Mensch nicht nur der Geseze der Natur zu spotten, sondern auch andere zu verwirren gedächte. So ist es aber wohl nicht, sondern diese Liebhaberei ist nur ein feines mimisches Spiel, womit man sich höchstens in den Vorhöfen der Wissenschaft und Kunst die Zeit anmuthig vertreibt. Die Production in der fremden Sprache ist keine ursprüngliche; sondern Erinnerungen an einen bestimmten Schriftsteller oder auch an die Weise eines gewissen Zeitalters, das gleichsam eine allgemeine Person vorstellt, schweben der Seele fast wie ein lebendiges äußeres Bild vor, und die Nachahmung desselben leitet und bestimmt die Production. Daher auch selten auf diesem Wege etwas entsteht, was außer der mimischen Genauigkeit einen wahren Werth hätte; und man kann sich des beliebten Kunststückes um so harmloser erfreuen, als man die gespielte Person überall deutlich genug durchblickt. Ist aber jemand gegen Natur und Sitte förmlich ein Ueberläufer geworden von der Muttersprache, und hat sich einer andern ergeben: so ist es nicht etwa gezielter und angedichteter Hohn, wenn er versichert, er könne sich in jener nun gar nicht mehr bewegen; sondern es ist nur eine Rechtfertigung, die er sich selbst schuldig ist, daß seine Natur wirklich ein Naturwunder ist gegen alle Ordnung und Regel, und eine Beruhigung für die andern, daß er wenigstens nicht doppelt geht wie ein Gespenst.

Doch nur zu lange haben wir uns bei fremdartigem aufgehalten, und das Ansehn gehabt vom Schreiben in fremden /238 Sprachen zu reden, anstatt vom Uebersetzen aus fremden Sprachen. Die Sache liegt aber so. Wenn es nicht möglich ist etwas der Uebersetzung, sofern sie Kunst ist, würdiges und zugleich bedürftiges ursprünglich in einer fremden Sprache zu schreiben, oder wenn dies wenigstens eine seltene und wunderbare Ausnahme ist: so kann man auch die Regel nicht aufstellen für die Uebersetzung, sie solle denken wie der Verfasser selbst eben dieses in der Sprache des Uebersetzers würde geschrieben haben; denn es giebt keine Fülle von Beispielen zweisprachiger Schreiber, von denen eine Analogie herzuleiten wäre, welcher der Uebersetzer folgen könnte, sondern er wird nach dem obigen bei allen Werken, die nicht der leichten Unterhaltung gleichen, oder dem Geschäftsstil, fast nur seiner Einbildung überlassen sein. Ja was will man einwenden, wenn ein Uebersetzer dem Leser sagt, Hier bringe ich dir das Buch, wie der Mann es würde geschrieben haben, wenn er es deutsch geschrieben hätte; und der Leser ihm antwortet, Ich bin dir eben so verbunden, als ob du mir des Mannes Bild gebracht hättest, wie er aussehen würde, wenn seine Mutter ihn mit einem andern Vater erzeugt hätte? Denn wenn von Werken, die in einem höheren Sinne der Wissenschaft und Kunst angehören, der eigenthümliche Geist des Verfassers die Mutter ist: so ist seine vaterländische Sprache der Vater dazu. Das eine Kunststücklein wie das andere macht Anspruch auf geheimnißvolle Einsichten, die niemand hat, und nur als Spiel kann man das eine eben so unbefangen genießen wie das andere.

Wie sehr die Anwendbarkeit dieser Methode beschränkt, ja auf dem Gebiet des Uebersetzens fast gleich Null ist, das bestätigt sich am besten, wenn man sieht, in was für unüberwindliche Schwierigkeiten sie sich in einzelnen Zweigen der Wissenschaft und Kunst verwickelt. Wenn man sagen muß, daß schon im Gebrauch des gemeinen Lebens es nur wenig Wörter in einer Sprache giebt, denen eines in irgend einer andern vollkommen entspräche, so daß dieses in allen Fällen gebraucht werden könnte /239 worin jenes, und daß es in derselben Verbindung wie jenes auch allemal dieselbe Wirkung hervorbringen würde: so gilt dieses noch mehr von allen Begriffen, je mehr ihnen ein philosophischer Gehalt beigemischt ist, und also am meisten von der eigentlichen Philosophie. Hier mehr als irgendwo enthält jede Sprache, trotz der verschiedenen gleichzeitigen und auf einander folgenden Ansichten, doch Ein System von Begriffen in sich, die eben dadurch daß sie sich in derselben Sprache berühren, verbinden, ergänzen, Ein Ganzes sind, dessen einzelnen Theilen aber keine aus dem System anderer Sprachen entsprechen, kaum Gott und Sein, das Urhauptwort und Urzeitwort abgerechnet. Denn auch das schlechthin allgemeine, wiewol außerhalb des Gebietes der Eigentümlichkeit liegend, ist doch von ihr beleuchtet und gefärbt. In diesem System der Sprache muß die Weisheit eines jeden aufgehen. Jeder schöpft aus dem vorhandenen, jeder hilft das nicht vorhandene aber vorgebildete ans Licht bringen. Nur so ist die Weisheit des einzelnen lebendig, und kann sein Dasein wirklich beherrschen, welches er ja ganz in dieser Sprache zusammenfaßt. Will also der Uebersetzer eines philosophischen Schriftstellers sich nicht entschließen die Sprache der Uebersetzung, soviel sich thun läßt, nach der Ursprache zu beugen, um das in dieser ausgebildete Begriffssystem möglichst ahnden zu lassen; will er vielmehr seinen Schriftsteller so reden lassen als hätte er Gedanken und Rede ursprünglich in einer anderen Sprache gebildet: was bleibt ihm übrig, bei der Unähnlichkeit der Elemente in beiden Sprachen, als entweder zu paraphrasiren - wobei er aber seinen Zweck nicht erreicht; denn eine Paraphrase wird und kann nie aussehen wie etwas in derselben Sprache ursprünglich hervorgebrachtes - oder er muß die ganze Weisheit und Wissenschaft seines Mannes umbilden in das Begriffssystem der andern Sprache, und so alle einzelnen Theile verwandeln, wobei nicht abzusehen ist wie der wildesten Willkühr könnten Grenzen gesetzt werden. Ja man muß sagen, wer nur die mindeste Achtung hat /240 für philosophische Bestrebungen und Entwicklungen, kann sich auf ein so loses Spiel gar nicht einlassen. Platon mag es verantworten wenn ich von dem Philosophen auf den Komödienschreiber komme. Diese Kunstgattung liegt, was die Sprache betrifft, dem Gebiet des geselligen Gesprächs am nächsten. Die ganze Darstellung lebt in den Sitten der Zeit und des Volkes, die sich wiederum vorzüglich in der Sprache lebendig spiegeln. Leichtigkeit und Natürlichkeit in der Anmuth sind ihre erste Tugend; und eben deshalb sind hier die Schwierigkeiten der Uebersetzung nach der eben betrachteten Methode ganz ungemein. Denn jede Annäherung an eine fremde Sprache thut jenen Tugenden des Vortrages Schaden. Weil nun aber gar die Uebersetzung einen Schauspieldichter reden

lassen, als hätte er ursprünglich in ihrer Sprache gedichtet: so kann sie ihn ja vieles gar nicht vorbringen lassen, weil es in diesem Volk nicht einheimisch ist und also auch in der Sprache kein Zeichen hat. Der Uebersetzer muß also hier entweder ganz wegschneiden, und so die Kraft und die Form des Ganzen zerstören, oder er muß anderes an die Stelle setzen. Auf diesem Gebiet also führt die Formel vollständig befolgt offenbar auf bloße Nachbildung oder auf ein noch widerlicher auffallendes und verwirrendes Gemisch von Uebersetzung und Nachbildung, welches den Leser wie einen Ball zwischen seiner und der fremden Welt, zwischen des Verfassers und des Uebersetzers Erfindung und Witz, unbarmherzig hin und her wirft, wovon er keinen reinen Genuß haben kann, zuletzt aber Schwindel und Ermattung gewiß genug davon trägt. Der Uebersetzer nach der andern Methode hingegen hat gar keine Aufforderung zu solchen eigenmächtigen Veränderungen, weil sein Leser immer gegenwärtig behalten soll, daß der Verfasser in einer andern Welt gelebt und in einer andern Sprache geschrieben hat. Er ist nur an die freilich schwere Kunst gewiesen die Kenntniß dieser fremden Welt auf die kürzeste zweckmäßigste Weise zu suppliren, und überall die größere Leichtigkeit und Natürlichkeit des Originals /241 durchleuchten zu lassen. Diese beiden Beispiele von den äußersten Enden der Wissenschaft und der Kunst hergenommen zeigen deutlich, wie wenig der eigentliche Zweck alles Uebersetzens möglichst unverfälschter Genuß fremder Werke, durch eine Methode erreicht werden kann, welche dem übersetzten Werke ganz und gar den Geist einer ihm fremden Sprache einhauchen will. Hinzu kommt noch, daß jede Sprache ihr eigenthümliches hat auch in Rhythmen für die Prosa sowol als die Poesie, und daß, wenn einmal die Fiction gemacht werden soll, der Verfasser könnte auch in der Sprache des Uebersetzers geschrieben haben, man ihn dann auch in den Rhythmen dieser Sprache müßte auftreten lassen, wodurch sein Werk noch mehr entstellt, und die Kenntniß seiner Eigenthümlichkeit, welche die Uebersetzung gewährt, noch weit mehr beschränkt wird.

Auch geht in der That diese Fiction, auf der doch die jezt betrachtete Theorie des Uebersetzers allein beruht, über den Zweck dieses Geschäfts weit hinaus. Das Uebersetzen aus dem ersten Gesichtspunkt ist eine Sache des Bedürfnisses für ein Volk, von dem nur ein kleiner Theil sich eine hinreichende Kenntniß fremder Sprachen verschaffen kann, ein größerer aber Sinn hat für den Genuß fremder Werke. Könnte dieser Theil ganz in jenen übergehen: so wäre denn jenes Uebersetzen unnütz, und schwerlich würde jemand die undankbare Mühe übernehmen. Nicht so ist es mit dieser letzten Art. Diese hat mit der Noth nichts zu schaffen, vielmehr ist sie das Werk der Lusternheit und des Uebermuthes. Die fremden Sprachen könnten so weit verbreitet sein als nur irgend möglich, und jedem fähigen der Zugang zu ihren edelsten Werken ganz offen stehn; und es bliebe doch ein merkwürdiges Unternehmen, das nur um so mehr und gespanntere Zuhörer um sich versammeln würde, wenn jemand verspräche uns ein Werk des Cicero oder Platon so darzustellen, wie diese Männer selbst es unmittelbar deutsch jezt würden geschrieben haben. Und wenn einer uns so weit brächte, dieses /242 nicht nur in der eignen Muttersprache zu thun, sondern gar noch in einer andern fremden, der wäre uns dann offenbar der größte Meister in der schwierigen und fast unmöglichen Kunst die Geister der Sprachen in einander aufzulösen. Nur sieht man, dies würde streng genommen kein Uebersetzen sein, und der Zweck wäre auch nicht der möglichst genaue Genuß der Werke selbst; sondern es würde immer mehr eine Nachbildung werden, und recht genießen könnte ein solches Kunstwerk oder Kunststück nur der, der jene Schriftsteller schon sonsther unmittelbar kannte. Und der eigentliche Zweck könnte nur sein, im einzelnen das gleiche Verhältniß mancher Ausdrücke und Combinationen in verschiedenen Sprachen zu einem bestimmten Charakter zur Anschauung zu bringen, und im ganzen die Sprache mit dem eigenthümlichen Geist eines fremden Meisters, aber diesen ganz von seiner Sprache getrennt und gelöst, zu beleuchten. Wie nun jenes nur ein kunstreiches und zierliches Spiel ist, und dieses auf einer fast unmöglich durchzuführenden Fiction beruht: so begreift man wie diese Art des Uebersetzens nur in sehr sparsamen Versuchen geübt wird, die auch selbst deutlich genug zeigen daß im großen so nicht verfahren werden kann. Man erklärt sich auch, daß gewiß nur ausgezeichnete Meister, die sich wunderbares zutrauen dürfen, nach dieser Methode arbeiten können; und mit Recht nur solche, die ihre eigentlichen Pflichten gegen die Welt schon erfüllt haben, und sich deshalb eher einem reizenden und etwas gefährlichen Spiel überlassen können. Man begreift aber auch um so leichter, daß die Meister, welche sich im Stande fühlen so etwas zu versuchen, auf das Geschäft jener andern Uebersetzer ziemlich mitleidig herabschauen. Denn sie meinen, sie selbst trieben eigentlich nur allein die schöne und freie

Kunst, jene aber erscheinen ihnen weit näher dem Dolmetscher zu stehen, indem sie doch auch dem Bedürfniß, wenn gleich einem etwas höheren, dienen. Und bedauernswürdig scheinen sie ihnen, daß sie weit mehr Kunst und Mühe als billig auf ein untergeordnetes und undankbares Ge-/243 schäft verwenden. Daher sie auch sehr bereit sind mit dem Rath, man möge doch statt solcher Uebersetzungen sich lieber so gut man könnte mit der Paraphrase helfen, wie die Dolmetscher in schwierigen und streitigen Fällen es auch thun.

Wie nun? Sollen wir diese Ansicht theilen und diesem Rath folgen? Die Alten haben offenbar wenig in jenem eigentlichsten Sinn übersezt, und auch die meisten neueren Völker, abgeschreckt durch die Schwierigkeiten der eigentlichen Uebersetzung, begnügen sich mit der Nachbildung und der Paraphrase. Wer wollte behaupten, es sei jemals etwas weder aus den alten Sprachen noch aus den germanischen in die französische übersezt worden! Aber wir Deutsche möchten noch so sehr diesem Rathe Gehör geben, folgen würden wir ihm doch nicht. Eine innere Nothwendigkeit, in der sich ein eigenthümlicher Beruf unseres Volkes deutlich genug ausspricht, hat uns auf das Uebersetzen in Masse getrieben; wir können nicht zurück und müssen durch. Wie vielleicht erst durch vielfältiges Hineinverpflanzen fremder Gewächse unser Boden selbst reicher und fruchtbarer geworden ist, und unser Klima anmuthiger und milder: so fühlen wir auch, daß unsere Sprache, weil wir sie der nordischen Trägheit wegen weniger selbst bewegen, nur durch die vielseitigste Berührung mit dem fremden recht frisch gedeihen und ihre eigene Kraft vollkommen entwickeln kann. Und damit scheint zusammenzutreffen, daß wegen seiner Achtung für das fremde und seiner vermittelnden Natur unser Volk bestimmt sein mag, alle Schätze fremder Wissenschaft und Kunst mit seinen eignen zugleich in seiner Sprache gleichsam zu einem großen geschichtlichen Ganzen zu vereinigen, das im Mittelpunkt und Herzen von Europa verwahrt werde, damit nun durch Hülfe unserer Sprache, was die verschiedensten Zeiten schönes gebracht haben, jeder so rein und vollkommen genießen könne, als es dem Fremdling nur möglich ist. Dies scheint in der That der wahre geschichtliche Zweck des Uebersetzens im großen, wie es bei uns nun einhei-/244 misch ist. Für dieses aber ist nur die Eine Methode anwendbar, die wir zuerst betrachtet haben. Die Schwierigkeiten derselben, die wir nicht verhehlt haben, muß die Kunst soviel möglich besiegen lernen. Ein guter Anfang ist gemacht, aber das meiste ist noch übrig. Viele Versuche und Uebungen müssen auch hier vorangehen, ehe einige ausgezeichnete Werke zu Stande kommen; und manches glänzt anfangs, was hernach von besserem überboten wird. Wie sehr schon einzelne Künstler die Schwierigkeiten theils besiegt, theils sich glücklich zwischen ihnen durchgewunden haben, liegt in mannigfaltigen Beispielen vor Augen. Und wenn auch minderkundige auf diesem Felde arbeiten: so wollen wir von ihren Bemühungen nicht furchtsamerweise großen Schaden für unsere Sprache besorgen. Denn zuerst muß feststehen, daß es in einer Sprache, in welcher das Uebersetzen so sehr im großen getrieben wird, auch ein eignes Sprachgebiet giebt für die Uebersetzungen, und ihnen manches erlaubt sein muß, was sich anderwärts nicht darf blicken lassen. Wer dennoch unbefugt solche Neuerungen weiter verpflanzt, wird schon wenig Nachfolger finden oder keine, und wenn wir die Rechnung nur nicht für einen zu kurzen Zeitraum abschließen wollen, so können wir uns schon auf den assimilirenden Prozeß der Sprache verlassen, daß sie alles wieder ausstoßen wird, was nur eines vorübergehenden Bedürfnisses wegen angenommen war, und ihrer Natur nicht eigentlich zusagt. Dagegen dürfen wir nicht verkennen, daß viel schönes und kräftiges in der Sprache sich erst durch das Uebersetzen theils entwickelt hat, theils aus der Vergessenheit ist hervorgezogen worden. Wir reden zu wenig und plaudern verhältnismäßig zu viel; und es ist nicht zu läugnen, daß seit geraumer Zeit auch die Schreibart nur zu sehr diese Richtung genommen hatte, und daß das Uebersetzen nicht wenig beigetragen einen strenger Stil wieder geltend zu machen. Wenn einst eine Zeit kommt, wo wir ein öffentliches Leben haben, aus wel-/245 chem sich auf der einen Seite eine gehaltvollere und sprachgerechtere Geselligkeit entwickeln muß, auf der anderen freier Raum gewonnen wird für das Talent des Redners, dann werden wir vielleicht für die Fortbildung der Sprache weniger des Uebersetzens bedürfen. Und möchte nur jene Zeit kommen, ehe wir den ganzen Kreis der Uebersetzermühen würdig durchlaufen haben!

ANEXO B - TRADUÇÃO: *SOBRE OS DIFERENTES MÉTODOS DE TRADUÇÃO*

Schleiermacher leu o ensaio “Sobre os diferentes métodos de tradução” em 24 de junho de 1813, na Academia Real de Ciências em Berlim. O texto é reproduzido por: Coletânea de obras de Friedrich Schleiermacher, terceira parte: sobre a filosofia, segundo volume, Berlim (Reimer) 1838, p. 207 – 245.

O fato de que um discurso de uma língua é traduzido para uma outra sempre vem ao nosso encontro sob as mais diversas formas em todo lugar. Se, de um lado, pessoas que, em princípio, estão separadas pelo diâmetro da terra podem entrar em contato, se as produções de uma língua morta já há muitos séculos podem ser incorporadas a uma outra; assim, nós, do outro lado, nem podemos sair do campo de uma língua para encontrar o mesmo fenômeno. Isso ocorre porque não só os diversos dialetos dos diferentes grupos étnicos de um povo e os diferentes desenvolvimentos dessa mesma língua ou dialeto em séculos diferentes já são, em um sentido mais restrito, línguas diferentes e não raras vezes precisam de uma tradução entre si. Mesmo os contemporâneos não separados por dialetos, somente pertencentes a diferentes classes sociais que, pouco /208 relacionados em seu trato, divergem muito em sua formação, muitas vezes só conseguem se entender através de uma intermediação semelhante. Mas, não é que freqüentemente precisemos traduzir o discurso de um outro que é igual a nós, porém de personalidade e mentalidade diferentes, quando sentimos que as mesmas palavras teriam um sentido bem diferente na nossa boca ou ao menos aqui um valor mais forte e lá um mais fraco que na dele e que, se quiséssemos expressar da nossa forma o mesmo que ele expressou, utilizaríamos palavras e locuções totalmente diferentes? Assim, definindo mais de perto esse sentimento, e ele se transformando em pensamento para nós, parece que traduzimos. Mesmo os nossos próprios discursos temos de traduzir, às vezes, depois de um certo tempo, se quisermos que sejam nossos novamente. E essa habilidade não é praticada só para transplantar em solo desconhecido o que uma língua produziu no âmbito da ciência e das artes retóricas e com isso aumentar o campo de ação dessas produções do espírito; ela também é praticada no meio comercial entre diferentes povos e entre o meio diplomático de governos independentes, cada qual acostumado a falar com o outro somente em sua própria língua, se eles quiserem se manter em estreita igualdade sem se utilizarem de uma língua morta.

Naturalmente, nessa nossa atual reflexão, não queremos entrar em tudo que pertence a esse campo amplo. Aquela necessidade de traduzir também dentro da própria língua e dialeto, mais ou menos uma necessidade momentânea do espírito, está, também em seu efeito, muito limitada ao momento para necessitar de um outro direcionamento que o dos sentimentos e, se fosse preciso estabelecer regras sobre isso, só poderiam ser aquelas por cujo cumprimento a pessoa obtivesse um efeito puramente moral, para que o sentido ficasse aberto também para o menos aparentado. Mas deixemos /209 isso agora e fiquemos primeiramente na tradução de uma língua estrangeira para a nossa. Podemos distinguir também aqui dois campos distintos – não bem determinados, como raras vezes se consegue, mas com limites difusos, porém, se olharmos para o ponto final, podemos distingui-los com nitidez o suficiente. O intérprete exerce sua profissão no campo dos negócios; o verdadeiro tradutor, primordialmente no campo da ciência e da arte. Se se achar essa definição arbitrária, pois normalmente se entende a parte oral por interpretação e a parte

escrita por tradução, tanto mais perde-se sua comodidade pelas exigências do momento, pois ambas as definições não são muito distantes. Ao ramo da arte e da ciência pertence a escrita; somente através dela as suas obras se realizam. Traduzir produções científicas e artísticas de boca a boca seria tão desnecessário quanto parece ser impossível. Em contrapartida, a escrita é apenas uma forma mecânica para os negócios, para eles a oralidade é a forma mais original, e qualquer interpretação escrita, na verdade, é vista somente como um apontamento de uma tradução oral.

A este campo associam-se dois outros, muito próximos no espírito e na maneira, que, no entanto, pela grande variedade de objetos pertencentes a eles, formam uma passagem para um deles, o campo da arte; e para outro, o da ciência. Isso quer dizer que toda negociação em que aparece a interpretação é, por um lado, um fato cujo desenvolvimento é entendido em duas línguas diferentes. Mas também a tradução de escritos puramente narrativos ou descritivos, que só transpõe o desenvolvimento já descrito de um fato para uma outra língua, pode ainda ter muito da função do intérprete. Quanto menos o próprio autor saiu do original, quanto /210 mais ele atuou simplesmente como órgão receptor do objeto e seguiu a ordem local e temporal, tanto mais dependerá de uma pura interpretação na transposição. Dessa forma, o tradutor de artigos de jornal e de simples relatos de viagem se associa primeiramente ao intérprete, e pode se tornar ridículo se o seu trabalho toma repercussões maiores e ele quiser ser reconhecido como artista. Em contrapartida, quanto mais a maneira própria do autor de ver e de relacionar for dominante na apresentação, quanto mais ele tiver seguido alguma ordem escolhida livremente ou por determinadas impressões, tanto mais seu trabalho entra no âmbito mais elevado da arte, e então o tradutor também precisa trazer outras forças e habilidades ao seu trabalho e ter conhecimento do seu autor e de sua língua de modo diferente que o intérprete. Por outro lado, em geral, toda negociação na qual se interpreta é uma afirmação de um caso especial conforme determinadas circunstâncias jurídicas. A transposição ocorre somente para os participantes aos quais as circunstâncias são suficientemente conhecidas, e as expressões das mesmas forem determinadas legalmente ou pelo uso e explicações mútuas em ambas as línguas. É diferente, porém, nas negociações através das quais novas relações jurídicas são determinadas, mesmo que muitas vezes a forma seja parecida à daquelas. Quanto menos elas mesmas puderem ser consideradas especiais sob uma generalidade bem conhecida, tanto mais conhecimentos científicos e cuidado a redação exige, e tanto mais conhecimentos científicos do assunto e da língua o tradutor precisará para o seu trabalho. Assim, pois, nesta escala dupla, o tradutor se sobrepõe cada vez mais ao intérprete até chegar ao seu ramo mais próprio, quer dizer, àquelas produções intelectuais da arte e da ciência em que a capacidade própria de livre combinação /211 do tradutor, por um lado; e o espírito da língua e com ela a forma de ver o mundo e a matiz do estado da alma, por outro, são tudo. O objeto não domina mais de forma alguma, mas é dominado pelos pensamentos e pelo espírito, muitas vezes ele só surge através da enunciação e ao mesmo tempo só existe com ela.

Mas, em que consiste essa diferença considerável que já se torna mais perceptível nas partes limítrofes, mas que salta aos olhos nas partes mais externas? Nos negócios geralmente têm-se os objetos diante dos olhos, ao menos trabalha-se com objetos da maior exatidão possível. De certa forma, todas as negociações têm um caráter aritmético ou geométrico; números e medidas sempre auxiliam, e mesmo com aqueles conceitos que, conforme a expressão dos antigos, incluem o mais e o menos e que são marcados através da gradação de palavras, que eram pesadas e contrapesadas em conteúdo indeterminado na vida comum, logo prevalece um uso fixo de cada palavra por regra ou costume. Se, pois, o enunciador não criar indefinições ocultas com a intenção de enganar, ou falha por falta de reflexão, ele é compreensível a cada um que conhece a língua e o assunto, e para cada caso ocorrem somente diferenças insignificantes no uso da língua. Da mesma forma, raramente pode haver uma dúvida que não possa ser solucionada sobre quais expressões de uma língua correspondem às de outra. Por isso, a transposição nesse campo é um processo quase que só mecânico, que com um parco conhecimento de ambas as línguas cada um pode realizar, e se nela for evitado o erro evidente, há pouca diferença entre o melhor e o pior. Todavia, na produção literária e científica, se elas deverão ser transplantadas de uma língua para a outra, surgem dois aspectos através dos quais a situação /212 é mudada completamente. Se entre duas línguas cada palavra de uma correspondesse exatamente a uma palavra na outra, expressando o mesmo conceito na mesma

abrangência, se suas flexões apresentassem as mesmas relações e suas combinações se diluíssem umas nas outras de forma que as línguas diferissem somente para o ouvido, então toda tradução no campo da arte e da ciência, contanto que só o conteúdo de um discurso ou de um texto precisasse ser comunicado, seria tão mecânica quanto a dos negócios. E de cada tradução poder-se-ia dizer que, com exceção do efeito do tom e da entonação, através dela o leitor estrangeiro é colocado na mesma relação com o autor e sua obra que o leitor do país de origem da mesma. Porém, ocorre justo o contrário com todas as línguas que não são aparentadas tão próximas, que quase só podem ser vistas como dialetos diferentes, e, quanto mais elas se distanciam na origem e no tempo, tanto mais nenhuma palavra corresponde exatamente a uma outra em uma outra língua. Nenhuma forma morfológica de uma reúne exatamente a mesma multiplicidade de relações que qualquer uma na outra. Contanto que essa irracionalidade, que eu me expresse assim, passe por todos os elementos de duas línguas, ela, sem dúvida, também precisa afetar aquele campo da comunicação civil. É claro que aqui ela pesa bem menos e não tem quase nenhuma influência. Todas as palavras que denominam objetos e ações que podem ter importância são normatizadas e, se qualquer sutileza vaga ainda protestasse contra um possível sentido diferente da palavra, a própria questão a assemelha incondicionalmente. É bem diferente naquele campo que pertence à arte e à ciência e em tudo onde domina mais o pensamento, que forma uma unidade com o discurso e não com o objeto, cuja palavra está ali somente como seu signo arbitrário, talvez, /213 porém fortemente determinado como signo. Quão infinitamente difícil e enrolada, pois, a coisa se torna aqui! E quanto conhecimento exato e quanto domínio de ambas as línguas isso requer! E, quantas vezes, quando na convicção comum um termo do mesmo valor não é possível de ser encontrado, os mais entendidos do assunto e da língua se dividem radicalmente quando querem dizer que palavra mais se aproxima à outra. Isso vale tanto para expressões pitorescas vivas de obras poéticas quanto para as expressões mais abstratas da ciência maior, que designam o mais íntimo e geral das coisas.

O segundo fato pelo qual a tradução se torna um negócio totalmente diferente da simples interpretação é o seguinte. Sempre que o discurso que ela deve expressar não está ligado a objetos ou situações exteriores que estão bem diante dos olhos, onde, pois, o enunciador pensa mais ou menos espontaneamente e pretende pronunciar-se, o enunciador está em uma dupla relação com a língua, e seu discurso só será bem entendido à medida que essa relação for bem compreendida. Por um lado, cada pessoa é dominada pela língua que fala, ela e todo seu pensamento são um produto dela. Uma pessoa não poderia pensar com total certeza nada o que estivesse fora dos limites dessa língua; a configuração de seus conceitos, a forma e os limites de sua combinabilidade lhe são apresentadas através da língua na qual nasceu e foi educada, inteligência e fantasia são delimitadas através dela. Mas, por outro lado, toda pessoa que pensa de uma maneira livre e intelectualmente independente também forma a língua à sua maneira. Porque como, senão através dessa influência, ela poderia ter se desenvolvido de seu estado inicial cru para a sua formação mais avançada na ciência e na arte? Nesse sentido, pois, é a força viva do indivíduo que dá novas formas à matéria formadora da língua, inicialmente só para comunicar um estado de consciência passageiro /214 para a finalidade do momento, das quais, às vezes mais, às vezes menos, algumas vão ficando na língua e, acolhidas por outras, vão se propagando e se aperfeiçoando. Pode-se dizer que alguém merece ser reconhecido além do seu campo mais específico, apenas na medida em que influencia a língua. Necessariamente, todo discurso que pode ser reapresentado por mil órgãos sempre da mesma forma logo se perde; somente aquele que forma um novo momento na vida da língua pode e deve ficar por mais tempo. Por isso, todo discurso livre e mais elevado requer ser concebido de duas formas: em parte pelo espírito da língua de cujos elementos ele é formado, como uma apresentação ligada e condicionada por este espírito, produzida vivamente por ele no enunciador; por outro lado, ele requer ser concebido pela alma do enunciador como sua ação, produzida e explicável exatamente assim somente pelo seu ser. Sim, todo discurso desse tipo só é entendido no sentido mais elevado da palavra se ambas as suas relações estiverem compreendidas conjuntamente e em sua verdadeira relação mútua, de forma que se saiba qual das duas predomina no todo ou em partes separadas. Também só se entende o discurso como ação do enunciador quando, ao mesmo tempo, se sente onde e como a força da língua o dominou, para onde, na sua condução, os raios do pensamento se direcionaram, onde e como, em suas formas, a fantasia

os traços mais gerais de cada um dos métodos, colocando de lado todas as questões particulares já tratadas sobre esse objeto pelos entendidos em arte, para poder compreender em que consistem as preferências e dificuldades próprias de cada um, de que lado, em razão disso, cada um atinge ao máximo o objetivo da tradução e quais são os limites da aplicabilidade de cada um. De uma visão tão geral ficariam ainda duas coisas distintas a fazer para as quais este ensaio é só a introdução. Poder-se-iam traçar uma instrução para cada um de ambos os métodos com referência aos diferentes gêneros de discurso, e poder-se-iam comparar, avaliar as mais bem feitas tentativas realizadas conforme ambas as visões e com isso esclarecer ainda mais a questão. Ambas as coisas eu tenho que deixar para outros ou, ao menos, para uma outra oportunidade.

Aquele método que, através da tradução, procura dar ao leitor aquela impressão que ele teria como alemão da leitura da obra no original tem de, naturalmente, primeiro definir qual a compreensão da língua do original que ele quer imitar. Existe uma que ele não deve imitar, e uma que ele não pode imitar. Aquela é uma compreensão não amadurecida que ainda passa tropeçando quase que de forma nojenta pelas particularidades e por isso em ponto algum resulta em uma visão clara do todo, em uma apreensão viva do contexto. Enquanto a parte esclarecida de um povo em um todo ainda não tiver a experiência /221 de uma imersão profunda em línguas estrangeiras; assim também aqueles que conseguiram chegar adiante ficarão livres, através de seu bom gênio, de realizar traduções desse tipo, pois se eles quisessem tomar a sua própria compreensão como norma, então eles mesmos seriam pouco compreendidos e conseguiriam pouco. Se, no entanto, sua tradução apresentasse a compreensão simples, então a desajeitada obra não poderia ser vaiada e tirada do palco em tempo suficientemente rápido. Em um período assim, imitações livres primeiramente despertariam e aguçariam o gosto pelo estranho, e as paráfrases preparariam uma compreensão mais geral, para, dessa forma, abrirem caminho para obras posteriores¹. Existe, porém, um outro entendimento que nenhum tradutor consegue imitar. Imaginemos tais homens maravilhosos, como de vez em quando a natureza os pretende apresentar, como que para mostrar que ela também pode extinguir as barreiras da popularidade em casos isolados, homens que sentem tal parentesco singular por uma existência estranha, de forma que eles vivem e pensam inteiramente dentro de uma língua estrangeira e de suas obras; e ao /222 se ocuparem inteiramente de um mundo estrangeiro, eles deixam o mundo e a língua de casa se tornarem totalmente estranhos. Ou imaginemos também aqueles homens que ao mesmo tempo estão determinados a apresentar o poder da língua em todas as suas proporções e a quem todas aquelas línguas que eles conseguem atingir de alguma forma têm valor igual e as vestem como uma luva: estes estão em um ponto em que o valor da tradução se torna nulo, pois lá na sua compreensão das obras estrangeiras não ocorre mais a menor influência da sua língua materna, e eles também de forma alguma tomam consciência de sua compreensão na língua materna, mas ela se torna bem familiar na língua de origem; e eles também não sentem nenhuma incomensurabilidade entre seu pensamento e a língua na qual lêem. Assim também nenhuma tradução consegue atingir ou apresentar a sua compreensão. E como se diria: lançar água ao mar ou mesmo ao vinho, se se quisesse traduzir para eles, assim eles também zombam, não sem razão, até com compaixão das tentativas que são realizadas nesse campo. Naturalmente, pois, se o público para quem se traduz fosse igual a esses, não haveria necessidade desse empenho. O traduzir, pois, refere-se a uma situação que fica entre estes dois, e o tradutor tem de ter o objetivo de proporcionar ao seu leitor uma imagem e um prazer tais como a leitura da obra na língua original oferece ao homem formado de tal maneira que gostaríamos de chamá-lo, no melhor sentido da palavra, de

¹ Essa, no todo, ainda era a situação dos alemães naquela época da qual Goethe (A. m. Leben III. p.111.) acha, discursando, que traduções prosaicas também de obras poéticas seriam mais profícuas para a juventude, e tais devem ser sempre mais ou sempre menos paráfrases. E quanto a isso eu posso concordar inteiramente com ele, pois em tal época, somente a descoberta de arte poética estrangeira pode fazer-se compreender. Para o seu valor métrico e musical, contudo, ainda não pode existir reconhecimento. Eu não posso acreditar, porém, que também agora o Homero traduzido por Voss e o Shakespeare traduzido por Schlegel só sirvam para a conversa dos esclarecidos entre si. Tampouco que ainda hoje uma tradução prosaica de Homero pode ser profícuo para a verdadeira formação do gosto e da arte, mas para as crianças um arranjo como o de Becker e para os adultos jovens e velhos uma tradução métrica, como nós naturalmente ainda não a possuímos. Entre ambos eu agora não saberia colocar mais nada de profícuo

admirador e conhecedor, que a língua estrangeira lhe é familiar, mas sempre continua estranha, aquele que antes de apreender o todo, não precisa voltar a pensar as peculiaridades na língua materna como os escolares o fazem, mas aquele que, também lá onde goza de forma mais tranqüila das belezas de uma obra, permanece consciente das diferenças entre a língua e sua língua materna. Contudo, o círculo de ação e a determinação dessa forma de traduzir ainda nos ficam oscilantes o suficiente, mesmo depois da constatação desses pontos. Porém, só notamos que, como a inclinação para a tradução pode surgir somente quando uma certa capacidade de transação com línguas estrangeiras estiver difundida entre a parte esclarecida do povo, assim também a arte só crescerá, e o objetivo será sempre mais elevado, quanto mais se difundam e se elevem a admiração e o conhecimento de obras de espírito estrangeiro entre aqueles no povo que tiverem treinado e formado seu ouvido, sem fazer do conhecimento sobre a língua o seu próprio negócio. Ao mesmo tempo, no entanto, não podemos ignorar que, quanto mais sensíveis forem os leitores para tais traduções, tanto mais elevadas também se apresentam as dificuldades da atividade, sobretudo quando se observam as produções mais próprias da arte e da ciência de um povo, que são os objetos mais importantes para o tradutor. Como a língua é algo histórico, não há um verdadeiro sentido para ela, sem um sentido para sua história. Línguas não são inventadas, e todo o trabalho puramente arbitrário nelas e dentro delas é tolice; mas elas são descobertas pouco a pouco, e ciência e arte são as energias através das quais essa descoberta é realizada e acabada. Todo excelente espírito em que sob uma de ambas as formas se realiza propriamente uma parte das concepções do povo, trabalha e age para isso na língua, e suas obras também precisam conter uma parte de sua história. Isso traz grandes, muitas vezes até insuperáveis dificuldades ao tradutor de obras científicas, pois aquele que lê uma excelente obra desse tipo na língua original, equipado de conhecimentos suficientes, a influência da mesma na língua não escapa tão facilmente. Ele percebe quais palavras, quais combinações ainda lá lhe apareceram à primeira luz da novidade; ele vê como elas se insinuam na língua pela necessidade especial deste espírito e por sua força característica; e essa observação determina substancialmente a impressão que ele capta. É, pois, tarefa da tradução transplantar justamente isso também em seu leitor; se não, muitas vezes, este perde uma parte muito significativa do que lhe foi atribuído. Mas como isso pode ser atingido? Já em alguns casos especiais, quantas vezes justamente uma palavra antiga e em desuso na nossa língua corresponde melhor a uma nova na língua original, de forma que o tradutor, mesmo se quisesse mostrar também lá a força formadora da língua da obra, teria de colocar um conteúdo estranho naquele ponto e, assim, teria de desviar para o campo da imitação! Quantas vezes, mesmo que possa traduzir o novo pelo novo, a palavra mais parecida conforme a composição e a origem não traduz o sentido o mais fielmente possível e, assim, ele precisa provocar outro eco, se não quiser ferir o contexto imediato! Ele terá de se consolar que em outros pontos, onde o autor utilizou palavras antigas e conhecidas, ele pode retomar a perda e assim, no todo, atinge o que não conseguiu atingir em todos os casos específicos. Porém, olhando-se para a formação de palavras de um mestre em todo o seu contexto, para sua utilização de palavras aparentadas e de raízes de palavras em massas inteiras de escritos relacionados entre si, como o tradutor se orientará com sucesso, uma vez que o sistema de conceitos e seus signos em sua língua é bem diferente que na língua de origem, e as raízes dos vocábulos, ao invés de serem idênticas, muito antes se cortam umas pelas outras nas direções mais esquisitas. Por isso é impossível que a língua do tradutor possa sempre ter a mesma relação como a de seu autor. Aqui ele deve estar satisfeito em atingir em alguns casos o que não pode atingir no todo. Ele exigirá de seus leitores que não pensem tão rigorosamente como os do original de uma obra nas outras do autor, mas que olhem cada uma separada, que eles ainda o elogiem se ele no meio de escritos em separado, muitas vezes só mesmo em partes separadas dos mesmos souber manter uma tal uniformidade na intenção dos objetos principais, que uma palavra não receba uma porção de substitutas bem diversas ou que na tradução reine uma diversidade multicolor onde no original perpassa um parentesco permanente da expressão. Essas dificuldades se mostram principalmente no campo da ciência. Há outras, e não mais simples, no campo da poesia e também na prosa mais artística, para as quais igualmente o elemento musical da língua, que se mostra no ritmo e na troca de tons, tem um significado insigne e mais elevado. Cada um percebe que o espírito mais fino, que a magia maior da arte na sua realização mais completa se perde quando isso fica despercebido ou é perturbado. O nosso tradutor deve

também traduzir o que sobressai nesse sentido ao atento leitor do original como próprio, como intencional, como efeito para o tom e a afinação da alma, como diferencial para o acompanhamento mímico e musical do discurso. Mas quantas vezes, e até é quase um milagre se não se tem de dizer sempre, a fidelidade rítmica e melódica e a dialética e a gramatical estarão em briga implacável uma contra a outra! Quão difícil que no oscilar para cá e para lá, algo aqui, algo lá não seja sacrificado, muitas vezes não surja justamente o inoportuno! Que difícil mesmo o tradutor realmente substituir imparcialmente, o que ele teve que aqui suprimir de cada um, onde a ocasião o exige, e, mesmo que inconsciente, não caia em uma unilateralidade persistente porque sua inclinação é dedicada a um elemento artístico e não ao outro! Porque se nas obras artísticas ele prefere o conteúdo ético e seu tratamento, então ele perceberá menos onde ele foi injusto com a forma métrica e musical e, ao invés de pensar na substituição, contentar-se-á sempre mais com uma tradução que entre cada vez mais no fácil e, por assim dizer, no parafrástico. Se ocorrer /226, porém, que o tradutor é um músico ou um métrico, então ele deixará o elemento lógico para o final, para apoderar-se completamente só da musicalidade e, ao se perder cada vez mais nessa unilateralidade, tanto mais tempo e tanto mais infeliz ele trabalhará. E quando se comparar seu trabalho no todo com o original, pensar-se-á que ele, sem percebê-lo, sempre chega próximo àquela pobreza escolar, na qual o todo é perdido nas particularidades, pois se, por amor à analogia física do tom e do ritmo, o que em uma língua é fácil e traduzido com naturalidade, é traduzido com expressões difíceis e escandalosas em uma outra, assim no todo tem de surgir uma impressão completamente diferente.

- Outras dificuldades mais se apresentam quando o tradutor olha para a sua relação com a língua na qual ele escreve e para a relação de sua tradução com suas outras obras. Se excluirmos aqueles mestres maravilhosos a quem várias línguas são iguais ou porventura uma aprendida é mais natural que a língua materna, para quem, como dito, de modo algum pode ser traduzido; todas as outras pessoas, independente da familiaridade com que lêem uma língua estrangeira, ficam sempre com a sensação do estrangeiro. Como, pois, o tradutor deve fazê-lo para transplantar também em seus leitores, a quem ele apresenta a tradução na língua materna dos mesmos, aquela sensação de que eles têm algo estrangeiro à sua frente? Dir-se-á naturalmente que a palavra para esta charada já foi encontrada e que ela muitas vezes já foi solucionada, talvez mais que bem demais entre nós, pois quanto mais a tradução se associar de forma exata às expressões da língua original, tanto mais estranha ela será para o leitor. Claro, é bem fácil rir desse procedimento em geral. Somente se não se quiser fazer essa alegria simplória demais, se não se quiser despejar o mais magistral com o mais escolar e pior em uma banheira, tem de se admitir que uma imprescindível exigência desse mé-/227todo de tradução é um caráter da língua, que não só não é cotidiano, mas que também deixa pensar que ela não crescera totalmente livre, mas que, muito antes, curvou-se a uma estranha semelhança. E tem de se admitir que se faz isso com arte e medida, sem desvantagem própria e sem desvantagem para a língua, essa talvez seja a maior dificuldade que o nosso tradutor deve superar. O processo surge como o posto mais maravilhoso do rebaixamento para o qual um não mau autor pode transferir-se. Quem não gostaria de deixar sua língua materna aparecer em todo lugar na beleza mais popular da qual somente cada classe seria capaz? Quem não preferiria gerar filhos que representem a raça paterna pura em vez de bastardos? Quem gostaria de se publicar, de se mostrar em movimentos menos leves e menos graciosos do que realmente poderia e, de vez em quando, ao menos parecer rude e teso para se tornar tão escandaloso quanto necessário ao leitor, para que ele não perca a consciência da coisa? Quem gostaria de admitir que é visto como acanhado quando se empenha em ficar tão próximo da língua estrangeira quanto ela própria o permite e que se o critique, como a pais que entregam seus filhos a acrobatas, de que, ao invés de treinar sua língua materna em alguma ginástica normal, acostuma-a a manobras estrangeiras e artificiais! Afinal, quem gostaria de ser zombado da forma mais piedosa pelos maiores conhecedores e mestres, de que eles não entenderiam o seu penoso e precipitado alemão se não tomassem o seu alemão heleno e o seu alemão romano para tal! Estas são as resignações que aquele tradutor tem de necessariamente assumir, estes são os perigos aos quais ele se expõe quando, no esforço de manter o tom da língua estranho, não observa a linha mais sutil, e dos quais ele de forma alguma escapa, porque cada um puxa essa linha de maneira um pouco diferente. Se ele agora ainda pensa na inevitável influência do cos-/228tume, então ele pode ficar temeroso de que algo menos

conveniente e rude da tradução pode introduzir-se também em seus produtos livres e originais, e que o sentido sensível para o bem-estar familiar da língua pode truncar-se! E se ele pensa no grande grupo de imitadores e na preguiça e mediocridade que reina no público autor, então ele tem de se assustar de quanta criatura ilegal frouxa, de quanto verdadeiro acanhamento e dureza, de quanto estrago da língua de toda forma pela qual ele talvez tenha de se responsabilizar; pois quase só os melhores e os piores não quererão tirar um falso proveito de seus esforços. Essas reclamações de que uma tradução assim deveria ser necessariamente prejudicial à pureza da língua e ao seu desenvolvimento tranqüilo foram muito ouvidas. Queremos nós agora também colocá-los de lado com o consolo de que também deve haver vantagens em contraposição às desvantagens e que, como todo bem é transferido com o mal, a sabedoria também consiste em levar o menos possível do outro, enquanto se consegue tanto quanto possível do primeiro.¹ Em todos os casos, dessa difícil tarefa conclui-se que na língua materna dever-se-ia representar o estranho. Primeiro, que esse método de tradução não pode prosperar igualmente em todas as línguas, mas somente naquelas que não estão tão presas a limites tão restritos de uma expressão clássica, fora da qual tudo é condenável. Tais línguas comprometidas procurarão a expansão de seu campo por se fazerem faladas por estrangeiros que necessitam mais do que de sua língua materna. Para isso, elas certamente se prestam com preferência. Eles se apropriariam de obras estrangeiras através de imitações ou talvez por traduções da outra maneira, mas eles têm de deixar esta maneira para as línguas mais livres, nas quais desvios e inovações são mais tolerados e de tal forma que de suas agregações em certos /229 empecilhos possa surgir um caráter determinado. Fica claro o suficiente ainda que essa maneira de traduzir não tem valor nenhum se ela só é realizada separada e casualmente em uma língua, pois o objetivo de que um espírito realmente estranho tome o leitor, evidentemente, não é atingido; mas, se ele deve ter uma noção da língua de origem e do que a obra deve a esta, mesmo que seja somente uma distante, e lhe deve ser dada de forma que ele não a entenda, então ele não precisa somente ter a sensação indeterminada de que o que ele lê não lhe soa totalmente familiar, mas deve soar-lhe como algo determinadamente diferente; mas isso só é possível se ele puder fazer comparações em massa. Se ele tiver lido algo que ele sabe ter sido traduzido de outras línguas novas e outro de antigas e que foi traduzido nesse sentido, então certamente se formará nele uma capacidade de distinguir o antigo do novo. Ele terá de ter lido muito mais, porém, se ele tiver de diferenciar a origem helena da romana, ou a italiana da espanhola. E mesmo isso ainda mal é o objetivo maior; mas o leitor da tradução somente estará equiparado ao melhor leitor da obra do original quando aquele, além do espírito da língua, puder compreender vaga e sucessivamente com mais certeza o espírito peculiar ao autor na obra, para o que naturalmente o talento da visão individual é o único órgão, mas para este é indispensável uma massa ainda muito maior de comparações. Estas não estão à disposição quando só esporadicamente algumas obras dos mestres são traduzidas em alguns gêneros. Por esse caminho mesmo os mais bem formados leitores podem conseguir somente um conhecimento incompleto do estranho através da tradução e nem é de se pensar que eles possam elevar-se a um julgamento próprio, seja sobre a tradução, seja sobre o original. Por isso, essa forma de traduzir /230 exige uma tradução em grande escala, um transplantar de literaturas inteiras em uma língua, e ela também só tem sentido e valor em um povo que tem uma tendência definida a apropriar-se do estranho. Trabalhos isolados desse tipo só têm valor como precursores de uma vontade genérica em desenvolvimento e em formação nesse procedimento. Se esses trabalhos não a incentivam, então eles têm uma oposição também no espírito da língua e na época; conseqüentemente eles só podem parecer como tentativas falhas, e também para si eles só podem ter pouco ou nenhum sucesso. Mesmo quando a coisa passa do limite, não é fácil de se esperar que um trabalho desse tipo seja aplaudido por todos, por mais excelente que seja. Nesses cuidados todos a se tomar e dificuldades a se superar, diferentes visões têm de se desenvolver sobre quais partes da tarefa devem ser salientadas e quais, ao contrário, devem ser subordinadas. Assim, de certo modo, formar-se-ão diferentes escolas entre os mestres e diferentes partidos no público como adeptos àqueles. E mesmo que esse mesmo método seja a base, poderão surgir diferentes traduções lado a lado da mesma obra, compostas de diferentes pontos de vista das quais não se poderia dizer que uma seja mais completa no todo ou esteja atrás, mas só partes isoladas são melhores em uma, e outras, em outra, e somente todas juntas e relacionadas uma com outra, como uma coloca um valor especial nesta aproximação da língua de

origem ou preservação da própria; a outra, naquela, irão esgotar o trabalho por completo, mas cada uma terá somente um valor relativo e subjetivo por si.

Estas são as dificuldades que se opõem a este método de tradução e as imperfeições que são substancialmente ligadas a ela. Estas uma vez admitidas, deve-se reconhecer o trabalho e não se pode negar o seu merecimento. Ele se baseia em duas condições: que a compreensão de obras estrangeiras seja uma condição conhecida e desejada e que seja concedida uma determinada flexibilidade à língua familiar. Onde estas condições estiverem dadas, a tradução será um fenômeno natural, terá efeito no desenvolvimento geral do espírito e, como ela recebe um valor determinado, terá também uma apreciação garantida.

Como fica, porém, com o método oposto, que não exige nenhum empenho e esforço de seu leitor para levar-lhe o autor estrangeiro em seu presente imediato e que quer mostrar a obra assim como ela seria, se o autor mesmo a tivesse escrito originalmente na língua do leitor? Essa exigência não raras vezes foi declarada como aquela que se deveria colocar a um verdadeiro tradutor e como muito superior e mais perfeita em comparação àquela; também foram realizadas tentativas em separado, ou talvez obras-primas que, naturalmente, primaram o suficiente por esse objetivo. Deixem-nos ver, ora, qual é a situação e se talvez não fosse bom se esse procedimento até agora indiscutivelmente raro ocorresse mais e se se reprimisse aquele duvidoso e em muitas partes insuficiente.

Vemos logo que a língua do tradutor desse método não tem o mínimo a temer. Sua primeira regra deve ser não se permitir nada que também não seja permitido em cada obra original da mesma espécie na língua familiar, por causa da relação em que se encontra o seu trabalho com uma língua estrangeira. Ele tem a obrigação tanto quanto qualquer um, ao menos a mesma preocupação de zelar pela limpeza e perfeição da língua, de seguir a mesma leveza e naturalidade estilística que devem ser louvadas a seu autor na língua original. Também é certo que nós não podemos montar uma fórmula melhor que apresentá-lo discursando assim como devemos imaginar que ele teria discursado na nossa, sobretudo se o grau de desenvolvimento em que ele encontrou a sua língua tiver uma semelhança com o grau de desenvolvimento em que a nossa ora se encontra, se quisermos tomar bem explícito aos nossos conterrâneos o que um autor foi para a sua língua. Em um determinado sentido, podemos imaginar como Tácito teria discursado se tivesse sido um alemão, isto significa, mais exatamente, como um alemão discursaria se ele fosse na nossa língua o que Tácito foi na sua; e, seja louvado aquele que se imagina isso tão vivamente de modo que ele realmente consegue deixá-lo discursar! Mas se isso poderia acontecer ao deixá-lo dizer as mesmas coisas que o romano Tácito discursou na língua latina, é uma outra pergunta e não fácil de responder, pois, é algo bem diferente compreender corretamente e apresentar de alguma forma a influência que um homem teve em sua língua, e é algo novamente bem diferente querer saber de que forma seus pensamentos e a expressão dos mesmos teriam se transformado se ele tivesse sido acostumado a pensar e a se expressar originalmente em uma outra língua! Quem estiver convicto de que essencial e mentalmente pensamento e expressão são exatamente a mesma coisa, e nesta convicção, pois, baseia-se toda a arte de todo entendimento do discurso e também, pois, de todo traduzir, pode ele querer separar uma pessoa de sua língua de nascença e achar que uma pessoa ou também só uma linha de pensamento de uma pessoa poderia tomar-se uma e a mesma em duas línguas? Ou se ela, mesmo assim, for diferente de certa forma, ele pode arrogar-se de dissolver o discurso até a sua maior profundidade possível, recortar nele a parte da língua, e, através de um processo novo como que químico, deixar juntar o mais profundo da mesma com a essência e a força de uma outra língua? Evidentemente, para resolver essa tarefa, deveríamos separar perfeitamente na obra escrita de um homem tudo o que for influência, mesmo que da forma mais remota, de algo que ele falou e ouviu desde a sua infância na sua língua materna e agora como que levar à forma pura própria de pensar compreendida em sua linha sobre um determinado objeto tudo aquilo que tivesse sido influência de tudo aquilo que ele tivesse falado e ouvido na língua estrangeira desde o início de sua vida ou desde seu primeiro contato com ela até que ele tivesse sido capaz de pensar e de compor originalmente nela? Isto não será possível antes que se possam formar produtos orgânicos através de um processo químico artificial. Sim, pode-se dizer que o objetivo de traduzir da forma como o autor mesmo tivesse escrito originalmente na língua da tradução não é só inatingível, mas em si mesmo também fútil e

vazio; pois quem reconhece a força formadora da língua, como ela é uma coisa só com as particularidades do povo, também tem de confessar que para cada um mais esclarecido principalmente todo o seu saber e também a possibilidade de apresentá-lo são formados com e através da língua e que ninguém está ligado a sua língua somente mecânica e externamente como que em tiras, e que da mesma forma fácil com que se tira uma parelha e se coloca uma outra, assim também alguém pudesse apresentar uma outra língua segundo preferências no pensar, que muito mais cada um só produzisse originalmente na sua língua materna, e nem se pudesse questionar sobre como ele teria escrito suas obras em uma outra língua. Contra isso, naturalmente, cada um citará duas situações que aparecem com freqüência o suficiente. Evidentemente, primeiro existia uma habilidade de escrever, de filosofar e de compor originalmente em uma outra língua que a de nascença, não só em algumas exceções, pois assim ainda ocorre, mas também em grande quantidade. Por que não se deve então transferir essa prática no pensamento para cada autor que se quer traduzir, para obter uma medida mais segura? Não, porque essa habilidade /234 tem a condição de só aparecer nos casos em que na língua de nascença o mesmo realmente não poderia ser dito ou, ao menos, não por ele mesmo. Se nós retornarmos aos períodos em que as línguas românicas começaram a se formar, quem pode dizer que língua era então a de nascença das pessoas de lá? E quem negaria que àqueles que seguiram uma vocação, a língua latina foi mais língua materna do que o latim vulgar? Mas isso está ainda mais abaixo das necessidades singulares e das atividades do espírito. Enquanto a língua materna ainda não está formada para estas, aquela língua continua sendo a língua materna parcial da qual aquelas direções do espírito se notificaram a um povo a se formar. Grotius e Leibnitz não sabiam filosofar em alemão e em holandês, ao menos não sem serem pessoas totalmente diferentes. Mesmo se aquela raiz já estiver totalmente seca e arrancada completamente do tronco antigo, quem por si mesmo não é ao mesmo tempo um ser formador e transformador de línguas, tem de, certamente, associar-se arbitrariamente de múltiplas formas ou por motivos subjacentes a uma língua estrangeira de várias formas. Ao nosso grande rei todos os mais finos e mais altivos pensamentos surgiram através de uma língua estrangeira, e ele tinha se apoderado o mais profundamente dela para este campo. O que ele filosofava e compunha em francês, ele era incapaz de filosofar e compor em alemão. Nós temos de lamentar que a grande preferência pela Inglaterra, que dominava uma parte da família, não pôde tomar o sentido de ele apropriar-se desde a sua infância da língua inglesa, cujo último período áureo florescia na época e que é mais próxima da alemã por tanta coisa. Mas podemos crer que, se ele tivesse gozado de uma educação severamente erudita, ele teria preferido filosofar e compor em latim a em francês. Enquanto, pois, isso está subordinado a determinadas condições, enquanto cada um apresenta não em qualquer língua estrangeira, mas /235 somente em uma determinada, e somente apresenta o que não pôde ser apresentado por ele em sua língua materna, assim isso não prova nada para um método de tradução que quer mostrar como alguém teria escrito em uma outra língua o que ele realmente escreveu em sua língua materna. O segundo caso, porém, de um ler e escrever originalmente em línguas estrangeiras, parece mais apropriado para este método, pois, quem negará aos nossos cosmopolitas e aristocratas que as vãs gentilezas que eles expressam em língua estrangeira, eles também pensaram na mesma língua e não primeiramente traduziram internamente do pobre alemão? E como é sua glória saber dizer estas doçuras e finezas igualmente bem em muitas línguas, assim eles certamente também as pensam com igual leveza em todas elas, e cada um também saberá bem do outro como ele teria dito em italiano o que ele agora disse em francês. Somente estes discursos, naturalmente, também não são do campo onde os pensamentos surgem energicamente da raiz profunda de uma língua própria, mas como o agrião que um mágico faz crescer sem nenhuma terra sobre o pano branco. Essas falas não são nem a religiosa seriedade da língua, nem o bonito jogo bem articulado da mesma; mas como os povos se misturam nessa época, de uma forma que antes se conhecia menos, assim há feira em todo lugar, e essas são as conversas da feira, independente de serem políticas, ou literárias, ou sociáveis, e elas, na verdade, não pertencem ao campo da tradução, mas somente ao do intérprete. Se as mesmas se juntam em um todo maior, como certamente às vezes ocorre, e se tornam escrita, assim uma tal escrita que funciona totalmente na vida fácil e graciosa, sem abrir alguma profundidade do existir ou preservar uma peculiaridade do povo, deveria ser traduzida conforme esta regra; mas também somente ela, porque somente ela poderia ter sido composta tão bem /236 também

originalmente em uma outra língua. E essa regra não se alargaria mais que talvez ainda às entradas e ante-salas de obras mais profundas e mais maravilhosas, que muitas vezes também foram compostas no campo da vida social fácil. É que, quanto mais a particularidade do povo adere ao pensamento singular de uma obra e à sua concatenação e, talvez, além disso, até ainda ao caráter de um tempo já ultrapassado, tanto mais, na verdade, a regra perde o seu significado. Porque, mesmo que em muitos aspectos ainda continue verdadeiro que a pessoa se torna culta, em determinado sentido, só a partir da compreensão de mais línguas, e um cosmopolita, assim nós temos de confessar que, assim como nós não consideramos a cidadania cosmopolita como a verdadeira, aquela que, em momentos importantes, reprime o patriotismo, assim também em relação às línguas um tal amor geral, que quer equiparar qualquer língua para o uso vivo e mais nobre, independente se antiga ou nova, à língua paterna não é o certo nem o verdadeiro formador. Assim como a um país, a pessoa tem de se decidir a pertencer a uma língua ou à outra, ou ela oscila sem segurança em um meio infeliz. É justo que no nosso meio ainda hoje se escreva em latim por via oficial, para manter viva a consciência de que esta foi a científica e santa língua materna dos nossos antepassados. É salutar que isso ocorra em outros lugares no campo da ciência européia coletiva por causa da mais fácil circulação, mas nesse caso isso também só dará resultado à medida que para uma tal apresentação o objeto é tudo, e a visão própria e o entrelaçamento, pouco. O mesmo ocorre com o romano. Quem escreve uma tal língua por obrigação ou por ser a oficial, certamente estará consciente de que seus pensamentos são alemães em primeira instância e que ele começa a traduzi-la já bem cedo, enquanto o embrião ainda se forma. E quem se sacrifica por ela por causa de /237 uma ciência, este somente se sentirá um pouco desobrigado e sem tradução secreta onde ele se sente totalmente no poder do objeto. Naturalmente, além disso, também, existe uma admiração livre pelo escrever em latim ou em romano, e se com ela realmente se tivesse em mira produzir tão bem e tão originalmente em uma língua estrangeira como na própria, então, sem pensar, eu a proclamaria uma arte injuriosa e mágica, como o tornar-se sócia, com o qual o homem não só pensaria em zombar das leis da natureza, mas também em confundir outras pessoas. Certamente não é assim, mas essa admiração é somente um fino jogo mímico com o qual no máximo se passa gentilmente o tempo nas ante-salas da ciência e da arte. A produção na língua estrangeira não é um original, mas lembranças de um determinado escritor ou também da maneira de uma determinada época, que quase representa uma pessoa universal, que dão uma idéia da alma quase como uma imagem externa viva, e a imitação da mesma conduz e determina a produção. Por isso também raramente surge algo nesse caminho que tivesse um verdadeiro valor além do da exatidão da imitação. E pode-se gozar tão mais inofensivamente da obra artística preferida quando em todo o lugar se entende claramente o suficiente a pessoa representada. Mas se contra a natureza e os costumes alguém se tornou um desertor formal da língua materna e se rendeu a uma outra, então não é ironia mais honrada e mais celebrada quando ele assegura que nem consegue mais se movimentar naquela, mas isso é somente uma justificativa que ele deve a si mesmo, que sua natureza realmente é um milagre natural contra toda ordem e regra, e um sossego para os outros, que ao menos ele não é um sócia como um fantasma.

Ativemo-nos tempo demais às formas estrangeiras e tivemos a intenção de discursar sobre o escrever em língua estrangeira /238, em vez de discursar sobre tradução de línguas estrangeiras. Mas a questão é a seguinte. Se não é possível escrever algo digno e ao mesmo tempo necessário de tradução enquanto arte, originalmente em uma língua estrangeira, ou se isso ao menos é uma exceção rara e maravilhosa, então também não se pode construir a regra para a tradução: ela deve pensar como o autor mesmo teria escrito isso na língua do tradutor, pois não existe uma abundância de exemplos de escritores bilíngües de onde se pudesse fazer uma analogia que o tradutor pudesse seguir, mas em todas as obras que não se assemelham à conversa cotidiana ou ao estilo comercial, ele estará entregue quase só à sua ilusão conforme o método acima. Mas o que se pode retrucar quando um tradutor diz ao leitor: - aqui eu te trago o livro como o homem o teria escrito se ele o tivesse escrito em alemão, e o leitor lhe responde: - eu estou tão ligado a ti como se tu tivesses me trazido o quadro do homem de como ele pareceria se sua mãe o tivesse concebido com um outro pai? Pois se o verdadeiro espírito do autor é a mãe das obras, que em um sentido maior pertencem à ciência e à arte, então a língua de sua pátria é o pai delas. Tanto uma obrzinha de arte como a outra faz referência a juízos secretos que ninguém possui e somente como jogo pode-se apreciar tão

ingenuamente uma quanto a outra.

O quanto a aplicabilidade desse método é limitada, e no âmbito do tradutor quase nula, comprova-se da melhor maneira quando vemos em que dificuldades insuperáveis ele incorre em ramos separados da ciência e da arte. Se temos de dizer que já na utilização da vida comum existem somente poucas palavras em uma língua das quais uma corresponderia perfeitamente à outra em qualquer outra língua, de forma que esta pudesse /239 ser utilizada em todos os casos em que aquela, e que na mesma relação em que aquela, ela também tivesse sempre o mesmo efeito, assim esta ainda vale mais do que todos os conceitos quanto mais lhe for misturado um conteúdo filosófico e, pois, na maior parte, da verdadeira filosofia. Aqui mais do que em qualquer outro lugar, cada língua, apesar das simultaneidades diferentes e das visões que seguem uma sobre a outra, contém um sistema de conceitos que por se tocarem, interligarem, completarem na mesma língua são um todo cujas partes separadas não correspondem, porém, a nenhuma outra do sistema de outras línguas, mal apenas descontando Deus e Ser, o substantivo original e o verbo original, pois também pura e simplesmente o geral, ainda que estiver fora do campo das particularidades, é iluminado e colorido por ela. Neste sistema da língua, a sabedoria de cada um tem de aflorar. Cada um tira do que existe, cada um ajuda a trazer à luz o que não existe, mas o que é pré-modelado. Só assim a sabedoria de cada um está viva e pode realmente dominar a sua existência, que ele já resume completamente nesta língua. O que resta ao tradutor de um autor filosófico diante da diferença dos elementos em ambas as línguas senão ou parafrasear – com o que, porém, ele não atinge o seu objetivo, pois uma paráfrase nunca parecerá e nem poderá parecer como algo produzido originalmente nesta língua – ou ele tem de reformular toda a sabedoria e ciência de seu homem para o sistema da outra língua e, assim, transmutar todas as partes separadas, não se podendo ver como poderiam ser dados limites à arbitrariedade mais selvagem, pois, se o tradutor não quer inclinar a língua da tradução para a língua original tanto quanto possível, para nela deixar vingar se possível esse bem formado sistema de conceitos; se ele muito mais quer deixar seu autor falar como se ele tivesse formado pensamentos e fala originalmente em uma outra língua. Temos de dizer que quem tiver /240 apenas o mínimo de cuidado para esforços e desdobramentos filosóficos nem pode se envolver em um jogo tão solto. Platão responsabilizar-se-á se eu, a partir do filósofo, chegar ao autor de comédias. Este gênero artístico está mais próximo ao campo da conversa social no que concerne à língua. Toda a apresentação vive nos costumes do tempo e do povo que, por sua vez, se espelham vivamente de preferência na língua. Leveza e naturalidade na graça são a sua primeira virtude e justo por isso as dificuldades da tradução aqui são bem extremas conforme o método observado há pouco, pois cada aproximação a uma língua estrangeira prejudica aquelas virtudes da apresentação. Mas se a tradução quer deixar um autor teatral discursar como se ele tivesse composto originalmente na língua da tradução, então muitas coisas ela nem pode deixá-lo apresentar porque não é familiar a esse povo e, assim, não tem um signo na língua. Aqui o tradutor tem de ou excluir por completo e com isso prejudicar o impacto e a forma do todo, ou ele tem de colocar outra coisa neste lugar. Neste campo, pois, a fórmula inteiramente seguida conduz, naturalmente, à pura imitação ou a uma mistura ainda mais salientemente nojenta e desconcertante de tradução e imitação que joga o leitor desumanamente para cá e para lá como uma bola entre o seu mundo e o estranho, entre a descoberta e a piada do autor e dos tradutores, do qual ele não consegue ter uma apreciação pura, mas das quais, por fim, com certeza leva mentira e fadiga o suficiente. Em contrapartida, o tradutor conforme o outro método não tem nenhuma intimação para tais mudanças arbitrárias, porque seu leitor deve sempre ter presente que o autor viveu em um outro mundo e escreveu em uma outra língua. Ele só é indicado para a difícil arte de suprir o conhecimento deste mundo estranho da forma mais curta e mais útil e para deixar transparecer em todo o lugar a maior facilidade e naturalidade do original /241. Ambos esses exemplos tirados dos extremos mais externos da ciência e da arte mostram claramente o quão pouco o verdadeiro objetivo de traduzir tudo, a apreciação mais autêntica possível de obras estrangeiras, pode ser atingida por um método que quer inspirar completamente na obra traduzida o espírito de uma língua estranha a ele. A isso soma-se ainda o fato de que cada língua tem a sua particularidade também nos ritmos para a prosa tanto como para a poesia e que, se a ficção deve ser feita, o autor também poderia ter escrito na língua do tradutor, e então também dever-se-ia deixá-lo aparecer nos ritmos dessa língua, com o que sua obra se desfigura ainda

mais, e o conhecimento de sua singularidade, que a tradução proporciona, fica ainda muito mais limitada. De fato, essa ficção, na qual a teoria da tradução agora observada se baseia, ultrapassa muito a finalidade desse negócio. Traduzir conforme o primeiro ponto de vista é uma questão de necessidade para um povo do qual só uma pequena parte pode adquirir um conhecimento suficiente de línguas estrangeiras, mas uma parte maior tem um sentido para a apreciação de obras estrangeiras. Se esta parte pudesse transformar-se totalmente naquela, então aquele traduzir seria desnecessário e dificilmente alguém se encarregaria desse esforço ingrato. Não é assim com a última maneira. Esta não tem nada a ver com a necessidade, ela é muito mais a obra da concupiscência e da arrogância. As línguas estrangeiras poderiam ser tão expandidas quanto possível e o acesso a suas obras mais nobres poderia ser livre para cada capacitado e ainda continuaria um empreendimento estranho, que só reuniria um número de ouvintes tanto maior e tanto mais apreensivo, se alguém promettesse apresentar-nos uma obra de Cícero ou de Platão como estes homens mesmos a teriam escrito agora e diretamente em alemão. E se alguém nos conseguisse fazer realizar isso /242, não somente na própria língua materna, mas ainda em uma outra estrangeira, esse, evidentemente, seria para nós o maior mestre na difícil e quase impossível arte de dissolver os espíritos das línguas uns nos outros. Percebe-se, no entanto, que este não seria, no sentido rigoroso, um traduzir, e a finalidade também não seria a apreciação mais exata das obras em si, mas tornar-se-ia sempre mais uma imitação, e apreciar verdadeiramente uma tal obra artística, ou uma peça artística só poderia aquele que, já de outro lugar, conhecesse diretamente aquele autor. E a verdadeira finalidade só poderia ser a de, em partes, levar à contemplação a mesma relação de algumas expressões e combinações em diferentes línguas em um determinado caráter, e, no todo, a de iluminar a língua com o espírito próprio de um mestre estrangeiro, mas este totalmente separado e desligado de sua língua. Como aquele só é um jogo artístico e gracioso e este se baseia em uma ficção quase impossível de se realizar, assim percebemos o quanto esta forma de tradução é realizada somente em poucas tentativas e estas mesmas também mostram claramente que em grande quantidade não se pode proceder assim. Expliquemo-nos também que certamente só mestres excelentes, que podem se confiar a realização de maravilhas, podem trabalhar conforme este método; e com razão somente aqueles que já realizaram os seus próprios deveres com o mundo e que por isso podem comprometer-se mais facilmente com um jogo provocante e um pouco perigoso. Mas, tanto mais facilmente também compreendemos que os mestres que se sentem em condições de tentar algo assim olham com bastante compaixão para o negócio daqueles outros tradutores, pois eles acham que somente eles na verdade exercem a bonita e livre arte, mas aqueles lhes parecem estar muito mais próximos da interpretação no que, porém, servem também à necessidade, mesmo que a uma um pouco superior. E eles lhes parecem dignos de compaixão por utilizarem muito mais arte e dedicação que necessário em um ne- /243gócio subordinado e ingrato. Por isso eles também estão muito prontos para o conselho, ao invés de tais traduções, poderíamos recorrer tão bem quanto se pudesse à paráfrase, como os intérpretes também o fazem em casos difíceis e duvidosos.

E agora? Devemos aceitar essa opinião e seguir esse conselho? Os antigos evidentemente traduziram pouco naquele seu sentido mais verdadeiro, e também a maior parte dos povos mais recentes, intimidados pelas dificuldades da verdadeira tradução, contentam-se com a imitação e a paráfrase. Quem afirmaria que jamais foi traduzido algo nem das línguas antigas nem das germânicas para a francesa! Mas mesmo que nós alemães déssemos ouvidos a esse conselho, não o seguiríamos. Uma necessidade interna na qual uma profissão própria do nosso povo se expressa claramente o suficiente levou-nos à tradução em massa; nós não podemos retornar e precisamos seguir. Como talvez somente por transplantação de variedades de plantas estrangeiras nosso solo mesmo se tornou mais rico e mais fértil e o nosso clima mais agradável e mais suave, assim nós também sentimos que a nossa língua só pode prosperar bem renovada e desenvolver completamente a sua força própria através do contato multilateral com o estrangeiro, porque nós mesmos a modificamos menos por causa da indolência nórdica. E com isso parece coincidir que, por causa de seu respeito ao estranho e de sua natureza mediadora, o nosso povo estaria determinado a unir todos os tesouros da ciência e da arte estrangeiras com e ao mesmo tempo em sua língua como que em um grande todo histórico, que seria guardado no centro e no coração da Europa, para que ora com o auxílio da nossa língua, cada um pudesse apreciar o que os mais diferentes períodos trouxeram de bonito tão pura e tão

perfeitamente quanto possível ao estrangeiro. De fato, essa parece ser a verdadeira função histórica da tradução em grande escala, como ela ora é familiar para nós. Para isso, porém, somente um método é aplicável, o que nós observamos primeiro. As dificuldades do mesmo que nós não encobrimos, a arte deve aprender a vencê-las tanto quanto possível. Um bom começo está feito, mas resta a maior parte. Muitas tentativas e ensaios ainda precisam ser feitos também aqui antes de surgirem algumas obras excelentes, e muita coisa que brilha no início, depois é superada por melhores. O quanto alguns artistas já venceram as dificuldades, ou abriram um caminho bem sucedido por entre elas, é visível nos muitos exemplos. Mesmo que menos versados trabalhem nesse campo, nós não queremos arranjar dos seus esforços terrivelmente grande mal para a nossa língua, pois, primeiro deve ser sabido que, em uma língua na qual o traduzir é feito em tão grande escala, também existe um campo lingüístico próprio para as traduções e que muita coisa lhes deve ser permitida o que em outros campos não deve ser tolerado. Quem, contudo, continua a transplantar incompetentemente tais inovações, encontrará poucos ou nenhum seguidor. E se nós só não quisermos terminar a conta por um tempo curto demais, então já podemos contar com o processo assimilatório da língua, que ela expulsará novamente tudo o que foi aceito só por uma necessidade passageira e não concordara verdadeiramente com a sua natureza. Em contrapartida, não podemos negar que muita coisa bonita e forte só se desenvolveu na língua, em parte ou somente através da tradução, em parte ou foi retirado do esquecimento. Nós discursamos muito pouco e conversamos proporcionalmente demais. E é incontestável que há tempos a escrita também tomou essa direção, e que a tradução não colaborou pouco para fazer valer um estilo mais rígido novamente. Se chegar o dia em que tivermos uma vida pública da qual, por um lado, deve desenvolver-se uma sociedade mais substanciosa e mais justa em relação à língua; por outro, será ganho um caminho livre para o talento do orador, então talvez nós necessitemos menos da tradução para o aperfeiçoamento da língua. Tomara que esse tempo chegue antes de termos passado dignamente por todo o círculo do esforço da tradução!